



Capazes.pt: Pertinência e eficácia desta plataforma na comunicação com a sociedade civil, sobre o Feminismo, a Igualdade de Género e a Defesa dos Direitos das Mulheres

Ana Teresa Correia e Silva de Oliveira Marques

Dissertação de Mestrado

Ciências da Comunicação

março de 2018

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação, variante de Cinema e Televisão, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Lucília Marcos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar devo uma palavra especial à Professora Doutora Maria Lucília Marcos por ter manifestado interesse imediato pelo tema do trabalho, pelo acompanhamento, observações e palavras de incentivo que resultaram sempre em estímulo e energia para prosseguir. Muito obrigada.

Agradeço às Capazes, em particular à Vera Sacramento pela disponibilidade e à Cristina Andrade pela força, carinho e confiança que depositou sempre neste trabalho. Deixo igualmente registada uma palavra de agradecimento à Carla Macedo, editora executiva da delas.pt que tão prontamente se disponibilizou a responder às minhas perguntas.

Voltar ao ambiente académico vinte e sete anos depois, nesta modalidade “pós-laboral” e fisicamente distante foi uma tarefa desafiante, solitária e da maior disciplina. É por esse motivo que não posso deixar de agradecer ao Joaquim que fez esta travessia comigo, à Mariana para quem espero que a minha constante procura de conhecimento inspire, à minha mãe Teresa que à distância, não me deixou vacilar.

CAPAZES.PT: PERTINÊNCIA E EFICÁCIA DESTA PLATAFORMA NA COMUNICAÇÃO COM A SOCIEDADE CIVIL SOBRE O FEMINISMO, A IGUALDADE DE GÉNERO E A DEFESA DOS DIREITOS DAS MULHERES

ANA TERESA CORREIA E SILVA DE OLIVEIRA MARQUES

RESUMO

A capazes.pt é uma plataforma online que decorre da constituição de uma associação que iniciou oficialmente a sua atividade em 2014 e que tem por objetivo promover a comunicação e a sensibilização da sociedade civil para a igualdade de género, defesa dos direitos das mulheres e empoderamento das mesmas, fomentando a ocupação igualitária das mulheres no espaço público. Com esta reflexão pretende-se analisar os atributos desta plataforma online, considerando as suas características associadas às questões de forma e às questões de conteúdo, assumindo o propósito de explicar o sucesso deste espaço de afirmação do feminismo ou dos feminismos, inevitavelmente integrado no atual contexto político e social global que nesta área em particular tem obtido contributos assinaláveis. Capazes é um projeto em maturação com um fim ativista bem definido que diariamente se justifica a si próprio, através de ferramentas eficazes que dispõe para comunicar, principalmente pela interatividade que consegue gerar. A plataforma capazes.pt é pertinente pois traduz a necessidade evidente de colocar no debate público questões fundamentais para a sociedade portuguesa no geral e para as mulheres em particular. Esta reflexão sobre o feminismo enquanto causa global não faria sentido sem ser enquadrada na história do feminismo em Portugal e nas diversas correntes que o feminismo ou os feminismos têm assumido criticamente pondo em causa a matriz normativa patriarcal vigente e que resultam da intersecção e interligação de temas como sexualidade, género, classe social, etnicidade, etnocentrismo, combinando diferentes perspetivas e somando múltiplos contributos.

Palavras-chave: Ativismo Online; Empoderamento; Igualdade de Género; Feminismo

ABSTRACT

Capazes.pt is an online platform that stems from the establishment of an association that officially initiated its activity in 2014 and aims to promote the communication and awareness of civil society for Gender Equality, defence of the rights of and empowerment of women, fostering the egalitarian occupation of women in public space. With this reflection it is intended to analyze the attributes of this online platform, considering its characteristics associated with issues of

form and content issues, assuming the purpose of explaining the success of this space of affirmation of feminism or of Feminisms, inevitably integrated into the current global political and social context that in this particular area has obtained significant contributions. The *Capazes* is a project in maturation with a well defined activist end that daily justifies itself, through effective tools that it provides to communicate, mainly by the interactivity it manages to generate. The capazes.pt platform is pertinent because it translates the obvious need to put in the public debate fundamental issues for Portuguese society in general and for women in particular. This reflection on feminism as a global cause would not make sense without being framed in the history of feminism in Portugal and in the various streams that feminism or feminisms have critically undertaken by calling into question the patriarchal normative matrix in force and which result from intersection and interconnection of subjects such as sexuality, gender, social class, ethnicity, ethnocentrism, combining different perspectives and adding multiple contributions.

Key words: Empowerment; Feminism; Gender Equality; Online Activism;

ÍNDICE

Introdução.....	1
Capítulo I: Feminismo.....	6
I. 1. Feminismo. Que definição	6
I. 2. O Feminismo e o género – o contributo de Judith Butler	12
I. 3. Do Universo Queer e outros contributos.....	14
I. 4. O Feminismo está na moda?.....	16
I.5. E as quotas? Sim ou Não?.....	21
Capítulo II: Feminismo. E Portugal?.....	23
II. 1. O percurso português	23
II. 2. Feminismo e a República.....	24
II. 3. Feminismo e o Estado Novo.....	28
II. 4. Feminismo em tempo de democracia.....	33
II. 5. O papel das instituições. Portugal + igual?.....	35
Capítulo III: Capazes.pt.....	39
III. 1. As redes sociais online e o ativismo.....	39
III. 2. Capazes.pt- Como é que a plataforma comunica?.....	47
III. 3. As mentoras da associação – Quem são as Capazes?.....	49
III. 4. O caso particular das crónicas da Capazes.....	52
Capítulo IV: Metodologia.....	54
IV. 1. Comunicação Online. Cronologia de notícias.....	55
IV. 2. Inquérito dirigido às cronistas.....	58
IV. 3. Análise de conteúdo às entrevistas.....	71
Conclusão.....	81

Bibliografia	86
Anexos.....	90

Introdução

“A questão de género é importante em todo o mundo. É importante que comecemos a sonhar e a planear um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos de criar as nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos de criar os nossos filhos de uma maneira diferente.”

Chimamanda Ngozi Adichie (2015, p.27)

No seu primeiro ano de atividade, a associação Capazes lançou uma plataforma *online* que, segundo a informação disponível neste sítio, se assume como *“espaço nobre da afirmação da mulher e de discussão dos feminismos, reflexão da condição feminina a nível global, analisando a atualidade informativa e dando palco a todas as mulheres, conhecidas e anónimas que tenham trabalhos válidos e que pretendam dar-lhes visibilidade. Capazes pretende ser o contributo português para esta causa global – o feminismo – afirmando a mulher portuguesa no mundo, dando-lhe poder, incentivando o debate, a reflexão e a discussão e ao mesmo tempo inaugurando uma enorme e luminosa sala de exposições do talento com o holofote apontado para as mulheres.”*

A questão principal que se coloca e que se pretende refletir neste trabalho é perceber a pertinência, a atualidade, a(s) causa(s) que justificam o “sucesso” que esta plataforma tem adquirido desde a data da sua criação em 2014. Que atributos terá esta plataforma relativamente a outras associações ou movimentos que abordam a mesma temática? Que vantagens podem existir num projeto com as características da Capazes que tem crescido na mesma medida em que o debate destes temas se tem multiplicado?

Tratar-se-ão de razões de forma e por consequência associadas à sua **eficácia**?

A versatilidade da comunicação online com a utilização de uma ferramenta com as especificidades desta plataforma interativa com as redes sociais como o *Facebook*, *Instagram* e *Youtube* permite manter acesa uma ideia de exercício de cidadania, de debate numa comunidade virtual onde as figuras públicas empenhadas em expor as suas convicções têm um protagonismo inolvidável.

Ou de conteúdo e como tal **pertinentes** na comunicação?

De que forma os temas aqui abordados encontram a sua expressão e eco? Que importância tem por exemplo a publicação diária de textos inéditos, muitos deles anónimos, histórias reais que são, não raras vezes, manifestações emotivas de quem coloca questões para as quais nunca encontrou resposta.

Tendo em conta que, após um ano de interação, a plataforma registava já cerca de 4 milhões de visualizações, será lícito dizer que existe uma necessidade evidente de debater esta temática e de trazer a público questões globais fundamentais para a sociedade portuguesa e para as mulheres em particular? De procurar (re)definir conceitos de género? De igualdade? De feminismo? Será que podemos afirmar que existe atualmente uma nova vaga do feminismo?

Se recordarmos que há 40 anos atrás, não existia o pleno direito de voto para as mulheres e que todas estavam sob a “tutela” do marido ou do pai, referindo apenas alguns exemplos senso comum dessa desigualdade, parece legítimo dizer que é matéria que ainda não está assente, que não é dada como adquirida ou garantida, apesar das grandes alterações que a revolução de Abril de 1974 e a instauração do regime democrático trouxeram, nomeadamente no campo da legislação com a Constituição de 1976.

Novamente, para perceber a pertinência, a atualidade, a(s) causa(s) que justificam o “sucesso” que esta plataforma tem adquirido desde a data da sua criação, é necessário nomear o que teoricamente tem sido abordado relativamente ao feminismo, ao estudo de género. Como é que podemos contextualizar e interpretar esta “discussão dos feminismos” assumida pelas mentoras da plataforma? Será possível estabelecer uma relação entre as abordagens teóricas decorrentes das mais recentes teorias sobre feminismo, sexo, género e o espaço que a *capazes.pt* pretende assumir?

Na definição destas problemáticas defendidas por diversos teóricos e em diferentes territórios, nos últimos trinta anos, constatamos previamente que a matriz heterossexual vigente, normativa, foi posta em causa e que o papel do género foi repensado, decompondo a dicotomia sexo/género, num enquadramento de um feminismo crítico onde a noção abrangente do termo *queer* toma cada vez mais o seu lugar.

Após a definição e partilha do conhecimento existente sobre esta matéria, fundamental para as questões levantadas neste projeto, será necessário estabelecer pontes para o retrato nacional do Feminismo em Portugal, com as suas particularidades e enquadramento histórico,

político e social. De que características singulares se reveste o percurso da luta dos direitos das mulheres em Portugal? De que forma é que esta travessia realizada pela República, pelo Estado Novo e pelo “25 de Abril” influenciou a perceção que a sociedade portuguesa tem hoje sobre o feminismo e os direitos das mulheres?

Em pleno estado democrático verifica-se que o papel institucional tem uma importância relevante na promoção e defesa da igualdade de género assim como muitas outras organizações não governamentais, instituições, movimentos, têm contribuído ativamente para o desenvolvimento da cidadania e da igualdade entre homens e mulheres. Contudo, neste trabalho em particular e de forma a não dispersar o objeto em causa será dado destaque ao papel da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género e a relação desse organismo nacional com a agenda do feminismo, de forma a clarificar se existe ou não em Portugal uma institucionalização do feminismo.

Depois de uma análise sobre as definições, conceitos e enquadramento histórico da temática do feminismo pretende-se nesta fase abordar detalhadamente a forma como esta plataforma comunica com a sociedade, que tipo de interação produz, que reações despoleta, de que ferramentas se munuiu para concretizar os seus objetivos. Enumeram-se aqui alguns itens que, nesta terceira fase, parecem essenciais à análise da plataforma, do conteúdo que a suporta, da linguagem utilizada e que é expressa sistematicamente no seu discurso de empoderamento.

Afinal como é que a plataforma capazes.pt comunica?

Numa conjuntura em que o papel das redes sociais online é fundamental, a plataforma exprime e comunica o seu ativismo de forma cada vez mais proativa através das redes que lhe estão associadas como o *Facebook*, *Instagram* e *Youtube*, em parte sustentada pela importância e pelo contributo que as figuras públicas assumem enquanto fundadoras e mentoras da Associação e por consequência desta plataforma no feminino.

As/os cronistas têm um papel fundamental na produção diária de conteúdos e possuem esta dupla função de se expressarem individualmente através dos seus textos e de darem voz ao debate que a plataforma pretende fomentar. Confronte-se com a própria definição presente na plataforma, que apresenta as/os cronistas como tendo “diferentes percursos formativos e profissionais, com competências e experiências variadas, que contribuem voluntariamente para

a divulgação de informação e sensibilização da sociedade civil para a igualdade de género, a defesa dos direitos das mulheres e o seu empoderamento.”

As entrevistas realizadas a figuras públicas disponibilizam uma multiplicidade de conteúdos a partir de depoimentos distintos deixando registadas diferentes perspetivas sociais de género.

Considerando que a plataforma *capazes.pt* comunica com a sociedade civil sobre os temas do feminismo com determinado sucesso desde 2014, entendeu-se que, para além de toda a pesquisa bibliográfica e documental de avaliação do conceito que serve de base à questão principal – o feminismo, seria adequado o recurso à análise sistemática do seu conteúdo nos seus múltiplos registos: através das notícias veiculadas, das suas crónicas diárias, das entrevistas que realizaram. Como estratégia de metodologia dividiu-se a análise de conteúdo patente na plataforma em três momentos distintos:

O primeiro contributo em termos de avaliação irá centrar-se no levantamento de notícias nacionais e internacionais que podemos encontrar na imprensa online, tendo em conta o crescente interesse sobre os temas do feminismo de tal forma que é lugar comum ver-se escrito, nos dias de hoje, que o “feminismo está na moda”, associando-se a este destaque um período altamente interventivo de luta pela igualdade de género.

Num segundo momento pretende-se analisar a plataforma dissecando as crónicas que são publicadas diariamente através de um inquérito dirigido a uma amostra de cronistas que participam de modo espontâneo, mas de forma ativa e interventiva na escrita diária de textos sobre temas do feminismo com o objetivo de compreendermos a relação que se estabelece entre cronistas e a própria plataforma e por esta via, que tipo de comunicação é que é estabelecida com a sociedade civil.

Num terceiro momento, pretende-se avaliar o conteúdo das entrevistas patentes na plataforma com a designação “Capazes” com o objetivo de aferir sobre que temas do feminismo se concentram estes entrevistados? se são ou não feministas convictos? que situação se vive nos dias de hoje sobre os direitos adquiridos (ou não) das mulheres? se existe ou não um tipo de feminismo associado às diferentes gerações de entrevistados? Que visão possuem do feminismo e da igualdade de direitos no mundo que os rodeia? A expectativa é que possamos dizer no final

deste trabalho, tal como a nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, que “Todos devemos ser feministas” (2009, p.9).

Capítulo I - Feminismo

I.1. Feminismo. Que definição?

“Feminismo é uma palavra velha com má reputação”. Assim o afirmou uma das mulheres que se distinguiu, entre muitas outras razões que aqui poderia nomear, por ocupar um espaço político nunca antes nem depois ocupado por uma mulher: Primeiro, como Ministra dos Assuntos Sociais nos II e III Governos Provisórios (1974/1975), do qual se destaca a sua responsabilidade na criação da Comissão da Condição Feminina, antecessora da atual Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género. E mais tarde, em 1979, assumindo a liderança do V Governo Constitucional, um executivo da iniciativa do presidente da República, General Ramalho Eanes.

Maria de Lourdes Pintassilgo, tal como a descreve Maria Conceição Nogueira no dossier temático *Inscrição das Mulheres no Espaço Público: Identidade(s) em Construção*, presente na página oficial da Fundação Cuidar o Futuro, *“preferia falar de mobilização (movimentos) de mulheres, conseguida através de práticas de conscientização. Movimentos de mulheres que lutassem pela emancipação, não só das mulheres, mas que estivessem presentes na construção de um mundo igual e livre para todas as pessoas, vítimas de uma sociedade dominada pela violência e pelo interesse económico desregrado. As mulheres devem insurgir-se contra a globalização selvagem e derrotar a hegemonia económica global, que só tem trazido maiores desigualdades.*¹

A mulher que não apreciava particularmente a palavra feminismo justifica amiúde as suas reflexões sobre o este conceito em geral, manifestando-o em diversos momentos da sua vida pública, constituindo uma das suas maiores preocupações. Procurando a sua definição mais abrangente, refere-se sempre a movimentos do passado e do presente, tendo sempre muito claro que a denúncia e a luta contra as práticas sexistas que se referem a hábitos, atitudes, muitas vezes expressas em má legislação, serão sempre o primado destes movimentos. O facto de alguém pertencer a determinado sexo não pode ser sinónimo de estatuto inferior nem deve retirar a oportunidade à participação na vida social (Pintassilgo, 1981, p.12).

Em 2005, Ana Luísa Amaral e Ana Gabriela Macedo, no Dicionário da Crítica Feminista que organizaram, optaram por colocar o verbete do conceito com uma entrada dupla

¹ Consulta na página oficial da fundação Cuidar o Futuro, www.arquivopintassilgo.pt

“Feminismo/Feminismos”, o que sugere desde logo que a sua definição não se encerra em conceitos telegráficos e objetivos mas numa multiplicidade de sentidos.

As autoras (2005, p.76) começam por nomear Janet Radcliff Richards que apresenta as orientações feministas em dois grandes grupos: liberais e radicais. O feminismo liberal engloba as correntes que defendem genericamente a igualdade, assentando em valores comungados por todos universalmente, tendo como base os ideais dos iluministas do séc. XVIII. Reivindicativo, este movimento dito tradicional ou igualitário, promove a igualdade de direitos sociais e políticos entre homens e mulheres. O feminismo radical distancia-se do anterior porque tal como a essência da palavra que o define quer ir à raiz, ser drástico nas suas posições e nas reformas absolutas que pretende instituir politicamente.

As mulheres estão no centro da teoria e da prática. Os valores pelos quais lutam são por mulheres e para as mulheres e não em representação de outros grupos sociais. O feminismo radical nomeia o Patriarcado, essa estrutura social dominada pelo homem, como uma estrutura opressiva de dominação masculina que influi na esfera pública e privada das mulheres. Os movimentos feministas radicais defendem por isso que a igualdade em termos masculinos não é suficiente, deve ser promovida uma revolução total das estruturas sociais. Pese embora não se consiga inserir Simone de Beauvoir na linha teórica do feminismo radical, o seu livro, *O Segundo Sexo*, teve influência nas autoras feministas radicais. (cf. Macedo & Amaral, 2005). Publicada em 1949, esta foi uma obra referencial na história do movimento de mulheres, em especial a partir dos anos sessenta e setenta, com a genericamente designada segunda vaga dos feminismos, que coincide com outros movimentos sociais e políticos de rutura com a sociedade com grande expressão nos Estados Unidos da América e na Europa. “*Não nascemos mulheres; tornamo-nos mulheres*” é o aforismo central da obra de Beauvoir, referenciada muitas vezes como a “mãe do feminismo” que problematiza o conceito de mulher enquanto construção social. A mulher é o “outro”, sinónimo de inferioridade em relação ao masculino que se apresenta como norma e por isso é vital a defesa dos direitos das mulheres no que toca à independência, à autonomia e à autodeterminação.

Ana Gabriela Macedo e Ana Luísa Amaral (2005) referem ainda outras definições de Feminismo que se assumem pela noção de **diferença** ao invés da **igualdade**. No feminismo cultural e no feminismo pós-moderno, as mulheres não pretendem ser como os homens, pretendem sim que os seus valores sejam considerados. A diferença não é entendida

politicamente como discriminação de género mas como algo positivo. Para destacar esta posição, convocam Maggie Humm, reconhecida autora sobre a temática feminista, que define diferença como uma polaridade necessária entre homens e mulheres e entre as próprias mulheres (Macedo & Amaral, 2005, p. 76).

O feminismo cultural distingue-se por ser um movimento essencialista que não quer mudar o Mundo mas sim reavaliar a posição das mulheres, dando-lhes mais força, realçando as características do seu universo: a maternidade, a ligação à terra e à natureza, defendendo uma ética do cuidado. O que nos reporta novamente ao texto de Maria Conceição Nogueira sobre Feminismo e Movimentos de Mulheres, disponível na página oficial da Fundação Cuidar o Futuro². Note-se “...Cuidar o Futuro” foi a designação escolhida para o nome da Fundação, remetendo para o termo “cuidar”, para um mundo assente no “cuidar”.

*“Apesar da palavra feminismo ser uma palavra que não lhe agradava particularmente, podem ler-se em Maria de Lourdes Pintasilgo ideias muito próximas do denominado feminismo cultural. O feminismo cultural centra-se na mudança das mulheres como grupo, na construção da sua identidade sociocultural. Esta perspetiva feminista propõe-se analisar as mulheres partindo da sua peculiaridade, do seu ponto de vista especial e específico (...) trata-se de analisar os aspetos que fazem parte da cultura das mulheres, observados a partir dos seus pontos de vista, e não da perspetiva masculina. Nesta vertente do feminismo podemos encontrar autoras como Nancy Chodorow ou Carol Gilligan (a esta última Maria de Lourdes refere-se com alguma frequência) e diferentes posicionamentos teórico-epistemológicos que levaram a uma linha de investigação baseada na ética do cuidado”.*³

Noutra vertente, a articulação do feminismo com o pós-modernismo ou com o pós-estruturalismo, revela uma nova preocupação em destacar o feminismo do pensamento e humanismo racionalista ou liberal. Pretende-se que este possa beneficiar também de uma nova visão aberta à pluralidade, opondo-se às abordagens do feminismo liberal ou radical já descritos anteriormente. Ressalve-se que dentro destas duas correntes existem outras ramificações, outros olhares, outras conceções que os distinguem num ou noutro aspeto em particular, mas

² Consulta em página oficial www.arquivopintasilgo.pt

³ Dossier temático “Inscrição das Mulheres no Espaço Público: Identidade(s) em Construção”, presente na página oficial da Fundação Cuidar o Futuro, www.arquivopintasilgo.pt

que neste contexto de definição introdutória aos feminismos não me pareceu pertinente esmiuçar.

A corrente pós-modernista do século XX assenta em três questões essenciais: a do sujeito, a da epistemologia, a da questão política (Amaral & Macedo, 2005, p.72).

Segundo esta teoria crítica do feminismo, a luta pelos direitos das mulheres só poderá ser feita com a mudança de paradigma relativamente ao sujeito. A rejeição pós-moderna do sujeito enquanto entidade ontológica unitária, procurando a sua descentralização.

As autoras citam Luce Irigaray, quando esta afirma por exemplo em *Speculum de l'autre femme*, que “toda e qualquer teoria do sujeito foi sempre apropriada pelo masculino” pelo que não é possível pensar uma teoria do sujeito de modo a incluir o feminino; a única via possível será, antes, a rejeição de qualquer teoria do sujeito. Assim, numa perspetiva pós-moderna, e no âmbito de um pensamento que toma a morte do sujeito como condição essencial ao questionamento da epistemologia humanista liberal, o feminismo aponta para uma “desessencialização” da categoria mulher (Macedo & Amaral, 2005, p.72).

Em ensaio publicado na revista *XXI, Ter Opinião*, a jornalista Anabela Mota Ribeiro cita Ana Luísa Amaral, quando esta afirma a importância da diferença, no reconhecimento de que as mulheres são todas diferentes como os homens o são também: “A categoria ‘mulher’ é um conceito instável, com múltiplos significados e variantes (raça, classe social, idade, orientação sexual). Por isso é que, para mim, é curto falar-se só de igualdade de género. E é por isso que gosto da teoria queer: ela desafia as certezas relativamente às continuidades entre o sexo anatómico, a identidade sexual, a escolha do objeto sexual e a prática sexual.”

Na senda da reflexão apresentada no Dicionário da Crítica Feminista, por Ana Luísa Amaral e Ana Gabriela Macedo, chegamos à segunda questão essencial, a epistemologia: “a segunda questão prende-se com o modo como o pós-modernismo rejeita a existência de uma ‘verdade única’, o que levanta interrogações em relação à possibilidade de distinção entre o bem e o mal e, do ponto de vista do feminino, levanta interrogações importantes em relação à possibilidade de articulação de uma política que está baseada nas premissas da igualdade em que o humanismo assenta.” Assim, o feminismo pós-moderno baseia-se na pluralidade de saberes e de perspetivas, que assentam na tolerância dos outros e promovem a heterogeneidade e a diferença. Uma abordagem mais aberta, ampla e menos espartilhada em categorias.

Ainda na mesma reflexão é referida pelas autoras uma terceira interrogação: A questão que está relacionada com a forma como o pós-modernismo pode esvaziar a teoria crítica do feminismo da sua dimensão política. O receio de alguns setores feministas prende-se, por um lado, com o facto de a dissolução da noção de sujeito ir contra uma das mais velhas aspirações do feminismo, tal como anteriormente entendido, que consiste, precisamente, na conquista pelas mulheres do estatuto de “sujeito”, de que se tinham visto excluídas ao serem constituídas como o outro, o objeto (cf. Beauvoir, 1972)

Por outro lado, alguns movimentos mostram-se preocupados relativamente ao modo como a rejeição das noções de verdade e de conhecimento científico, renunciada na teoria pós-modernista, terão repercussões num novo conceito de feminismo que se rejeita a si próprio enquanto conceito.

Nesse sentido, Ana Luísa Amaral e Ana Gabriela Macedo referenciam Rosi Braidotti, chamando a atenção para este aspeto fundamental que é o facto de que mesmo as feministas que se filiam no pós-modernismo enquanto instância teórica, através do qual é possível pensar as questões de género, advertem para a necessidade de enquadrar os seus discursos num projeto político, sem o qual o feminismo não fará o menor sentido (Braidotti citada por Macedo & Amaral, 2005, p.73).

Manuela Tavares na sua tese de doutoramento sobre Feminismos em Portugal (1947-2007) levanta a seguinte questão: “em que medida a produção teórica sobre as correntes do feminismo ficou limitada pela crítica pós-moderna ao sujeito?”. A teoria pós-moderna de desconstrução e fragmentação do sujeito “mulheres” com base nas diferenças em termos de cultura, etnicidade, orientação sexual e classe, trouxe um vazio, embora transitório, no pensamento feminista, quanto à possibilidade de uma intervenção enquanto grupo de mulheres. É neste contexto que se procura refletir sobre o “ativismo feminista” e levantar algumas questões construídas em torno deste conceito, nomeadamente a existência de uma certa dependência da agenda política que deve ser tida em conta nestes feminismos (Tavares, 2008, p.68).

É necessário referir também que muitas das correntes designadas genericamente como Pós-feministas, vieram expressar posições teóricas muito díspares entre si. Por um lado, o Pós-Feminismo é incorporado numa perspetiva reativa relativamente ao feminismo, no qual é comum encontrarmos a utilização do termo “Backlash”.

A jornalista americana Susan Faludi foi a primeira a utilizar esta expressão que reflete uma reação antagonista a uma tendência ou acontecimento, no caso em concreto, aos direitos conquistados na Segunda Vaga dos movimentos feministas nos anos 60/70 (a primeira vaga está associada aos movimentos que se destacaram no século XIX e início do século XX, nomeadamente a luta pelo sufrágio feminino). Na sua obra *“Backlash, The Undeclared War Against American Women”*(1991), a autora desvenda e denuncia uma máquina de propaganda conservadora expressa nas mais diversas áreas da sociedade americana, traduzida no medo e no preconceito relativamente aos direitos conquistados a partir dos anos 70, defendendo que as mulheres viriam a ser ou seriam as maiores prejudicadas por essas conquistas.⁴

O pós-feminismo abraça, por outro lado, todas as correntes que vieram reinventar o feminismo refletindo uma pluralidade de abordagens transdisciplinares, não negando o percurso realizado até ao momento, nem tão pouco assumindo o “prefixo” da designação como o lugar onde todas as batalhas já estão garantidas.

Muitos outros movimentos proliferaram e influenciaram a discussão sobre o feminismo, resultantes da intersecção e interligação de temas como sexualidade, género, classe social, etnicidade, etnocentrismo, combinando diferentes perspetivas e somando múltiplos contributos que marcam certamente a atual discussão dos “feminismos” que a plataforma Capazes.pt assume por inteiro *“como espaço nobre da afirmação da mulher e de discussão dos femininos, reflexo da condição feminina a nível global”*⁵.

Centrando novamente a definição de Feminismo. Um dicionário da língua portuguesa, comum⁶, define este nome masculino, como um movimento ideológico que preconiza a ampliação legal dos direitos civis e políticos da mulher ou a igualdade dos direitos dela aos do homem. Ou ainda, como a doutrina que advoga a defesa dos direitos das mulheres, com base no princípio da igualdade de direitos e de oportunidades entre os sexos e o movimento (político, social, cultural, etc.) que procura pôr em prática essa doutrina.⁷

⁴ www.susanfaludi.com

⁵ www.capazes.pt/associação

⁶ www.priberam.pt

⁷ www.infopedia.pt

Como vimos, efetivamente simplista, na medida em que o Feminismo só se define em função de duas vertentes. Da história do feminismo e da produção teórica feminista que produz a sua própria reflexão crítica. Ou seja, através de feminismos.

1.2. O Feminismo e o género – o contributo de Judith Butler

Se em termos gramaticais o termo género distingue o feminino do masculino, na dimensão atual a palavra está impregnada de conteúdo político, social, cultural, assiduamente nomeada em termos de pensamento crítico “com o sentido de categoria sexual socialmente *construída*” (Macedo & Amaral, 2005, p. 87).

A componente biológica foi o ponto de partida para realizar a distinção entre sexos, mas o século XX trouxe uma nova visão a esta categorização, desconstruindo o género enquanto categoria fixa e imutável, trazendo à tona a construção social do comportamento sexual começando por distinguir sexo e género.

Já mencionada em capítulo anterior, Simone de Beauvoir em “*O Segundo Sexo*” afirma isso mesmo na frase “*Ninguém nasce mulher: torna-se mulher*” reformulando a definição tradicional e abrindo o leque à definição de género. Tornar-se mulher, é assumir os papéis que lhe são transmitidos ao longo da vida, subjacentes ao modelo normativo masculino.

A crítica feminista desenvolve-se no século passado prosseguindo para este século, lidando com diversas aceções de género e questionando acima de tudo o feminismo. Caracteriza-se genericamente por entrecruzar sexo, sexualidade, género, classe social, etnia, numa multiplicidade de combinações identitárias que deixaram de ser exclusivamente feministas.

Na década de 90, Judith Butler, um dos nomes referenciais nos estudos de género, introduziu novos conceitos no estudo do feminismo, defendendo que género constrói-se socialmente através do discurso, através de atos performativos definidos pela repetição de atos, gestos, signos, que procuram estar de acordo com um original que não existe em si mesmo. Um discurso construído pelas relações de poder, sob uma matriz heterossexual assegurada pelas oposições binárias do pensamento ocidental: homem versus mulher; macho versus fêmea; masculino versus feminino. Conforme entrevista dada ao *Nouvel Observateur* em 2013⁸, Butler

⁸ Aeschimann, Eric. *Théorie du genre: Judith Butler répond à ses detracteurs*, entrevista publicada no *Le Nouvel Observateur* em 15/12/2013

explica que *“Os estudos de género não descrevem a realidade do que vivemos, mas as normas heterossexuais que pesam em nós. Recebemo-las pelos media, pelos filmes, pelos nossos pais e perpetuamo-las através dos nossos fantasmas e escolhas de vida. As normas dizem-nos o que devemos fazer para ser um homem ou uma mulher”*.

Para Butler, a sociedade tem uma *“ordem compulsória”* que exige uma coerência total entre um sexo, um género e uma prática que é obrigatoriamente heterossexual.⁹ O que não significa que negue o sexo no sentido biológico. Ele está presente embora nunca através de uma relação simples, transparente, conforme. A sua definição necessitará sempre de uma linguagem e de um contexto teórico. A autora promove um feminismo mais inclusivo não se restringindo às definições tradicionais, reconhecendo que género é sempre objeto de discussão política e nunca uma evidência dada pela natureza. E se sexo e género são construídos discursivamente será sempre muito difícil escapar à norma instituída que obriga o sujeito a citá-la correndo o risco de exclusão se não o fizer.

Ainda na mesma entrevista destaca: “...eu posso falar como mulher. Por exemplo, eu posso dizer que sendo mulher eu combato as discriminações que pesam sobre as mulheres. Tal fórmula tem um efeito político incontestável. Contudo, será que ela descreve o que eu sou? Estou eu toda inteira contida nessa palavra ‘mulher’? E será que todas as mulheres estão representadas por esse termo quando eu o utilizo para mim?”

Quando veio a Portugal em 2015, para participar numa conferência como oradora, António Guerreiro em entrevista ao jornal Público apresentou a filósofa norte americana como marcante na teoria feminista contemporânea e uma referência nos estudos gays e lésbicos. *“Reformulou em termos muito polémicos (e com um efeito enorme nos gender studies, que nunca mais deixaram de se situar num horizonte butleriano) a concepção do género como categoria, para além de estar na origem da teoria queer.”*¹⁰

Teoria Queer que a própria Judith Butler sedimenta ao publicar em 1990 Gender Trouble. Quando questionada por António Guerreiro sobre essa obra e a repercussão que teve quer na teoria feminista quer nos estudos de género, Butler refere que *“atualmente, temos de facto debates abertos sobre se ‘mulheres’ se refere apenas a quem coube essa designação por*

⁹ Consultado no blogue Ensaio de Género, Senkevics, Adriano *O conceito de género por Judith Butler: a questão da performatividade*

¹⁰ Guerreiro, António. *Desfazer o género e outras subversões*, in jornal Público online de 29.05.2015

nascimento ou se pode, e deve incluir quem, em determinada altura da sua vida, assume essa designação (...) A questão central em Gender Trouble consistia em abrir categorias que há muito tempo estavam fechadas. Fazia parte de um movimento intelectual, cultural e político mais amplo, embora na altura eu não soubesse que seria a teoria queer.”

Nesta ocasião, Judith Butler afirmava ainda, que apesar da heteronormatividade ter sofrido imensas derrotas, estava bem viva entre os católicos de direita e ainda em vigor na lei e psiquiatria em muitos países nomeando exemplos bem concretos como os ataques violentos ao casamento gay, o assassinio de gays nos Estados Unidos e no Uganda, a patologização da parentalidade gay e lésbica na Polónia.

Já em novembro de 2017, Judith Butler visitou o Brasil, uma vez mais como oradora convidada, esgotando uma sala disposta a ouvi-la. Contudo à porta do local destinado à conferência, em São Paulo, um grupo ultraconservador brasileiro queima uma boneca com o seu rosto numa mostra de ódio e óbvia censura que parece impensável no século XXI, representando nesse ataque pessoal uma petição assinada por mais de 320 mil pessoas, que em conjunto repudiavam a ida da filósofa americana ao Brasil.¹¹

Efetivamente, Judith Butler não se enganou. As suas posições e a temática feminina são à data de hoje, questões verdadeiramente fraturantes.

1.3. Do Universo *Queer* e outros contributos

Os movimentos feministas defendidos nas décadas de 70 e 80 acabaram por ser acusados de exclusivos e preconceituosos por serem defendidos maioritariamente por mulheres brancas, heterossexuais, de classe média reproduzindo os mesmos padrões que se propunham combater. No caso dos movimentos gay verificou-se o mesmo. O ativismo foi liderado por homens, brancos e de classe média. A teoria queer emerge reunindo por um lado uma corrente do feminismo e por outro lado, minorias sexuais com grande pressão social, nomeadamente na década de oitenta, num contexto político que protagonizou a subida da direita nos EUA e na Inglaterra.

Teresa de Lauretis nomeou pela primeira vez o termo, evidenciando a dificuldade de as mulheres se representarem através de uma linguagem e de um aparelho conceptual criado pelos

¹¹ Pinto, Paula Cosme “Queimem a bruxa, grita-se no Brasil em 2017”in Expresso online de 8/11/2017

homens (Macedo & Amaral, 2005, p.161) Defende também, no que diz respeito especificamente ao feminismo, a consciência do social, enquanto campo diversificado de relações de poder, inaugurado pelas feministas negras e lésbicas através da sua prática política, fizeram emergir outras formas de opressão que não apenas a de género/diferença sexual, como o racismo, a homofobia e o paradigma socioeconómico, ligado intimamente ao colonialismo, e promovendo, desta forma, a análise do carácter institucional e específico de cada uma dessas formas de opressão, as suas cumplicidades e contradições.

Os estudos queer sublinham a importância dos mecanismos sociais associados à situação binária hetero/homossexual na organização da vida social contemporânea, dando particular atenção a uma política do conhecimento e da diferença. Em suma, a teoria queer teve o mérito de repensar as categorias identitárias e a forma como o poder estava distribuído na sociedade, bem como a forma como estas práticas e significados se encontram enraizadas historicamente, informando o discurso. As filosofias feministas assentes na diferença sexual, estão intrinsecamente relacionadas com a crise do humanismo ocidental, com a crítica ao falocentrismo, com a crise generalizada da identidade europeia. No entanto, o que se verifica é que as sociedades pós-coloniais, pós-fascistas e pós-comunistas estão mais dispostas a afirmar a sua identidade do que a desconstruí-la. A ironia da questão revela-se ao constatarmos a existência de um novo “sujeito” que argumenta que chegou a hora de afirmação ao invés do sujeito branco, masculino e etnocêntrico que se quer desconstruir. O que se altera não é apenas a representação metafórica do sujeito mas a própria estrutura da sua subjetividade e das relações sociais. Neste contexto parece lícita a pergunta que algumas filósofas feministas colocam: como é que é possível desconstruir uma subjetividade que ainda não foi alcançada como pleno direito?

Esta desconstrução do sujeito, quanto a género, sexo, raça teve outros contributos teóricos que traduzem a importância que o feminismo tem vindo a constituir-se como uma nova geografia dentro dos discursos hegemónicos, afirmando-se defensor da desterritorialização e do hibridismo, com uma consciência nómada. Rosi Braidotti, teórica feminista contemporânea, centra a questão da crítica feminista em outros pressupostos que não o enfoque nas questões de género. Género seria apenas uma característica relevante entre outras como classe social, raça, etnia e orientação sexual. Um dos temas que lhe é caro tem a ver com a reflexão sobre a forma como se perpetua a herança das categorias hegemónicas em nome de uma nova crítica

feminista sem deixar de lado variáveis como a raça ou classe social. Convoca o termo Nomadismo Feminista Pós-Moderno sugerindo que a crítica feminista adote uma consciência nómada. Isto não significa que não se crie bases estáveis para a sustentação de uma identidade. Tal como o conceito de nomadismo, não deve ser adotado como permanente mas vivido em transição. *“Quero propor um projeto criativo, não-reativo, emancipado da força opressiva da abordagem teórica tradicional. Considero a teoria feminista como o lugar de passagem do pensamento logocêntrico sedentário ao pensamento nómada criativo.”* (Braidotti, 2000, p.70). O novo sujeito nómada reflete uma entidade política e epistemológica que deve ser definido pelas mulheres no confronto criativo das suas múltiplas diferenças de classe, raça, estilo de vida e preferências sexuais. A sua abordagem não é indiferente aos recentes fenómenos de migração económica que caracterizam as cidades europeias dos dias de hoje, traduzidas na presença de diversas subculturas estrangeiras assim como os milhares de refugiados que chegam, nos últimos anos a esta parte, à Europa fugindo de territórios devastados pela guerra. Um problema premente nomeadamente quando se assiste a um desenvolvimento crescente de xenofobia enquadrada em movimentos nacionalistas.

De acordo com estas premissas, Braidotti sugere uma definição de feminismo atual destinado a articular as questões do corpo e do género com as questões relacionadas com a subjetividade política e interliga-os com o problema do conhecimento e com a legitimação epistemológica. No entanto, não deixa de referir e deixar pendente a interrogação: “Através de que tipo de interconexões, desvios e linhas de fuga é possível produzir um conhecimento feminista sem se estabelecer em uma nova normatividade?” (Braidotti, 2000, p. 71)

O objetivo primeiro nesta parte inicial do trabalho tem como pressuposto enquadrar genericamente e não de forma exaustiva a definição ou definições do feminismo enquanto conteúdo subjacente à compreensão da temática da capazes.pt, ficando reservada a importância da forma na comunicação da plataforma para outros capítulos esmiuçados mais à frente. Escolher é sempre excluir algo e é certo que tal como foi dito anteriormente, o feminismo só se define na variedade das vivências femininas revelando o próprio paradoxo da condição da mulher. Vejamos alguns exemplos observados na comunicação dos temas do feminismo.

I.4. O Feminismo está na moda?

Do espaço da teoria crítica voltamos ao tema proposto: Perceber de que forma é que uma plataforma online como capazes.pt tem enquadramento nos dias de hoje na comunicação dos Feminismos.

Ouvimos permanentemente a frase “o feminismo está na moda!”. Porque se tornou tão pertinente uma plataforma como a Capazes.pt? A existência de um espaço ávido de informação, um lugar vazio que era necessário ocupar com debate, com ideias, com reflexão? Um envolvimento necessário à mudança de mentalidades? A definição desse espaço, dessa necessidade de empoderamento está presente na própria definição que as “Capazes” utilizam para si próprias: *“espaço nobre da afirmação da mulher e de discussão dos feminismos, reflexão da condição feminina a nível global, analisando a atualidade informativa e dando palco a todas as mulheres, conhecidas e anónimas que tenham trabalhos válidos e que pretendam dar-lhes visibilidade. Capazes pretende ser o contributo português para esta causa global – o feminismo – afirmando a mulher portuguesa no mundo, dando-lhe poder, incentivando o debate, a reflexão e a discussão e ao mesmo tempo inaugurando uma enorme e luminosa sala de exposições do talento com o holofote apontado para as mulheres.”*

Se em 2014, data da criação da Associação Capazes, era nomeado o termo empoderamento, com uma ambição bem vincada, aliás termo muito utilizado neste tipo de movimentos de afirmação do feminino, em 2017 este empoderamento vive de variadíssimas expressões e de diferentes iniciativas, sejam elas sob a forma de organizações não governamentais, projetos editoriais, empresas de comunicação, movimentos, que surgem a uma velocidade vertiginosa, o que permite constatar que existia uma lacuna no país, na comunicação com a sociedade civil sobre os temas do feminismo e da igualdade de género e que portanto estas iniciativas revelam-se da maior pertinência. Confronte-se por exemplo com o recente movimento Chicas Poderosas. A jornalista e fundadora Mariana Moura Santos refere em entrevista dada ao Expresso em outubro de 2016, que quando chegou à América Latina com uma bolsa do *International Center of Journalists* percebeu que havia poucas mulheres na área dos media a trabalhar em tecnologia digital. Decidiu então criar um programa de *mentorship* onde as mulheres que se sentiam iletradas nesta área, maioritariamente masculina, pudessem aprender, partilhar e crescer juntas. Segundo declarações da sua principal mentora, a ideia foi um sucesso e hoje as Chicas Poderosas pensam globalmente, mas agem localmente com as embaixadoras de

cada comunidade. Mariana Moura Santos refere mesmo que uma das razões que levou ao sucesso deste movimento teve a ver com a palavra “Chicas”. O facto desta palavra constar no nome das demais iniciativas promovidas por esta rede, sugeria desde logo temas do feminino e como tal ganhava à partida a adesão das mulheres.

Podemos dizer que não foi por acaso que a rede chega a Portugal em 2016, ano da primeira conferência tecnológica *Websummit*. A colaboração da rede “Chicas Poderosas Portugal” com a Antena 3, nasce em outubro de 2017 através da gravação de *podcasts*¹², disponíveis em RTP Play, iTunes e Soundcloud, colocando mulheres e homens a ouvir histórias de sucesso inspiradoras. A rede constitui-se e o empoderamento faz parte do léxico utilizado. Presente nas principais redes sociais, as Chicas Poderosas manifestam-se semanalmente em antena nacional, na gravação de entrevistas a homens e mulheres, conduzidas pela jornalista Catarina Marques Rodrigues, ela própria menção honrosa nos prémios de comunicação Corações com Coroa 2017 pelo seu trabalho desenvolvido no Observador e na RTP, em concreto na área da igualdade de género e questões LGBTI. O lema do podcast Chicas Poderosas resume-se de forma simples: *“Este é um podcast que parte de um olhar de mulheres sobre o mundo e é para todos os géneros cores e feitios. O poder vai chegar-te aos ouvidos.”* Uma vez mais, um movimento que se dedica a empoderar as mulheres.

Acrescente-se aliás que o podcast é um modelo que tem tido um crescimento muito particular paralelamente à utilização massiva da internet e dos smartphones, existindo de duas formas distintas: conteúdos que são produzidos especificamente para a rádio e televisão ficando posteriormente disponíveis para podcast ou conteúdos que são produzidos já a pensar nesse modelo de distribuição final. Hoje assistimos a um aumento exponencial de programas em português desenvolvidos para podcast, de acesso gratuito, que se juntam aos muitos milhares que existem na língua inglesa.

Uma vez mais os temas do feminismo estão presentes enquanto conteúdo privilegiado merecendo um espaço próprio. Por exemplo, “Podcasto.” é o título de um programa com um olhar feminino sobre atualidade. “Do Género” é outro exemplo exclusivamente dedicado a temas do feminismo, da responsabilidade do jornal Público que possui na sua estrutura uma equipa de

¹² Associação dos dois termos broadcast e ipod

jornalistas especializados em áudio, desde a concretização do P24¹³, que congrega os vários podcasts disponíveis. Mas das questões da forma falaremos adiante.

Voltamos a outro caso recente de sucesso de uma associação sem fins lucrativos, que nasce em 2012 pelas mãos de Catarina Furtado e que um ano depois é reconhecida pelo Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, como Organização Não-Governamental para o Desenvolvimento. A “Corações com Coroa”¹⁴ assume-se como promotora de uma cultura de solidariedade e de igualdade de oportunidades apostando no desenvolvimento de uma consciência social e política resumida no lema “Apoiar uma mulher, é apoiar uma família, uma comunidade, um país.” Catarina Furtado, figura pública incontornável, assume este papel, inspirada na sua experiência como Embaixadora de Boa Vontade do Fundo das Nações Unidas para a População, afirmando publicamente que decidiu fazer nascer a “Corações com Coroa” por saber que em Portugal existe espaço para atuar no que diz respeito à igualdade de oportunidades, nomeadamente em relação ao género: meninas, jovens e mulheres em situação de vulnerabilidade e risco.

Apela-se novamente ao espaço de debate, ao espaço onde a ação é pertinente e tem a garantia de visibilidade, aqui inevitavelmente indissociável da figura reconhecida publicamente. Note-se que o estudo realizado pela *Marktest*¹⁵ acerca de “Figuras Públicas e Marcas em Portugal 2017” que permite conhecer a opinião dos portugueses face à participação de figuras públicas em campanhas publicitárias ou de sensibilização social, colocou Catarina Furtado em lugar de destaque relativamente às suas características pessoais ou atributos relacionados com credibilidade.

A “Corações com Coroa” vai mais longe, promovendo desde 2013 o Prémio de Comunicação “Corações Capazes de Construir” distinguindo trabalhos de todos os meios de comunicação social – imprensa, rádio, televisão e internet que se destaquem pela promoção do conhecimento, informação, sensibilização dos Direitos Humanos numa perspetiva de igualdade de direitos e oportunidades bem como de inclusão social.

¹³ <https://www.publico.pt/podcasts>

¹⁴ <http://www.coracoescomcoroa.org>

¹⁵ Relatório disponível em <http://www.marktest.com/>

Vejamos outro exemplo com uma vertente de negócio, revelando a existência de um potencial segmento de mercado. “Delas” é uma revista digital. Conforme mencionado no seu estatuto editorial, Delas.pt tem como *“base jornalística e o seu objeto temas e conteúdos que interessam – sobretudo – às mulheres. As mulheres que são das principais consumidoras de todo o tipo de informação, mulheres que se importam com a atualidade e todas as áreas do conhecimento, mas não veem refletido nas notícias o seu envolvimento real na sociedade, na economia e em todas as outras áreas da vida. Por isso, Delas terá como missão dar conta do papel da mulher no mundo. Desde a defesa da igualdade de género como parte essencial dos direitos humanos, até temas práticos que ajudam no dia-a-dia e na gestão do quotidiano feminino.”* O Delas.pt como site de informação para mulheres pensado de raiz para a internet possibilita uma cobertura mais alargada dos assuntos da atualidade que a periodicidade de uma revista em formato de papel não permite. Carla Macedo¹⁶ declarou sobre a revista *“A nossa prática de trabalho é a de um jornal diário. Temos uma linha editorial dedicada às mulheres. Temos como prioridade mostrar as mulheres protagonistas em todas as áreas. Sim, podemos chamar à Delas.pt uma revista feminista, na medida em que equilibramos a representação dos géneros nas notícias – uma vez que os jornais generalistas, embora cada vez menos, continuam a ter como pivots, comentadores e protagonistas das notícias sobretudo homens.”*

Em 2016, foi lançada uma edição em papel que assinalou o primeiro aniversário do Delas.pt. No seu editorial, Catarina Carvalho¹⁷, dá conta de como esta revista digital se tornou líder no seu segmento desde o segundo mês de existência e que a informação disponível é direta, prática e com melhor medida das suas consequências. A consulta do ranking netscope (medição auditada do tráfego dos sites) de outubro de 2017 revela que Delas.pt continua líder no seu segmento à frente de outras publicações como Activa, Máxima, Vogue e Cosmopolitan. No editorial acrescenta ainda, sobre a pertinência do projeto *“Onde estão as mulheres que consomem informação? Online. Onde está a informação online que desejam consumir? Em lado nenhum”*.

A Delas.pt tem também uma emissão programada na TSF, um magazine semanal onde são entrevistadas mulheres que discutem e debatem a atualidade. O programa *“Conversas*

¹⁶ Depoimento em entrevista realizada a Carla Macedo, editora executiva da Delas.pt

¹⁷ Diretora da revista digital delas.pt

Delas” pretende ter um olhar renovado sobre o mundo, à margem de estereótipos, sem temas tabu, nem mesmo aqueles que por tradição estão associados ao universo feminino.

Estes são três exemplos nacionais, com diferentes características, que tal como a *capazes.pt* procuram ocupar este espaço global de discussão da condição feminina, mobilizando, convocando, legitimando o debate sobre os feminismos, encontrando uma audiência sensível a esta temática, enquadrada numa conjuntura política e social que não só recebe a informação como participa na produção da mesma. Vejamos a breve trecho, a título de exemplo, como a agenda política nacional se pronuncia sobre a questão das quotas de género, intervindo e legislando no sector público e empresarial.

I.5. E as quotas. Sim ou não?

Hoje, ouvimos falar permanentemente de género e por consequência de igualdade de género e a estes está associada a polémica questão das quotas de género.

Que tema é este do feminismo? porque é tão presente? e porque gera tanta controvérsia? Em Portugal, tal como em outros países da esfera europeia, a invisibilidade das mulheres na política está progressivamente e lentamente a ser alterada mesmo com o enraizamento cultural de determinados pressupostos de diferenciação de géneros. Ainda assim, dados disponibilizados pela Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género¹⁸ revelam que na primeira década após o 25 de Abril de 74, a presença feminina na Assembleia da República rondava os 5,7% e até 2005, não houve particular evolução, rondando os 21,3%.

Em 2015, os números refletem que a Lei da Paridade de 2006 produziu um efeito acelerador, passando as mulheres a representar cerca de 33%, limiar de paridade aliás, tal como está definido por lei.

Regina Tavares da Silva prefere falar de paridade em vez de quotas, porque falar de quotas já é discriminar. No artigo que escreve na revista *XXI, Ter Opinião*¹⁹ cujo tema geral se prende com a Igualdade, refere que os princípios base de uma sociedade democrática e

¹⁸ Indicadores Chave disponíveis na página oficial da CIG

¹⁹ Revista XXI, Ter Opinião, número oito, 2017

respeitadora dos direitos fundamentais têm sido reconhecidos nas últimas décadas, integrados em constituições e consagrados nas políticas públicas. Mas a relativa inércia que a evolução social acarreta, fez despoletar uma série de respostas e as quotas inscrevem-se nesta perspetiva, encarada como medidas mais ou menos temporárias que permitem alavancar de uma forma mais célere a igualdade entre homens e mulheres. *“Está, aliás, na moda falar das quotas como se aí se centrasse a questão. Mas elas são apenas uma entre outras estratégias, necessariamente decorrentes do assumir da questão da igualdade como questão política, logo da responsabilidade do Estado e da sociedade. Eventualmente a estratégia mais discutida e também a mais controversa quando aplicada às mulheres”* (Silva, 2017, p.87).

O tema das quotas em Igualdade de Género é sempre reativo, nomeadamente quando está em causa a participação das mulheres em lugares de charneira nas empresas, sejam elas públicas ou privadas, lançando sempre a questões do mérito, do preconceito pelo acesso ao lugar ser feito por via do sistema de quotas, do artificialismo no procedimento, etc. A este propósito, Regina Tavares da Silva refere ainda no mesmo artigo, que esta questão tão polémica é despropositada visto que *“toda a organização da representação democrática, desde os tempos imemoriais da antiga Grécia assenta numa lógica de quotas, de distribuição de lugares. E a organização parlamentar também nela encontra os seus fundamentos.”* (Silva, 2017,p.88).

Ainda, no relatório da CIG sobre os indicadores chave da igualdade de género em Portugal, em abril de 2016, a proporção de mulheres nos conselhos de administração das empresas do PSI 20 era ainda bastante desequilibrada: 14% de mulheres contra 86% de homens. Na União Europeia, a média situa-se um pouco acima destes valores com 23% para as mulheres e 77% para os homens. Note-se também que relativamente aos números da educação referentes a 2015, as mulheres estão duplamente representadas em maioria em dois grupos: no grupo que não apresenta nenhum nível de escolaridade completo com 71,2% que pode traduzir a falta de escolarização da população mais idosa e no grupo com o ensino superior completo, com 60,9%, que representará a camada mais jovem da população.

O Estado português apesar de tardio na reflexão sobre esta matéria, aprovou recentemente a Lei nº 62/2017 de 1 de agosto, que vem instaurar um regime da representação equilibrada entre homens e mulheres nos órgãos de administração e de fiscalização das entidades do setor público empresarial e das empresas cotadas em bolsa. O artigo 4º - 1 desta lei define que a proporção de pessoas de cada sexo designadas para cada órgão de administração

e de fiscalização de cada empresa não pode ser inferior a 33,3 %, com data efetiva a partir de 1 de janeiro de 2018. Mais à frente, no artigo 5º - 1, refere também que as empresas cotadas em bolsa (empresas com ações admitidas à negociação em mercado regulamentado), a proporção de pessoas de cada sexo designadas de novo para cada órgão de administração e de fiscalização de cada empresa não pode ser inferior a 20 %, a partir da primeira assembleia geral eletiva após 1 de janeiro de 2018, e a 33,3 %, a partir da primeira assembleia geral eletiva após 1 de janeiro de 2020. A lei refere ainda que as empresas infratoras correm o risco de pagar sanções pecuniárias no caso de incumprimento sendo ainda obrigadas a elaborar anualmente planos para a igualdade tendentes a alcançar uma efetiva igualdade de tratamento e de oportunidades entre mulheres e homens, promovendo a eliminação da discriminação em função do sexo e fomentando a conciliação entre a vida pessoal, familiar e profissional, devendo publicá-los no respetivo sítio na Internet. A elaboração dos planos para a igualdade deve seguir o previsto no «Guião para a implementação de planos de igualdade para as empresas», disponível no sítio na Internet da Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, e nos produtos desenvolvidos no âmbito do projeto «Diálogo social e igualdade nas empresas», disponíveis no sítio na Internet da Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.

O Estado considerou ser este o caminho mais indicado para atingir o equilíbrio de representação por géneros, à semelhança do que têm sido outras experiências na Europa. Mas chamo a atenção novamente para a posição de Regina Tavares da Silva quando defende que não deveríamos falar de quotas, mas de paridade. “Porque as quotas justificam-se para a defesa de interesses próprios de grupos ou sectores específicos, sejam estes jovens, minorias ou quaisquer outros. Acontece que as mulheres não são nem um grupo nem um sector específico; elas estão – tal como os homens – em todos os grupos e em todos os sectores, porque são metade da humanidade e um dos seus grandes componentes” (p.90).

Acrescenta-se esta reflexão sobre quotas/paridade procurando mostrar que esta como tantas outras, é uma questão central na sociedade portuguesa atual, assumindo novo protagonismo que só o futuro dirá se produtivo. É este o retrato do estado da nação quanto à representação de género nas empresas, mais de quarenta anos após a aprovação da Constituição de 1976, mais de dez anos passados sobre a Lei da Paridade.

Capítulo II - Feminismo. E Portugal?

II.1. O percurso português

A situação das mulheres portuguesas mudou radicalmente durante o século XX, num país que viveu quatro regimes políticos diferentes: o final da monarquia, a I República, o Estado Novo e a Democracia. A primeira vaga do feminismo como já vimos na I parte deste trabalho data do fim do século XIX e início do século XX e foi composta genericamente pela luta dos direitos legais e cívicos das mulheres. A situação da mulher portuguesa estava regulada pelo Código Civil de 1867, o Código de Seabra, composto por diversos artigos assentes numa relação de total subjugação da mulher pelo homem. A luta pelos ideais republicanos veio dar voz a um grupo de mulheres que, ao lado dos homens, procurou impor a reivindicação de direitos, num tom marcadamente feminista, inspirado nos movimentos sufragistas dos Estados Unidos da América e Inglaterra, de uma forma inédita, até então, em Portugal.

Apesar desta afirmação do papel da mulher na sociedade ter tido algumas vitórias durante esta fase liberal, nomeadamente em diversas alterações realizadas ao código civil relativamente à lei do divórcio, à igualdade de direitos entre cônjuges, administração de bens, etc., o direito ao voto não chegou a ser contemplado, não obstante ter surgido sempre como uma reivindicação essencial.

Enquanto que a República negou o sufrágio feminino justificando a influência que o clero exerceria sobre a mulher, o Estado Novo concedeu, pela primeira vez em Portugal, o voto a algumas mulheres, de forma a garantir a presença conservadora e católica no hemiciclo. O discurso antifeminista do regime salazarista e a necessidade de moldar as mulheres ao bem da família e da nação condicionou significativamente a sociedade portuguesa cujo virar de página só se verifica com o 25 de Abril de 1974 e consequente queda da ditadura salazarista. Já em Democracia foram extraordinárias as alterações verificadas na afirmação dos direitos das mulheres, embora à data de hoje, em pleno século XXI, não estejam ainda sanadas todas as situações de desigualdade.

Não podemos entender o contexto atual do feminismo em Portugal sem procurar conhecer qual foi a sua origem. De que particularidades se reveste? Como é que foi sustentado durante este período da História? Quais as suas fragilidades? E no caso particular deste trabalho,

de que forma é que o seu percurso influenciou a reflexão crítica do feminismo e a sua manifestação na atualidade?

II.2. Feminismo e a República

Podemos situar as primeiras expressões do feminismo português após e na sequência da revolução republicana de 5 de outubro de 1910, nomeadamente na luta pelo sufrágio feminino, embora já existissem algumas manifestações e associações de mulheres conscientes da ausência dos seus direitos. Estas eram representadas por uma minoria mais letrada e esclarecida num universo à época composto por uma elevada taxa de analfabetismo, feminina, mas também masculina.

Neste período destaca-se notoriamente Carolina Beatriz Ângelo, como protagonista de um momento marcante da história das mulheres em Portugal, tornando-se mesmo uma referência internacional: A primeira lei eleitoral da I República (1911) determinava na sua redação relativamente ao direito ao voto, que seria permitido a cidadãos maiores de 21 anos, que soubessem ler e escrever ou aos chefes de família, nunca mencionando se do sexo feminino ou masculino. Foi nessa imprecisão da lei que esta médica e chefe de família (Carolina B. Ângelo era viúva à data das eleições) obteve o seu direito ao voto não sem antes passar por um processo moroso e sem precedentes até conseguir que o seu nome constasse dos cadernos eleitorais. Destacada dirigente política, conciliou a sua vida profissional com uma intensa atividade associativa, circunstância rara à época, destacando-se nos círculos maçónicos e republicanos. Funda, com a escritora Ana de Castro Osório, a Associação de Propaganda Feminista depois de passar por outros grupos e instituições, nomeadamente a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas (1908-1919), a primeira organização que se propôs defender o estatuto das mulheres com uma profunda ligação ao Partido Republicano.

A questão do sufrágio tinha sido uma constante na luta das mulheres republicanas, por isso, perante a vitória política seria lícito pensar que a partir desse momento estaria aberto o caminho que permitiria assegurar os direitos pelos quais tinham lutado e gerado tantas expectativas: mais e melhores condições de vida, direito ao voto, direito à administração dos próprios bens, salário igual para trabalho igual. No entanto, após a consolidação do poder político

e das suas instituições, a realidade tomou um rumo bem diferente e deveras decepcionante, para estas mulheres.

O sufrágio feminino constituiu tema de debate público, envolvendo a imprensa, a classe política e os tribunais, com mais ou menos relevância até 1926. Só a obtenção do direito ao voto traria às mulheres a designação de cidadãs da República, pelo qual tanto tinham lutado, ao lado dos homens, na batalha contra a monarquia. *“Acreditava-se que o voto feminino proporcionaria a cooperação num vasto conjunto de reformas, como estava a suceder nos países onde votava e ocupava cargos políticos, contribuindo, nomeadamente, para combater os níveis de ignorância em que a maioria se encontrava e para minorar os males sociais que alastravam, desde a prostituição e alcoolismo até à mendicância infantil”* (Esteves, 2014. p.475).

Note-se que a própria definição de voto não era absolutamente consensual entre as mulheres. Para algumas, absolutamente prioritário e destinado a todas as mulheres que trabalhassem e pagassem os seus impostos, assumindo desta forma uma posição mais restrita; para outras, essa segmentação seria injusta e não igualitária. Mesmo Carolina Beatriz Ângelo e Ana Castro Osório, também dirigente e ativista republicana, defenderam-no para uma elite de mulheres esclarecidas e cultas e não para uma maioria sem educação política, inconsciente do seu poder e de alguma forma influenciada pelo clero. Facto que esperavam que num futuro ideal se viesse a alterar. A repercussão internacional do ato eleitoral que envolveu Carolina Beatriz Ângelo permitiu a filiação da Associação de Propaganda Feminista na *International Woman Suffrage Alliance*, reconhecida como uma das grandes federações internacionais. Conforme destaca o historiador João Esteves, o voto de Carolina Beatriz Ângelo deve ser enquadrado no âmbito das lutas e mobilização feministas do final da monarquia e não como consequência da I República. Até porque a Constituição elaborada e aprovada pelos constituintes não contemplou o sufrágio feminino. *“O voto, mais do que um acaso, só foi possível porque o feminismo, em Portugal, não surgiu a reboque do republicanismo, nem despoletou com a República, como, por vezes, se pretende veicular”* (Esteves, 2014, p.493).

O sufrágio feminino restrito chegou mesmo a ser ponderado como uma possibilidade. Em 1912, a pressão realizada pelas feministas através de petições, debates e intensa propaganda com eco internacional, conseguiu que o Senado aprovasse o voto para as mulheres com idade mínima de 25 anos desde que diplomadas com estudos superiores. Contudo, para que a proposta de lei se concretizasse era necessária a sua aprovação na Câmara dos Deputados, discussão que

só se realiza um ano depois, penalizando as ambições das mulheres. Em 1913, os legisladores republicanos alteraram a redação da lei passando a constar explicitamente “cidadãos portugueses de sexo masculino”, numa clara barreira à presença feminina no círculo da vida política.

Embora tenham sido empreendidas outras tentativas de sensibilização da classe política por parte de mulheres convictas do sufrágio feminino, em 1915, 1918, e 1920, durante os anos conturbados da República, a verdade é que o vigor dos movimentos feministas foi definhando progressivamente. As mulheres continuaram sem ter direito ao voto e sem poderem ser eleitas. Estava confirmada a ausência de consideração do poder político por estas mulheres e por consequência por todas, recusando-lhes a participação na esfera pública, não lhes reconhecendo as capacidades devidas, nem tão pouco a igualdade de direitos e deveres. O que vem a resultar numa desconfiança total das republicanas por este regime político.

Ainda assim, apesar de infrutíferas nesta matéria, foram expressivas e consistentes as manifestações destes movimentos feministas através de produção literária individual e integrada nas diversas publicações que estes movimentos patrocinavam, onde se propõem definir, defender e justificar os seus ideais. Enumere-se por exemplo o investimento da Associação de Propaganda Feminina que lançou a “A Mulher Portuguesa” (1912-1913) e mais tarde “A Semeadora” (1915-1918). A Liga Republicana das Mulheres Portuguesas editou a revista “A Mulher e a Criança” (1909-1911), o “Boletim do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas” (1914-1917) expressou as opiniões deste movimento que teve continuidade mais tarde na edição da “Alma Feminina” (1917-1946) e “Pel’A Mulher” (1946-1947).

É importante registar a noção do termo feminismo, ora mais moderado ora mais radical, defendido por estas mulheres durante a República, de certa forma em paralelo com outros movimentos feministas internacionais que por diversas vezes assinalaram os movimentos feministas portugueses como moderados, mas determinados, nomeadamente no caso particular de Carolina Beatriz Ângelo. As reivindicações concretas das feministas portuguesas seguem a par com as feministas internacionais; no entanto nunca existiu um movimento feminista de tom polémico e sufragista, no sentido habitual do termo. O nosso feminismo foi sempre um feminismo moderado e relativamente pacífico (Silva, 1982, p.23).

Estas edições periódicas serviram numa primeira fase para elucidar o público leitor sobre o que Regina Tavares da Silva apelidou de “falso feminismo” (Silva,1982, p.11), retirando ao termo todas as conotações associadas ao ridículo e ao escárnio, à visão deturpada de um feminismo definido pela mera imitação do homem pela mulher, pela simples replicação do padrão masculino. O que esta elite de mulheres contemporâneas do início do século XX tentou defender foi a evolução do estatuto social e cultural da mulher, deixando de estar reduzida à dependência masculina, seja no papel da “boneca fútil” ou da “serva embrutecida” (Silva, 1982, p.17), termos utilizados muitas vezes por estas defensoras do feminismo nos seus discursos, na sua forma de propaganda, nas suas aspirações, nos momentos em que procuraram clarificar os seus ideais perante audiências ainda pouco sensíveis e preconceituosas sobre o papel da mulher na sociedade. Educação, instrução e valorização da mulher foram as palavras-chave a par do direito ao voto e da autonomia económica, de mulheres escritoras, médicas, jornalistas, juristas, como M^a Amália Vaz de Carvalho, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Ana de Castro Osório, Adelaide Cabete, Elina Guimarães entre outras que colaboraram nos alicerces do feminismo em Portugal. Foram elas que lhe deram a voz, a expressão, o tom do discurso.

Com o definhamento da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas e da Associação de Propaganda Feminista, em 1918, o feminismo sufragista com militância e atividade, agora mais amargo e desiludido, ficou reduzido ao Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (1914-1947), dirigido por Adelaide Cabete, antiga militante da Liga Republicana. O sufrágio universal, sem restrições baseadas no sexo quanto à capacidade eleitoral do cidadão, só é instituído plenamente muitas décadas depois, com a revolução de 25 de Abril de 1974.

II.3. Feminismo e o Estado Novo

Na Constituição de 1933, estava já bem expressa a ideia de família, da qual homem e mulher faziam parte integrante, núcleo primeiro do Estado Novo, inspirada na doutrina social católica. Os valores defendidos pelo regime eram opostos ao individualismo e às sociedades modernas liberais. A função social da mulher casada estava destinada ao lar e às tarefas que o compõem, enquanto ao homem cabia a responsabilidade de sustentar a família. Uma igualdade aparente na divisão de funções entre homem e mulher, em função do género, pois na verdade mantinha-se uma posição de subjugação paterna ou conjugal. Os esforços do regime para

reenviar a mulher para o lar foram evidentes na redação da Constituição. Começou por reafirmar a igualdade de todos os cidadãos perante a lei, salvaguardando, contudo, a situação de exceção ao princípio de igualdade constitucional relativamente às mulheres, na diferença da sua natureza (fator biológico) e do bem da família (fator ideológico) (Pimentel, 2001 p.29). A diferença sem igualdade ao invés da igualdade na diferença.

Salazar defendeu a recusa de apropriação do espaço público pela mulher casada, na defesa da família tradicional, assumindo a mulher o papel de esposa e mãe, sob a ameaça de arruinar esse pilar familiar se entrasse no mercado de trabalho. Até porque queria evitar a todo o custo que a concorrência feminina desequilibrasse ainda mais o mercado marcado pelo desemprego e pela mão de obra barata feminina e infantil. Foi norma do regime proibir o trabalho feminino em muitos setores profissionais remetendo as mulheres para trabalhos menos especializados, mal pagos, sem possibilidade de progressão nas carreiras e em muitos casos com quotas, (note-se a ironia da questão com a importância atual da paridade e das quotas). Veja-se um exemplo paradigmático desta realidade: relativamente à indústria da cerâmica, o Instituto Nacional do Trabalho e Previdência (INTP) fez sair um despacho em 1939 que proibia a existência de mais de 15% de trabalhadoras femininas no universo total dos trabalhadores. Era comum também as mulheres operárias ganharem menos 30% a 40% do que os homens, conforme indicação na legislação do INTP (Pimentel, 2001, p.47). A doutrina corporativa do Estado era executada através desta instituição, juntamente com a implementação do Estatuto do Trabalho Nacional e com a ação paralela dos Tribunais do Trabalho. Embora a doutrina defendesse que a mulher devia ficar em casa no seu papel de casada e de mãe, na chamada “utopia salazarista” (Pimentel, 2001 p.401), esta situação não se veio a verificar pois os salários dos “chefes de família” eram tão baixos que a esposa e muitas vezes os filhos se viam obrigados a trabalhar para complementar esse rendimento.

Ainda assim, Oliveira Salazar reservou a esfera do espaço público para algumas mulheres, criando uma elite feminina de mulheres solteiras que atuava separadamente e que acreditavam na ideologia do regime. Ao contrário da indiferença política que os dirigentes da I República tinham votado às reivindicações das mulheres, Salazar e o seu regime procurou obter o apoio de mulheres de classe social mais alta, atribuindo-lhes cargos de direção em algumas organizações femininas. A Obra das Mães pela Educação Nacional e a Mocidade Portuguesa Feminina (independente da Mocidade Portuguesa, o que justifica como o regime cingiu homens e

mulheres a diferentes universos) foram duas organizações estatais criadas respetivamente em 1936 e 1937, pelo ministro da Educação à época, António Carneiro Pacheco, com o objetivo de reeducar mulheres de idade adulta, jovens e crianças reenquadrando-as no regime que se exprimia no amor a Deus, à Pátria e à Família.

O fito principal da organização feminina a Obra das Mães pela Educação Nacional (OMEN), formada por uma elite feminina salazarista, era o de manter uma linha única que definisse a moral, a ideologia e a religião para as mulheres, unindo-as contra as correntes femininas de oposição ao regime. A mulher nacionalista repudiaria o liberalismo, o comunismo e o socialismo. A sua responsabilidade era maioritariamente educativa, procurando doutrinar a mulher em cursos de educação familiar administrados nos centros disponibilizados pela organização.

A juventude feminina, por sua vez, foi enquadrada na Mocidade Portuguesa Feminina, de forma conservadora e católica, com o objetivo de a educar para a vida e tarefas do lar e da maternidade, formando a nova mulher no renascimento de uma nação que se substituíra, na ideologia nacionalista, aos anos de decadência liberal. O papel desta organização acabou por se centrar particularmente em zonas urbanas, nas classes médias e altas do ensino liceal, transmitindo valores tradicionalistas, elitistas e redutores de um regime contraditório que, por um lado, defendia a família como “espaço sagrado” e, por outro, retirava as jovens dos lares, impondo-lhes atividades obrigatórias numa estrutura de organização estatal de modelo fascista.

Foi para servir estes propósitos que o Estado, embora antifeminista, atribuiu pela primeira vez em Portugal o direito de voto, embora mediante determinadas condições, convicto que essa legislação reverteria em seu favor.

A emissão do decreto nº 19694, em maio de 1931, define que as mulheres podem votar nas juntas de freguesia, desde que chefes de família viúvas, divorciadas ou separadas judicialmente tendo a família a seu cargo, casadas, mas com os maridos ausentes nas colónias ou estrangeiro. Dois anos mais tarde é alargado o direito de voto às mulheres solteiras, maiores e emancipadas com família própria e idoneidade moral e que permite a votação nas câmaras municipais, à mulher emancipada com cursos secundário e superior, condições necessárias também para as eleições presidenciais. Em 1934, a lei permitia o sufrágio feminino e a elegibilidade para a Assembleia Nacional e para a Câmara Corporativa, às mulheres com mais de 21 anos, às solteiras com rendimento próprio, às chefes de família e às casadas desde que

tivessem ou diploma secundário ou que pagassem contribuição predial (Pimentel, 2001, p.30). O regime acalentava uma certa esperança no voto feminino como o garante da sua permanência no poder.

No campo da educação, a realidade também veio a verificar-se um pouco diferente dos propósitos ideológicos iniciais: combater a taxa de analfabetismo feminino até um limiar mínimo, suficiente para assumir a ideologia do Estado Novo e fornecer às classes mais altas instrumentos para gerir o lar, um mínimo de cultura geral para acompanhar socialmente o marido, praticar a dita caridade e, por causa desta, saber lidar com mulheres de outros estratos sociais. Apesar de direcionar o ensino feminino para áreas mais técnicas como formação em parteiras, educadoras, assistentes sociais ou professoras primárias, os liceus e o sucesso escolar feminino cresceram em larga escala, até no ensino superior, acompanhando a mobilidade social impossível de travar já em plena década de sessenta.

Durante a ditadura, as mulheres não deixaram de estar presentes na luta contra o regime totalitário do Estado Novo, mas deixaram de participar em organizações específicas de mulheres, até porque estas, como vimos, tinham origem no próprio Estado, encarregando-se este de proibir ou esvaziar todos os movimentos não alinhados com o regime. Um exemplo demonstrativo desta política foi o encerramento em 1947 do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (CNMP), com a justificação que o Estado confiava à Obra das Mães para a Educação Nacional (OMEN) a tarefa de educar e orientar as mulheres.

O fim da segunda guerra mundial marcou internacionalmente as mulheres pelo apelo pró-natalista que os governos empreenderam no sentido de promover o regresso das mulheres ao lar. Em Portugal, o movimento feminista sobrevivia letargicamente. Conforme Manuela Tavares salienta na sua tese, a presença de mulheres em posição de destaque era quase insignificante, nos movimentos que pontualmente caracterizaram a luta contra o regime, no pós-guerra e ao longo dos anos cinquenta e sessenta, nomeadamente no Movimento de Unidade Democrática (MUD) ou o Movimento Nacional Democrático (MND), criado na sequência da candidatura de Norton de Matos à presidência da República. As reivindicações dos direitos das mulheres estiveram sempre presentes, mas nunca com a visibilidade e o protagonismo que lhes era devido (Tavares, 2008 p.94). A luta internacional e os movimentos que caracterizaram a segunda vaga do feminismo foram praticamente invisíveis num país fechado em si mesmo e regido por uma censura apertada. No entanto, a guerra colonial e a emigração precipitaram as mulheres para o

mercado de trabalho como consequência da decadência do regime e da crescente revolta e crítica sobre o modelo de família patriarcal, onde o papel da mulher era apenas valorizado em função da maternidade e do lar.

Após um longo período de ausência de associações de mulheres, é formado, em 1968, o Movimento Democrático de Mulheres (MDM) preenchendo uma lacuna política e social nesta área. Reza a assim a apresentação da história do MDM na sua página oficial:

Desde a sua criação numa assembleia na Padaria do Povo em Lisboa, o MDM edifica-se sobre uma estrutura flexível e maleável, que procura criativamente recursos próprios para a sua permanência de acordo com os Estatutos que foram sendo adequados às mudanças da vida. É uma organização que cresceu, ciclicamente, em torno de acontecimentos significativos. Significativos e marcantes pelo tempo em que ocorreram, pelo espaço que ocuparam, pelas mulheres que congregaram a sua atenção numa luta irresistível contra a opressão e a discriminação. (...) E chega Abril e com ele o MDM abre as portas. São muitas as mulheres que se abeiram e se articulam para intervir na sociedade (...). As mulheres começaram a tomar a palavra política. (...) O MDM fervilhava. As mulheres chegavam e não paravam de querer avançar nas suas terras, pela alfabetização, pela criação das infraestruturas, pela mobilização das mulheres, pelo direito à igualdade.

Não há outra forma de falar na década de setenta sem referir as “As Novas Cartas Portuguesas” (1972), de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, que constituíram um marco fundamental na história do feminismo. A obra literária foi retirada de circulação, cinco dias após a sua publicação, tendo a PIDE movido um processo às três autoras, processo que teve um mediatismo internacional sem precedentes. As “três marias” foram sujeitas a interrogatórios da PIDE/DGS, nunca revelando qual das três tinha escrito os textos considerados de maior atentado à moral. O julgamento começou em 1973, mas após sucessivos adiamentos, acabou por não ter desfecho pois deu-se a revolução de “Abril”.

As autoras ganharam uma projeção inimaginável, em termos internacionais, desde a cobertura internacional do julgamento, a manifestações feministas em várias embaixadas de Portugal no estrangeiro, à defesa pública da obra por várias autoras como Simone de Beauvoir, Marguerite Duras, Doris Lessing (Amaral, 2010 p.19).

O seu conteúdo constitui uma denúncia “a vários níveis, da condição social e sexual da mulher e das injustiças de um regime ditatorial” (Macedo, Amaral 2005, p.140). Uma obra literária, de rutura, “servindo para denunciar tanto o mito do amor romântico como o drama do

aborto clandestino, tanto a guerra colonial como a violência doméstica” (Macedo e Amaral, 2005, p.141). Hoje pode ser lido à luz das mais recentes teorias feministas (ou emergentes dos Estudos Feministas, como a teoria queer) uma vez que resiste à catalogação, ao dismantelar das fronteiras entre os géneros narrativo, poético e epistolar (Amaral, 2010, p.21).

Durante muitos anos, a imprensa escrita não teve espaço para os artigos escritos por mulheres, mesmo para aquelas que muitas vezes escreviam sob pseudónimos. Na generalidade, o espaço para os conteúdos femininos era votado aos suplementos temáticos. Exceção feita à jurista Elina Guimarães que escreveu muitos artigos de opinião de defesa dos direitos das mulheres denunciando as limitações das leis do Estado Novo e também a Maria Antónia Palla que se conseguiu impor nas redações maioritariamente masculinas. Antónia de Sousa e Antónia Fiadeiro foram outros nomes de referência que se impuseram no meio jornalístico português (Tavares, 2008, p. 208). Já depois do 25 de Abril, surgiram alguns exemplos de revistas dedicadas exclusivamente à temática feminina como a revista “Mulheres” (1978-1990), um projeto editorial associado ao MDM e “Mulher d’ Abril” (1978-1981), uma publicação da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR). Muitos outros exemplos marcaram as primeiras décadas após a democracia, o que importa registar é que a essa data, a matéria da imprensa escrita dedicada às mulheres era essencialmente escrita por mulheres, lutando por edições muitas vezes moribundas que procuravam chegar a uma audiência que a pouco e pouco despertava de cinquenta anos de um sono profundo.

II.4. Feminismo em tempo de democracia

As mulheres que no 25 de Abril encheram as ruas, falaram nas assembleias, votaram pela primeira vez, constituíram associações, emanadas de um frenesim e entusiasmo sem igual, possuídas de uma cidadania ativa desconhecida, cedo perceberam que as suas expectativas tinham sido ambiciosas e que muitas das suas reivindicações como a legalização do aborto e violência de género não estavam a ter o protagonismo esperado.

A emancipação das mulheres estava inserida na luta generalizada contra o regime. Todavia, a luta das mulheres vai manter-se para lá desta queda do regime, porque erradamente tem origem na conceção de uma esquerda, que não se tendo libertado de posições dogmáticas, não assumiu que as contradições de género existem para além das contradições de classe e que

o feminismo como movimento plural não pode ser visto como algo paralelo ou ser desvalorizado, neste contexto. “Deste modo, não foram apenas as questões objetivas da luta após o 25 de Abril que determinaram a lateralidade dos feminismos na sociedade portuguesa, mas as concepções existentes nas vanguardas dos movimentos sociais que menosprezando as contradições de género, colocaram em segundo plano as reivindicações mais específicas das mulheres” (Tavares, 2008, p.258).

É na defesa desta posição que Manuela Tavares cita Maria Antónia Palla: — “O fascismo foi o principal responsável pelo corte da memória republicana (da luta das mulheres), mas o PCP também teve responsabilidades, pois a partir de determinado momento dominou a oposição e defendia que não tinha de haver luta específica e autónoma das mulheres. O mais importante era combater o fascismo” (Tavares, 2008, p.206). Aliás, sem o contributo das mulheres do Partido Comunista Português, através da sua invisibilidade quotidiana, mas também nas ruas, e tantas vezes na prisão, a organização clandestina do Partido não teria sobrevivido a quase cinco décadas de duração do fascismo português, como de facto aconteceu (Almeida, 2015, p.136). Na realidade, da mesma forma que o próprio regime que contestavam, era-lhes atribuído dentro da estrutura do partido e no seio da clandestinidade, o papel de garante da subsistência e vigilância da casa, sem nunca terem uma participação ativa em cargos de liderança ou responsabilidade.

Também nos primeiros anos de democracia, verificou-se um acentuar das contradições entre o papel mais ativo que as mulheres queriam desempenhar na sociedade e os entraves existentes na família. Esta era das questões mais faladas e que mais preocupavam as mulheres nas reuniões das suas associações, finalmente permitidas depois de durante anos este tipo de associativismo ter sido negado. Um único movimento foi espelho de uma reivindicação, que embora interessando às mulheres refletiu também o grande empenho que os homens tinham nele: o movimento pró-divórcio. Em poucas semanas são recolhidas 100 mil assinaturas exigindo a extinção da disposição legal que proibia o divórcio aos casamentos católicos, desde 1940, consequência da Concordata celebrada com o Vaticano na altura (Tavares, 2008, p.258).

Outra questão importante, que alguns autores destacam e que influenciou esta secundarização dos direitos das mulheres, foi a perda da memória histórica dos feminismos. O contexto de ditadura vivido no país, o peso da censura e a forma como a oposição organizou as mulheres, teriam tido peso no apagamento da memória histórica dos feminismos da primeira metade do século XX. Essa fragilidade desses movimentos teve consequências na reflexão teórica

do feminismo/feminismos e na sua abordagem crítica, só colmatada algumas décadas depois após o devido investimento na crítica do feminismo. Manuela Tavares, na sua tese, destaca a opinião da investigadora Maria José Magalhães que coloca como muito importante a valorização da memória: —os quase 50 anos do fascismo foram muito aniquiladores de toda a memória histórica das feministas, das republicanas, da escola nova, de um conjunto de perspetivas novas na altura da República e que depois se perderam. A falta de espaço político para os feminismos se afirmarem foi um facto. É inegável que as lutas mais gerais, que por serem mais urgentes, mobilizaram os principais setores da sociedade, entre os quais as mulheres. As raízes surgem da perspetiva da esquerda que se aplicou na luta de oposição ao regime, não a entrelaçando com a luta mais específica das mulheres pelos seus direitos. A conotação negativa que o termo feminismo transportava e, por outro lado, o receio que inspirava em muitos setores da sociedade, e mesmo em muitas mulheres, levava a que muitas recusassem ser apelidadas de feministas (Tavares, 2008, p.261).

Os novos feminismos dos anos 60 e 70 entraram em rutura com conceções anteriores e pela sua radicalidade ousaram trazer para a cena pública, de uma forma criativa, a liberdade do corpo, a decisão sobre a maternidade, o direito ao prazer, a violência de género como assuntos políticos. Estas questões mexeram com os preconceitos, com os hábitos, com a vivência de uma geração que educada e enquadrada na luta antifascista, sentia algum desconforto com estas novas formas de luta pelos direitos das mulheres

Em Portugal (e no mundo), o modelo de família tradicional foi abalado com a avalanche de mulheres a entrarem no mercado de trabalho, com a reestruturação do casamento, com o casamento homossexual, com os divórcios, com as uniões de facto, com as famílias monoparentais, lésbicas, gays, revolucionando as mentalidades e alterando o paradigma de referência anterior. A matriz principal do feminismo apela para as teorias da igualdade, num espaço partilhado entre homens e mulheres. Entretanto, muito conhecimento e debate se tem produzido sobre o feminismo e “poucos aspetos da vida intelectual ou académica que são hoje analisados se podem considerar imunes a qualquer influência feminista” (Nogueira, 2001, p.8). Os seus efeitos tiveram repercussões em diversas disciplinas como a sociologia, a filosofia, a antropologia e a psicologia.

Veremos de seguida em que medida é que as instituições nacionais têm contribuído para a história do feminismo em Portugal.

II.5. O papel das instituições – Portugal + Igual?

“O XXI Governo Constitucional reconhece a igualdade e a não discriminação como condição para a construção de um futuro sustentável para Portugal, enquanto país que realiza efetivamente os direitos humanos e que assegura plenamente a participação de todas e de todos.” Resolução do Conselho de Ministros, 10 de janeiro de 2018

É com esta introdução que a Presidência do Conselho de Ministros apresenta a Estratégia Nacional para a Igualdade e Não Discriminação 2018-2030. Uma proposta pensada a doze anos, com implementação e coordenação da Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG).

Sob o lema "Ninguém pode ficar para trás", será desenvolvido um novo ciclo programático, alinhado temporal e substantivamente com a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, apoiando-se em três Planos Nacionais de Ação que definem objetivos estratégicos e específicos em matéria de igualdade entre mulheres e homens, prevenção e combate à violência contra as mulheres e violência doméstica e igualmente combate à discriminação em razão da orientação sexual, identidade de género e características sexuais.

A origem desta estratégia institucional, em termos históricos, recua até 1970, quando foi constituído um grupo de trabalho que tinha como objetivo principal a “Definição de uma Política Nacional Global acerca da Mulher”. Estabelecida a Democracia, a expressão deste grupo de trabalho ganha um novo alento. Em 1975, é criada a Comissão da Condição Feminina (CCF), por iniciativa da Ministra dos Assuntos Sociais, Maria de Lourdes Pintassilgo, surgindo consequentemente as primeiras alterações na legislação relativamente à Constituição (1976) e ao Código Civil (1977). A Comissão, de forma avisada, chama ao debate as ONG existentes para que a experiência no terreno seja tida em conta. Foi certamente por consequência dessa decisão que, hoje, fazem parte do Conselho Consultivo da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, cerca de 40 ONG distribuídas por três grandes áreas de atuação – Igualdade de Género, Direitos das Mulheres e Direitos Humanos.

Conforme descrição histórica da página oficial da atual CIG, a CCF, sob o lema “Cooperar, Divulgar e Intervir” produziu uma vasta atividade editorial, esclarecedora não só dos direitos das mulheres a todos os níveis da sociedade como também de uma área particularmente sensível como o planeamento familiar. Durante a década de oitenta, regista-se também a presença

assídua de diversas delegações oficiais portuguesas em encontros internacionais, com particular importância.

Segundo defende Manuela Tavares na sua tese sobre *Feminismos em Portugal (1947-2007)* existiu na década de oitenta uma reconfiguração das várias correntes do feminismo como a radical, a socialista/marxista e a liberal, contudo Portugal estaria a essa data, ainda muito atrás no tempo dessas reflexões teóricas internacionais, essencialmente pelas razões históricas já mencionadas nos capítulos anteriores. O que explica o facto das instituições governamentais colmatarem esse vazio existente, assumindo esse papel com a implementação de políticas públicas para a Igualdade.

De referir também que foi durante os anos oitenta, que se organizaram os primeiros seminários na área dos Estudos sobre as Mulheres. Em 1983, pela CIDM, e em 1985 pela Universidade de Coimbra, pelo ISCTE e também pela CIDM em colaboração com as ONG. Paulatinamente, as temáticas foram-se adaptando à realidade e com elas o surgimento de novas associações, reflexo da participação da sociedade civil. As questões associadas ao envolvimento e reconhecimento das mulheres no poder, assim como os temas da violência exercida sobre as mulheres foram ganhando espaço, destacando-se obviamente uma das matérias mais fraturantes e difíceis de gerir, refira-se a Lei de Despenalização do Aborto.

Já durante a década de 90, a Comissão atualiza, de acordo com os novos tempos, a sua designação para Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres (CIDM). De assinalar, nestes anos, um momento marcante em 1995, data da Conferência de Pequim organizada pela Organização das Nações Unidas, cujo debate foi centrado no tema Mulher: Igualdade, Desenvolvimento e Paz, com grande participação dos governos de todo o mundo e ONG. Segundo a investigadora Sónia Alvarez, começou a existir, a partir da Conferência de Pequim, uma absorção por parte das instituições governamentais dos elementos do discurso feminista. Esta fase teria coincidido com uma maior profissionalização das Organizações Não Governamentais ligadas à defesa dos direitos das mulheres (Tavares, 2008, p.82). De facto, deste encontro resultou a “Plataforma de Ação de Pequim”, subscrita também por Portugal e até hoje ferramenta essencial para as políticas nacionais para a igualdade. Ainda na década de 90, a Comissão define e implementa os primeiros planos: I Plano Global para a Igualdade e I Plano Nacional contra a Violência Doméstica, instrumentos que se têm multiplicado até aos dias de hoje.

Esta noção de Feminismo Institucional patente nos Planos Governamentais para a Igualdade, acabou por retirar espaço para a atuação das associações de defesa dos direitos das mulheres. A investigadora Maria José Magalhães refere mesmo que a decisão e a iniciativa são definidas por uma agenda política do governo na área da igualdade e que o papel das ONG acaba por ficar limitado pelas políticas e campanhas institucionais. A agenda feminista não pode ser estritamente dependente da agenda governamental, embora não se possa ignorar as instituições (Tavares, 2008).

Efetivamente, com a passagem do milénio, e o início do Quadro Comunitário de Apoio III e no âmbito do Programa Operacional Emprego, Formação e Desenvolvimento Social, a CIDM passa a gerir financiamento para uma medida designada Ação Positiva para a Igualdade entre Mulheres e Homens, facultando apoio técnico e financiamento às ONG. Mais tarde, com a alteração para o QREN e enquanto organismo com delegação de competências do Programa Operacional Potencial Humano (POPH), passa a ser responsável pela gestão Eixo 7 – Igualdade de Género, nascendo, assim, o Secretariado Técnico para a Igualdade (STI). Atualmente, a CIG mantém as competências de gestão no âmbito do Portugal 2020 para as questões da Igualdade, tendo sido criada a Estrutura de Missão para a Igualdade de Género (EMIG).

Em 2007, a CIDM passa a designar-se CIG – Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, acrescentando uma nova área ao seu diploma orgânico, composto por um grupo técnico-científico representativo das áreas de atuação da Comissão, resultado não só de uma intervenção académica mais efetiva no panorama da crítica feminina como também da inserção das políticas públicas dos governos portugueses no discurso sobre Igualdade e Género, da União Europeia.

Manuela Tavares defende que a crítica e reflexão feminista não parte da influência direta dos movimentos feministas, como aconteceu em outros países, mas como consequência da intervenção institucional da CCF e da determinação e perseverança de algumas mulheres que contribuíram com trabalhos académicos, baseados também na sua experiência pessoal, decorrente do envolvimento em associações e organizações não institucionais nas décadas de 60 e 70, apesar do associativismo só ter sido permitido após a democracia (Tavares, 2008).

Neste momento, fará sentido colocar a questão: existe uma institucionalização do feminismo em Portugal? As políticas feministas para a Igualdade promovidas pelo Estado têm

tido um papel relevante desde a criação da Comissão da Condição Feminina. O ativismo das ONG tem sido expresso ou através de grupos de pressão que atuam junto do poder político não só funcionando como alerta como também procurando manter a sua representatividade junto do poder, no entanto não há dúvida que existe uma dependência financeira de algumas ONG face ao Estado e que desta forma a agenda das associações é também orientada em função da disponibilidade dos fundos que recebem e da orientação temática que esses mesmos fundos determinam.

A diferença que podemos encontrar entre estas organizações e as restantes manifestações feministas está no facto destas últimas não produzirem um trabalho tão efetivo e formal, nem terem a chancela estatal, mas conseguirem ter, apesar de poderem contar pontualmente com apoios para determinadas ações, um espaço de crítica própria de recomendações e alertas. Podemos encontrar um exemplo concreto desta forma de luta pelos direitos das mulheres através da petição que a Associação Feminista Capazes colocou a circular com o título “Essa mulher somos nós”, em novembro de 2017, como resposta às considerações tecidas e fundamentação da medida da pena, pelos juízes Neto de Moura e Maria Luísa Arantes acerca de um caso de violência doméstica. A pressão exercida por essa petição juntamente com outras manifestações de indignação transversais em diversas áreas da sociedade, resultou na abertura de um processo disciplinar contra os dois juízes visados nesta carta. Ainda sobre o mesmo processo, as Capazes viram ainda tidas em conta outras recomendações sugeridas nessa mesma petição como a garantia de transparência das decisões tomadas pelos tribunais exigindo que todas sejam publicadas e de acesso livre e gratuito pelos cidadãos e cidadãs (ao contrário do que tem sido a prática comum) assim como promover a formação dos juízes e procuradores do Ministério Público quer na fase de acesso à magistratura quer durante todo o seu percurso profissional, promovendo a compreensão de novos fenómenos sociais de violência e de discriminação (de género, de orientação sexual, racial, xenófoba, religiosa, de proveniência social). A Estratégia Nacional para a Igualdade de Género e Não Discriminação 2018-2030 disponibilizada para discussão pública em janeiro de 2018, tem como um dos pilares o “Plano de Combate à Violência contra Mulheres e Violência Doméstica”, e inclui, entre outras medidas, ações de formação para magistrados, com o intuito de evitar situações de discriminação em função do género no setor da Justiça. Podemos aferir que as recomendações e a ação das Capazes produziram efeito.

III Parte

III.1. As redes sociais online e o ativismo

As redes sociais são o novo espaço de encontro, os novos “cafés” globais com repercussões significativas a nível social, mas com nuances que não existiam nesta esfera pública anterior. A possibilidade de ocultar a identidade é uma delas.

M. Castells (2007) afirma que a organização social em forma de rede sempre existiu, ao longo dos tempos. O novo paradigma da tecnologia da informação fortalece as bases para a expansão e penetração das redes em toda a estrutura social. As chamadas redes sociais online.

Conforme referência de Vasco Marques, (Marques, 2016, p.171) estas novas ferramentas são extraordinárias para as marcas, que têm agora que lidar com consumidores atentos, participativos, obrigando-se a redefinir as suas estratégias. O fenómeno da rede Facebook criada por Mark Zuckerberg em 2004, tem hoje 1,6 mil milhões de utilizadores, não deixando margem para dúvida: é a maior rede social e com grande potencial de segmentação para anúncios. Vasco Marques acrescenta ainda que um bom planeamento e definição de estratégia de conteúdos é fundamental, já que será o principal foco de interação com os fãs. Um dos problemas levantados à discussão pelo relatório apresentado pela Obercom²⁰ centra-se na falta de separadores de categorias que as redes sociais possuem no que se refere por exemplo a géneros noticiosos, bem como a conteúdo recreativo. Ou seja, uma notícia da área da política considerada importante pode estar, sem qualquer tipo de destaque ou categorização, pois não existe qualquer distinção entre géneros noticiosos, ao lado de uma publicação privada e pouco importante.

Contudo já se verificam sinais de mudança do paradigma. A rede social surge no início de 2018 mergulhada numa reflexão sobre a influência que exerce na vida de milhões de pessoas. O próprio Zuckerberg partilha publicamente uma mensagem sobre a essência da rede e a decisão de alterar o algoritmo, passando este a privilegiar os conteúdos das páginas pessoais em detrimento das publicações das páginas de livre acesso, de modo a gerar uma discussão de ideias

²⁰ Obercom – Observatório da Comunicação - relatório: Notícias, “Fake News” e a Participação Online. Análise à influência da Internet e Redes Sociais no que se refere ao conteúdo noticioso, retenção factual e mobilização cívicas e coletivas. Dados: Inquéritos Sociedade em Rede 2004/2013, Inquérito ao Consumo de Notícias 2015 e 2016 (ERC) e Reuters, 2016

sobre temas verdadeiramente importantes.²¹ Nesse momento, o criador da rede social anunciou também que tem em estudo uma forma de o *Feed de Notícias* divulgar informação de fontes seguras e credíveis, privilegiando as notícias locais, contrariando aquilo que ele considera agora, um mundo onde prolifera o sensacionalismo, a desinformação, numa atitude reflexiva e ponderada.

A Associação Capazes, embora sem intuítos comerciais, utiliza precisamente a versatilidade da comunicação online fazendo uso de uma ferramenta com as especificidades da plataforma capazes.pt, interativa com as redes sociais como o *Facebook*, *Instagram* e *Youtube*, o que permite manter acesa uma ideia de exercício de cidadania, de debate público numa comunidade virtual. Mas de que forma é realizada esta comunicação com a sociedade civil, sobre o Feminismo, a Igualdade de Género e a Defesa dos Direitos das Mulheres?

Um estudo realizado em Portugal pelo Grupo *Marktest*²², especialista na área de estudos de mercado e processamento de informação, revela que dos utilizadores das redes sociais, 94% tem conta no *Facebook* e 43% no *Youtube* e ainda 25 % por cento considera ter aumentado o tempo dedicado às redes sociais no último ano. Acrescente-se também que este estudo concluiu que a percentagem que segue figuras públicas situa--se nos 67%, indicador que pode ter alguma importância no caso particular da Capazes, tendo em conta as figuras públicas, como Rita Ferro Rodrigues e Iva Domingues que estão presentes na sua fundação, assumindo-a plenamente. Note-se, no entanto, que as figuras públicas podem ser geradoras de discórdia ou concórdia, o que pode refletir-se positivamente ou negativamente no movimento. Contudo, a associação tem uma avultada participação de inúmeras figuras reconhecidas pelo grande público, de diversos quadrantes sociais e políticos, na escrita de crónicas, nas entrevistas efetuadas em formato de vídeo e que se encontram com livre acesso na plataforma capazes.pt ou no assumir publicamente no *Instagram* em diversas campanhas pontuais, que são mulheres, homens, pessoas que se associam ao conceito CAPAZES. Novamente e para ajudar a contextualizar, segundo dados da empresa *Marktest* referentes a 2016, o *Facebook* em Portugal tem 5,2 milhões de utilizadores ativos mensais, dos quais 4 milhões acedem através de telemóvel.

²¹ Post no Facebook de Mark Zuckerberg a 19 de janeiro, às 20h35, “Helping people connect is more importante than maximizing the time they spent on Facebook” - <https://www.facebook.com/zuck/posts/10104445245963251>

²² Análise sobre o comportamento dos portugueses nas redes sociais em 2016, recolha da informação no período entre 20 junho e 19 de julho/amostra baseou-se em 819 entrevistas

Estabelecidos estes números genéricos, o que poderá então explicar a interação existente entre a Capazes e os seus seguidores? Haverá uma estratégia subjacente para captar e aumentar as visitas, a proliferação de “gostos”, as visualizações, os seus seguidores? Ou será a mera atualidade dos temas do feminismo e da igualdade de género evocados de forma cada vez mais presente na sociedade, através dos inúmeros exemplos que a comunicação social tem vindo a veicular que justifica o sucesso que esta plataforma tem tido? Efetivamente podemos nomear com rigor uma avalanche de casos desde o registo deste trabalho em concreto embora já existissem muitas outras iniciativas desenvolvidas anteriormente. Vejamos alguns exemplos:

Criado em 2014, pela *United Nations Women*, o movimento *HeForShe (ele por ela)* tem carácter internacional e as suas iniciativas visam um esforço global pela igualdade de género, fazendo parte dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável 2030 da Organização das Nações Unidas. A particularidade deste movimento prende-se com o esforço que é feito para apelar à consciencialização de rapazes e homens para a promoção da paridade de género, tratando a temática como uma questão de direitos humanos, o que a torna mais inclusiva. Uma vez mais é escolhida uma figura pública como embaixadora deste movimento. A atriz Emma Watson assume internacionalmente este papel. O movimento tem neste momento uma representação em Portugal.

A palavra de ordem *#MeToo* foi considerada viral em todo o planeta e aparece na sequência das denúncias feitas contra o produtor de Hollywood Harvey Weinstein. A atriz Alyssa Milano lançou o desafio: *Todas as mulheres que foram assediadas ou violentadas sexualmente publiquem nas vossas páginas #MeToo*. A réplica foi impressionante pois no dia 15 de outubro de 2017, a *hashtag #MeToo* foi escrita no *Twitter* 200 mil vezes. 24 horas depois, a mensagem da atriz já tinha ecoado em meio milhão de tweets. No *Facebook*, a plataforma revelou que mais de 4,2 milhões de americanos tinham aceitado o repto, reproduzindo a mensagem em mais de 12 milhões de *posts*, comentários ou reações.²³ O movimento *#MeToo* teve como consequência uma resposta consubstanciada numa carta assinada por cem mulheres intelectuais francesas, encabeçada de forma mais mediática pela atriz Catherine Deneuve, cujo teor criticava a vaga de purificação puritana e a verdadeira “caça às bruxas” que o movimento tinha despoletado e ao mesmo tempo defendia a liberdade dos homens importunarem as mulheres como condição

²³ Notícia da revista digital *delas.pt* de 29 de dezembro de 2017 (consultar anexo I)

indispensável à liberdade sexual. Esta carta gerou uma onda de protestos por parte de vários grupos feministas, criticando não só o conceito de assédio defendido por estas mulheres como a confusão gerada entre o que são designadamente momentos de sedução versus momentos de violência, criticando as autoras genericamente como representantes de uma misoginia interiorizada.

À carta publicada inicialmente no jornal *Le Monde*, Catherine Deneuve tentou retratar-se mais tarde publicando uma nova declaração no jornal *Libération* de tom mais moderado revelando a total falta de reflexão sobre a mensagem que pretendiam, ela e as 99 signatárias, transmitir. Conforme a jornalista Fernanda Câncio referiu em artigo de opinião no Diário de Notícias, o poder e o ascendente dos homens sobre as mulheres ultrapassa o contexto profissional, é essa “hiperestrutura de poder, essa definição desigual do relacionamento entre homens e mulheres, que o movimento *#Metoo* tem como alvo”²⁴ Refira-se que a ideia de liberdade de “importunação sexual” já foi assinalada como crime em Portugal, no aditamento realizado ao artigo 170º do Código Penal dando resposta à Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência contra as Mulheres e a Violência Doméstica, adotada em Istambul, a 11 de maio de 2011. Desde 2015 que este artigo tem uma nova redação:

*“Quem importunar outra pessoa, praticando perante ela atos de carácter exibicionista, formulando propostas de teor sexual ou constrangendo-a a contacto de natureza sexual, é punido com pena de prisão até 1 ano ou com pena de multa até 120 dias, se pena mais grave lhe não couber por força de outra disposição legal.”*²⁵

Acrescente-se ainda sobre este caso outro dado de interesse: a revista *TIME* elegeu como “personalidade do ano” de 2017, diversos rostos que há muitos anos estavam escondidos na sombra e que assumiram publicamente o assédio sexual por via do movimento *#MeToo*. A capa saiu com o título “The Silence Breakers”.

Outra iniciativa que podemos considerar como uma resposta às acusações de assédio sexual disseminadas nos últimos meses prende-se com outra palavra de ordem, *Time’s up*. Um projeto criado para apoiar a luta contra o assédio sexual tanto em *Hollywood* como noutras profissões nos Estados Unidos da América, através do apoio legal a homens e mulheres com

²⁴ Artigo do Diário de Notícias de 15 de janeiro de 2018

²⁵ www.codigopenal.pt , artigo 170.º, Importunação Sexual

parcos recursos económicos, vítimas de assédio sexual no trabalho mas também reivindicando mais mulheres em cargos de direção, salário igual para trabalho igual, solicitando também por parte dos meios de comunicação mais atenção aos casos de violência e assédio sexual em profissões menos “glamorosas” da indústria do entretenimento.²⁶ A apresentadora americana Oprah Winfrey assumiu publicamente o slogan, no seu discurso de agradecimento por ocasião de entrega do prémio *Cecil B. DeMille* na cerimónia dos *Golden Globes*. Uma transmissão em direto para uma plateia de milhões de espetadores em todo o mundo e uma plateia de celebridades vestida de negro em solidariedade com o movimento.²⁷ O discurso de empoderamento da mulher, o ativismo feminista expresso e dirigido a uma audiência global.

Voltemos ao ativismo no caso da Capazes. De uma forma geral a interação entre rede social, que no caso da plataforma passa pela utilização de *Facebook*, *Youtube*, *Instagram* para além do *Website* é gerada pelo investimento realizado em novas técnicas de criação de conteúdos, nas suas múltiplas aplicações gráficas na sua plataforma, mas também materializadas em produção de merchandising associado à força dos slogans: “Juntem-se Capazes”, “Capazes de Tudo”, “Capazes de muito mais”, “Saíam dos sofás, Capazes”²⁸. A comunicação online passa também pela utilização de grafismo apelativo, globalizando sempre que possível o movimento pela ligação a outras campanhas nacionais e internacionais, com imagens fortes em que sobressai o empoderamento da mulher, a referência constante a alguns autores icónicos como Simone de Beauvoir, a partilha de notícias nacionais e internacionais que se relacionem com a luta dos direitos das mulheres para além da publicação das crónicas diárias (note-se que se a importância da matéria justificar são publicadas duas ou mais crónicas por dia) cujo conteúdo resulta muitas vezes da reação a uma notícia mais mediática e atual, corroborando a posição da Associação sobre determinado tema. A legitimidade dos valores que a Associação *Capazes* procura defender é realizada através de um conjunto de cronistas que enviam os seus textos para os contactos da plataforma e que mediante revisão e critério editorial da associação as publicam. São as crónicas diárias e as/os cronistas que “falam” e comunicam em nome da Capazes.

²⁶ Notícia da revista digital *delas.pt* de 1 de janeiro de 2018

²⁷ A análise mais pormenorizada às notícias presentes na comunicação social sobre estas matérias (no período entre março e dezembro de 2017, num total de 10 meses), será realizada na IV parte deste trabalho e complementada com o Anexo I.

²⁸ Exemplos na página do instagram da Capazes -@capazes

Falamos de ativismo? Podemos considerar a plataforma CAPAZES e as redes sociais que lhes estão associadas como representantes de uma prática ativista? ou apenas de “click activism”²⁹? O inquérito dirigido às/aos Cronistas da Capazes apresentado na IV parte deste trabalho contribui para refletir sobre esta questão.

José Alberto Simões e Ricardo Campos identificaram no artigo sobre “Juventude, movimentos sociais e redes digitais de protesto em época de crise”³⁰ seis tipos de atores coletivos envolvidos em práticas ativistas, através de meios não convencionais de participação pública de que fazem parte os meios digitais. Destes atores listados, o terceiro, insere-se na categoria dos chamados novos movimentos sociais clássicos “associados a causas de carácter cultural e identitário” (Simões e Campos, 2016, p.5). O artigo em causa inclui nesta categoria associações e grupos de ecologistas, de defesa dos direitos dos animais, de luta contra a discriminação, nomeadamente discriminação sexual, de género e de etnia. Na análise que realizaram identificaram nesta forma de organização das praticas ativistas, uma oposição entre o digital e o não digital. Além da dinâmica de rua, destacam a forte mobilização através da internet e do uso de equipamentos digitais que reflete uma tensão entre o on-line e o off-line. A internet não só se apresenta como um terreno complementar para trocar informação, comunicar, criar redes, mas também pode ser pensada como uma arena para a intervenção pública, espaço de luta ativista, luta por uma causa. Pelas suas características, esta rede de partilha gera interação, é muito rápida, podendo mesmo a comunicação efetuar-se em direto, em tempo real, seja num computador pessoal, num *tablet* ou num *smartphone*, independentemente da localização geográfica em que se encontre. Neste artigo, que embora seja dirigido exclusivamente à relação entre os movimentos da juventude, movimentos sociais e redes digitais, os autores acrescentam que o papel das redes digitais enquanto instrumento de democratização e participação tem sido interpretado de forma variável. Uma perspetiva otimista tende a valorizar o seu papel democratizador e emancipador (Castells citado por Simões & Campos, 2012, p. 139), a par de uma perspetiva mais crítica que coloca em causa a capacidade da internet e das tecnologias digitais gerarem uma maior participação (Fuchs citado por Simões & Campos, 2011, p.139). Estas

²⁹ Click activism – tradução para ativismo de sofá

³⁰ Artigo “Juventude, movimentos sociais e redes digitais de protesto em época de crise” de José Alberto Simões Ricardo Campos, comun. mídia consumo, são paulo, v. 13, n. 38, p. 130-150, set./dez. 2016 doi 10.18568/1983-7070.1339130-150

posições opostas são particularmente evidentes nas redes sociais como o Facebook que tanto promovem discursos dirigidos ao movimento ou causa, demonstrando a sua importância enquanto canal alternativo de participação como podem traduzir-se em discursos depreciativos, trazendo à luz o carácter temporário e inconsequente dessas redes, alertando igualmente para o risco do reforço do controle e da vigilância eletrónica por empresas e autoridades... (Lovink citado por Simões & Campos, 2011, p.139).

O que se constata relativamente ao empoderamento das redes sociais na prática ativista, nomeadamente o fenómeno do Facebook em Portugal, explica-se pela sua disseminação em larga escala, pela facilidade com que é utilizado e integrado num conjunto de práticas quotidianas, de uso privado e pela sua versatilidade enquanto ferramenta de comunicação. Um canal informal que beneficia os propósitos dos que estão mais ausentes da esfera institucional, mais distantes do discurso dominante, gerando episódios virais, respostas mais emotivas, geralmente com um grande reforço na rede e na mobilização gerada. Pelas suas características, esta mobilização quando não acompanhada de outras práticas off-line pode retirar importância à questão central do ativismo, retirando-lhe mobilização e transformando-o no que muitas vezes se tem designado por “click activism” ou “ativismo do sofá”. Conforme opinião destes dois autores, a manifestação da causa na rua ainda se considera como o espaço mais importante para a participação política e cívica, acabando a rede social digital por complementar a prática off-line.

Segundo relatório disponível no Obercom³¹ o Facebook é a rede mais utilizada no geral assim como a rede onde são partilhadas mais notícias por parte dos utilizadores que consultam notícias online. Comparando dados entre 2004 e 2013, verifica-se que houve uma evolução quanto à utilização da Internet em processos de participação cívica, o que também se explica pela utilização mais alargada da Internet por parte da população ao longo dos cerca de dez anos que intermediaram as investigações realizadas pelo Observatório. O estudo concluiu também que os utilizadores de internet tendem a ter uma perspetiva mais positiva, sentindo-se mais participativos, relativamente à atividade cívica ou à influência nas decisões políticas, comparativamente com os não utilizadores de internet.

³¹ relatório: Notícias, “Fake News” e a Participação Online. Análise à influência da Internet e Redes Sociais no que se refere ao conteúdo noticioso, retenção factual e mobilização cívicas e coletivas. Dados: Inquéritos Sociedade em Rede 2004/2013, Inquérito ao Consumo de Notícias 2015 e 2016 (ERC) e Reuters, 2016

De uma forma geral, os dados apontam para um paradigma em que as notícias são cada vez mais partilhadas, procuradas ou lidas através de redes sociais como o Facebook e também o Twitter. Dentro de vários aspetos interessantes que podem ser notados, destaque-se o da fragmentação da leitura, que resulta da vasta informação que surge nestes espaços, aliada, no caso concreto das redes sociais, a uma menor separação entre géneros noticiosos e, desta forma, a uma distinção menos nítida entre o que importa menos ou mais, e o que pode ser menor ou mormente gravoso ou ligeiro. Os utilizadores de redes sociais têm pela frente o desafio de terem que selecionar informação como nunca antes houve a necessidade de o fazer. Castells confirma os dados deste relatório, referindo que a maior parte das vezes os utilizadores de internet possuem mais amigos, são mais sociáveis e politicamente mais ativos (Castells, 2007).

Quando no mesmo relatório é colocada a questão “Desde que usa as redes sociais, tem estado mais frequentemente em eventos relacionados com a defesa de causas políticas e sociais, 32,8 % discorda, sendo que quase 10% discordam totalmente. Este dado pode ser interessante para a ideia de simbiose entre espaço físico e espaço virtual, e em como as redes sociais podem ser vistas como importantes para a partilha de informação, mas em que a manifestação física é, para já, o elemento mais decisivo e incentivador para os indivíduos.

III.2. Capazes.pt – Como é que a plataforma comunica?

Depois de uma análise sobre as definições, conceitos e enquadramento histórico da temática pretende-se nesta fase do trabalho abordar em pormenor a forma como esta plataforma comunica com a sociedade, que tipo de interação produz, que reações despoleta, de que ferramentas se muniu para concretizar os seus objetivos. A plataforma assume-se como *“um espaço nobre da afirmação da mulher e de discussão dos feminismos, reflexão da condição feminina a nível global, analisando a atualidade informativa e dando palco a todas as mulheres, conhecidas e anónimas que tenham trabalhos válidos e que pretendam dar-lhes visibilidade. Capazes pretende ser o contributo português para esta causa global – o feminismo – afirmando a mulher portuguesa no mundo, dando-lhe poder, incentivando o debate, a reflexão e a discussão e ao mesmo tempo inaugurando uma enorme e luminosa sala de exposições do talento com o holofote apontado para as mulheres.”*

A estrutura da plataforma à data de avaliação deste suporte (janeiro de 2017) estava dividida em diferentes itens, menus e submenus de que resulta um manancial de informação:

Entrevistas a figuras públicas e casos de sucesso de empreendedorismo; Crónicas assinadas e/ou anónimas partilhadas diariamente; temas de *Lifestyle* (temáticas que perderam obviamente o destaque nesta plataforma - os conteúdos não têm atualidade, datando de 2015 a maior parte deles); Cultura (espaço ligado aos livros, cinema e às bandas sonoras escolhidas); Galeria (tudo o que pode ser relativo à imagem: fotografia, pintura; ilustração; Cartoon); Intervenção (sobre os projetos específicos em determinadas áreas); Especiais (sobre temas destacados pela Capazes) e ainda Sobre (destinada a definições sobre a própria associação, cronologia assim como informação útil sobre contatos).

A plataforma que começou por ter a designação *Maria Capaz* passou a *Capazes* pouco tempo depois. O *rebranding* da marca, tal como a conhecemos surge um ano depois do nascimento do projeto Maria Capaz, fundado por Rita Ferro Rodrigues e Iva Domingues. As “Marias” renascem *Capazes* com a *This is Pacífica*³², empresa responsável pela nova identidade. Segundo informação disponibilizada na página oficial pela equipa de criativos que trabalhou a nova estratégia, nomeadamente o conceito do logótipo da Capazes, a intenção foi adotar um conceito visual que sugerisse proatividade e confiança na atitude, através de um discurso agregador baseado em três premissas: a ideia de um movimento baseado nos direitos humanos, as mãos levantadas como forma de participação e de partilha de ideias sobre uma causa comum; a ideia de capacidade e de atitude;³³

O conceito desta nova identidade da Capazes está associado a um carácter forte, a experiências individuais em sintonia com convicções que mobilizem, inspirem e espelhem a evolução do lugar da mulher na sociedade. As mãos erguidas simbolizam: presença, voluntarismo, orgulho, participação. A marca foi criada na espontaneidade desta expressão materializando o gesto como identidade gráfica. A letra manuscrita confere-lhe uma informalidade e estilo imperfeito que a torna mais popular, mais humana, associada a uma paleta de cores que transmitem emoção e simbolismo. Capazes é uma expressão, é uma identidade, é um gesto.³⁴

³² <http://thisispacifica.com/portfolio>

³³ As imagens da produção deste logótipo podem ser consultadas no Anexo 3

³⁴ Com a Capazes, a empresa *This is Pacífica* ganhou a medalha de prata na categoria Imagem Corporativa logótipos e símbolos na 18ª edição do Festival Clube de Criativos de Portugal em maio de 2016.

III.3. As mentoras da associação – Quem são as Capazes?

Da direção da Capazes destacam-se duas figuras públicas conforme já foi referido: Rita Ferro Rodrigues e Iva Domingues. Sendo estas duas mulheres reconhecidas do grande público com presença nos media, nomeadamente em programas de televisão de grande audiência, na imprensa, com páginas oficiais no Facebook, Instagram, de que forma poderão influenciar a projeção que a plataforma possui?³⁵

Ao publicarem nas redes sociais informação do foro da vida privada no mesmo espaço da página oficial em que aleatoriamente colocam ligações, partilhas, tomadas de posição e alertas sobre assuntos da atualidade é automaticamente gerada uma ligação de empatia, de reciprocidade, com os seguidores que interagem na página, deixando estes de ser apenas consumidores passivos, mas participativos no sentido em que tecem elogios e críticas às partilhas das fundadoras desta plataforma que se assume como defensora do feminismo e que tem *como objetivo “promover a informação e a sensibilização da sociedade civil para a igualdade de género, defesa dos direitos das mulheres e empoderamento das mesmas, definindo-se assim como entidade promotora de uma ocupação igualitária das mulheres no espaço público”*.³⁶

Quando uma figura pública responde a um comentário ou publicação na sua página oficial parece que de facto existe uma ligação profunda entre duas pessoas que efetivamente não se conhecem, como se por magia fosse gerada uma sensação de intimidade entre a figura pública e o seu seguidor ou seguidora. É desta forma que o ou a fã defendem a celebridade, em comentários de agrado ou desagrado sem ser necessário sequer a intervenção desta. Quando o momento partilhado tem a ver com o assumir relações sociais ou de intimidade com outras figuras públicas, gera-se uma interação ainda maior. Parece indubitável que as figuras públicas ao produzirem conteúdo sobre si próprias estão a defender-se previamente dos rumores, dos boatos, das falsas notícias e da chamada “imprensa cor-de-rosa”. Por outro lado, ao promoverem a circulação de informação através da partilha, promovem o debate.

Segundo Anthea Taylor, a relação entre as celebridades, as figuras públicas e os seus seguidores foi reconfigurada com o *Social Networking* (Taylor, 2016, p.181). Este é um novo

³⁵ @ritaferrodriguesoficial com 227 381seguidores; @IvaDominguesOficial com 195 307 seguidores à data de 4/02/2018

³⁶ Informação que consta no menu “Sobre” do facebook

espaço democrático onde todos podem, estão aptos, ou habilitados a participar. “No século XXI, parece que é obrigatório ter uma presença significativa nas redes sociais” (Taylor, 2016, p.219).

Em 2014, a cantora pop Beyoncé apareceu em palco no *MTV Video Music Awards* com a palavra *Feminist* em fundo. Em 2014, também foi o momento em que a atriz Emma Watson expôs as virtudes do Feminismo na ONU³⁷ e em 2015, Jennifer Lawrence reivindicou a igualdade nos contratos dos atores e atrizes em Hollywood. Conforme Janell Hobson refere estas três mulheres identificam-se com o que a autora considera ser as *Celebrity Feminists* (Hobson, 2017, p.999). Possuindo um espaço físico privilegiado como o palco, para “falar em nome de”, têm logo à partida o seu capital dado como válido. Mas a internet e as redes sociais democratizaram esse espaço dando a possibilidade de interagir e de se ouvirem múltiplas vozes. Será assim efetivamente? Existem autores mais céticos que consideram que este fenómeno pode ser entendido como uma falsa narrativa do feminismo. Hobson recorda Roxane Gay³⁸ como uma voz crítica sobre esta matéria. Gay defende que será sempre muito difícil sustentar essas posições com o discurso académico pois não é possível expressar as outras influências e esferas que este congrega. Por isso é que Beyoncé será sempre a porta de entrada para o feminismo e não o movimento em si mesmo (Roxane Gay citada por Hobson, 2017).

Anthea Taylor vai mesmo mais longe citando Sean Redmond, visto que, afinal, a cultura das figuras públicas ou celebridades está envolvida na ilusão de existir uma maior democratização mascarando a verdadeira essência da questão: a de que o poder existe e reside sempre nas mãos de uma minoria (Taylor, 2016, p. 285). Beyoncé terá mesmo o controle da sua identidade e argumentos políticos assumindo as suas posições feministas ou será apenas uma mera exploração lamentável do que o mercado exige? Será possível manter esta gestão equilibrada entre uma carreira de sucesso e a mensagem política? Esta é a pergunta a que Janell Hobson deseja responder. O poder económico e mediático das chamadas celebridades, a sua relação e interatividade estabelecida com os seus fãs neste novo paradigma das redes sociais resultam, na sua opinião, em mais do que uma mera ou falsa consciência, até porque o feminismo não tem que estar confinado a um estilo de vida ou uma identidade, “passa por ser um processo político participativo da ordem dos movimentos feministas” (Hobson, 2017, p.1005).

³⁷ Movimento Heforshe

³⁸ Roxane Gay, professora universitária, autora do livro “Bad Feminist”

O artigo de Janell Hobson publicado em maio de 2017 não podia prever todos os acontecimentos mediáticos que vieram a caracterizar o último trimestre de 2017 relativamente a figuras públicas e celebridades com repercussões muito concretas nos Estados Unidos, no Reino Unido, em França e até mesmo em Portugal. E falamos de todas as áreas. Não apenas no meio artístico da indústria cinematográfica, no meio televisivo ou da moda, mas também no universo do desporto, da política do mundo académico. Carl Sargeant, ex-ministro trabalhista do País de Gales, que estava a ser investigado pelo próprio partido por assédio sexual, suicida-se na sequência desta acusação.³⁹ Em França, o especialista em Estudos Islâmicos, Tariq Ramadan foi acusado de violação por duas mulheres em outubro de 2017, em plena fase de denúncias de assédio e violência sexual nos EUA e na Europa, entre outras acusações de assédio e conduta imprópria.⁴⁰ Mais de 260 mulheres vítimas de Larry Nassar, médico da seleção olímpica norte-americana, testemunharam contra este homem condenado agora a prisão perpétua. Em Portugal, o assédio sexual continua praticamente invisível. No primeiro semestre de 2017, deram entrada apenas duas queixas de assédio sexual na Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego (CITE). Em 2016, não houve uma única queixa e, no ano anterior, apenas uma.⁴¹ Ainda assim podemos referir por exemplo, o testemunho recente de Catarina Furtado no programa de rádio onde assume ter sido vítima de assédio.⁴² A apresentadora, atriz, e Presidente da Associação Corações com Coroa, justifica a sua resposta num post publicado no Facebook:

*“Porque é que até então nunca o tinha dito? Porque de facto nunca calhou e porque de facto existe agora uma espécie de libertação e proteção sobre esta questão. Questão esta que tem variadíssimas variantes e que são essas variantes que me fazem escrever este post: O que eu vivi foram situações de assédio sexual por parte de pessoas que tinham funções hierárquicas acima da minha e eu ainda não era esta mulher forte e conhecedora do mundo real.”*⁴³

O testemunho de Catarina Furtado produziu determinados efeitos colaterais, também pela credibilidade que lhe está associada enquanto figura pública e algumas mulheres vieram a

³⁹ Notícia jornal Público de 7 de novembro de 2017 (edição online)

⁴⁰ Notícia jornal Público de 31 de janeiro de 2018 (edição online)

⁴¹ Notícia jornal Público de 3 de novembro de 2017 (edição online)

⁴² Programa da Rádio Comercial “Cada um sabe de si” apresentado por Joana Azevedo e Diogo Beja

⁴³ Post com data de 1 de fevereiro de 2017, @catarinafurtado.oficial

público confirmar que o assédio sexual também é uma realidade em Portugal. As atrizes Helena Isabel, Dânia Neto, Débora Monteiro, Sofia Arruda, Inês Herédia, a modelo Sara Sampaio, a apresentadora Cristina Ferreira, afirmaram à comunicação social, terem sido vítimas de assédio, no entanto, exceção feita à campeã de Muay Thai (júnior) que apresentou queixa do seu treinador à polícia judiciária, nenhuma destas mulheres acusou diretamente ou revelou a identidade do agressor.⁴⁴ Como se justifica então a legitimidade destes testemunhos “pela metade”? Um sinal de cobardia? de receio de represálias? A sobrevivência num mercado pequeno, competitivo onde ninguém quer ficar para trás? Desta exposição das figuras públicas nomeadas neste contexto mediático, é possível tirar pelo menos uma ilação: os testemunhos destas mulheres mesmo sem serem levados às últimas consequências, abrem nos media um espaço público para a discussão dos temas do feminismo (Lilburn, Magarey & Sheridan, 2010). E esse facto, só por si, não deve ser desprezado.

III.4. O caso particular das Crónicas da Capazes

Com crónicas publicadas desde 2014, a Associação Capazes recebe diariamente textos de “candidatas(os)” a cronistas da plataforma. Cento e trinta e dois é o número de cronistas listado na página da plataforma com as fotografias associadas, não deixando margem para dúvidas sobre a identidade das cronistas e dos cronistas. No entanto, atualmente há muitas e muitos mais, o que não significa que todos os cronistas que constam no menu da plataforma relativo às crónicas ainda escrevam atualmente. Cada cronista com crónicas já publicadas pode ter colaborado uma única vez ou ser assíduo na publicação em função da sua própria iniciativa e do critério editorial assumido pela direção da Associação que seleciona e revê os textos que chegam via o endereço de email disponível em capazes.pt e conforme sugestão:

Capazes de tudo?

A todas as Capazes por esse Mundo fora:

Esta é uma plataforma livre e para crescer precisa do contributo de todas. Se és uma Capaz envia-nos as tuas fotografias, ensaios literários, crónicas, textos livres, curtas, longas, de ficção ou documentais, envia

⁴⁴ Informação disponibilizada em <https://www.delas.pt/todas-as-portuguesas-que-ja-falaram-sobre-assedio-sexual/>

*as tuas músicas; críticas de pintura, escultura, restaurantes, exposições, concertos e livros; envia as tuas reportagens, entrevistas, dicas de moda de alimentação, beleza e restauração, ideias soltas, ideias estruturadas, notícias, manifestos e textos científicos, para conteudos@capazes.pt*⁴⁵

As cronistas e os cronistas que produzem conteúdos diários para a plataforma têm diferentes percursos formativos e profissionais, com competências e experiências variadas, que contribuem voluntariamente para a divulgação de informação e sensibilização da sociedade civil para a igualdade de género, a defesa dos direitos das mulheres e o seu empoderamento. Segundo a direção da Capazes, muitos dos textos que chegam aos contactos da plataforma não têm enquadramento nas temáticas que se pretendem abordar até porque o objetivo da Associação é concentrar-se cada vez mais nos temas do feminismo numa vertente mais ativista, como consequência de todos os acontecimentos que têm tido lugar a nível nacional e internacional com destaque para o último trimestre de 2017 ⁴⁶

As crónicas são publicadas na plataforma, mas também acessíveis na página do Facebook ou via newsletter para quem se registar para obter a sua receção no endereço de email. Aliás, a crónica é a única informação que é publicada sem exceção, diariamente, a par de outras informações que são partilhadas consoante a sua pertinência e sem esta cadência diária.

Podemos então considerar que a publicação destas crónicas gera uma fidelização óbvia com os seus seguidores? É o fio condutor da própria plataforma, pois emite diariamente uma “reflexão diária” sobre os temas do feminismo?

A natureza do texto da crónica é quase sempre de carácter reflexivo, cujo ponto de partida é o quotidiano, um testemunho pessoal, muitas vezes na primeira pessoa, mais ou menos emotivo, polémico, inquietante, consoante o caso. A escrita sobre factos que são muitas vezes recriados, geram no momento da leitura a memória de experiências semelhantes. Há uma enorme afinidade na partilha destes textos cujo tom é muitas vezes intimista, confessional. Mas

⁴⁵ Informação disponível em Capazes.pt

⁴⁶ informação disponibilizada em contacto realizado a com direção da Capazes relativamente à informação sobre as/os Cronistas

qual a explicação para a existência de temas mais virais do que outros? Mais à frente neste trabalho iremos analisar em particular as motivações e os temas que são mais caros a estas e estes cronistas a partir de um questionário que lhes foi dirigido.

Capítulo IV

Metodologia

Para efetuar uma análise mais sistemática da proposta de reflexão deste trabalho que questiona a pertinência e eficácia da plataforma capazes.pt na comunicação com a sociedade civil, sobre o Feminismo, a Igualdade de Género e a Defesa dos Direitos das Mulheres, foram consideradas três abordagens para além da pesquisa bibliográfica e análise documental associada a este tema. A essa pertinência e eficácia foram sempre associadas razões de conteúdo e de forma, respetivamente, procurando justificar o sucesso da plataforma.

Tendo em conta que no capítulo anterior foram já analisados e nomeados os atributos da plataforma, dotada das ferramentas de comunicação online fundamentais à interatividade e capacidade de resposta reativa por parte da “audiência”, é o momento de apurar com rigor quais as razões de conteúdo que justificam a repercussão que os temas abordados na plataforma têm a nível nacional e internacional. Efetuaram-se três tipos de análises distintas direcionadas à justificação de conteúdo: Pesquisa e seleção de notícias sobre o tema durante um período temporal de dez meses que permite verificar como os temas do feminismo/feminismos se encontram na ordem do dia e como se afirmam na imprensa tendo obtido um novo espaço de destaque; Inquérito dirigido às cronistas, que diariamente produzem conteúdos que permitem que a Capazes coloque a própria sociedade civil a dar voz aos seus propósitos enquanto Associação e, por último, análise de conteúdo a entrevistas realizadas em formato vídeo presentes na plataforma, com mulheres e homens de vários quadrantes da sociedade portuguesa a “assumir” o seu feminismo ora de forma mais ativista ora de forma mais tácita, o que permitirá obter pistas sobre a definição de feminismo/feminismos, sobre os temas que mais preocupam ou sensibilizam estes “atores”.

IV.1. Comunicação Online. Cronologia de Notícias

“(...) as questões LGBT, as noções em mudança da masculinidade, pensar no [modelo] binário de género, na identidade de género e o facto de tantos jovens não se identificarem nesse binário, pensar em raça e classe são coisas que temos sempre de incluir na nossa cobertura. Não necessariamente [só] em histórias sobre esses tópicos, mas na inclusão dessas vozes e perspectivas nas histórias que já estamos a fazer.”

Jessica Bennett, editora do The New York Times

Recordemos que em 2017 a palavra do ano mais pesquisada nos Estados Unidos da América foi “Feminismo”, conforme divulgado no Dicionário Online Merriam-Webster⁴⁷, justificada pelo número de pesquisas efetuadas e associadas a eventos como por exemplo a Marcha das Mulheres em janeiro de 2017, um dia depois da tomada de posse do novo Presidente dos EUA ou o mais recente movimento *#me too* ou ainda o projeto *time’s up* relativamente aos casos de assédio sexual protagonizados por um conjunto de celebridades, mas também de muitas mulheres anónimas. Registe-se por comparação que, em Portugal, a palavra mais pesquisada conforme informação da Porto Editora⁴⁸, foi a palavra “incêndios”, associada naturalmente à tragédia que assolou o país, no segundo semestre de 2017, não estando sequer a palavra “feminismo” contemplada nas dez primeiras palavras portuguesas mais pesquisadas (a palavra do ano é resultado da análise de frequência e distribuição de uso das palavras e do relevo que elas alcançam, tanto nos meios de comunicação e redes sociais como no registo de consultas online e mobile dos dicionários da Porto Editora, tendo em consideração também as sugestões dos portugueses através do site www.palavradoano.pt). Ainda assim a cronologia que faz parte do Anexo 1 é prova que o feminismo, a luta pelos direitos das mulheres, fazem parte do debate público que tem espaço nos media a uma cadência quase diária.

Só no mês de outubro o Jornal Público colocou online trinta e nove artigos sobre temas do feminismo relacionados com Assédio Sexual, Cinema, Moda e Hollywood. O mês seguinte contou com quarenta e cinco notícias dedicadas a estes temas. Um número que se explica

⁴⁷ <https://www.merriam-webster.com>

⁴⁸ <https://www.portoeditora.pt>

quando analisamos o mês de outubro de 2017 como o mês da denúncia, despoletado pelo caso Harvey Weinstein que levou, no imediato, à demissão de um ministro britânico e desencadeou o movimento *#me too*.

Uma investigação publicada a 6 de outubro de 2017 na página online do jornal *The New York Times* (NYT) com o título “*Sexual Misconduct Claims Trail a Hollywood Mogul*”, dando conta de alegadas acusações de assédio sexual e contacto físico sem consentimento por parte deste magnata da indústria cinematográfica provocou uma avalanche de acontecimentos inéditos com a assunção em cadeia por parte de muitas mulheres com testemunhos de experiências dolorosas de assédio sexual para partilhar.

Duas semanas após a primeira notícia sobre este caso, o jornal *The New York Times* contrata pela primeira vez uma editora especialista em assuntos de género. Jessica Bennet defendeu em entrevista ao jornal Público (publicado em 22 de janeiro 2018) que o objetivo principal da sua contratação não pressupunha a criação de uma página feminina com conteúdos para mulheres. O objetivo estava em semear esses conteúdos em todas as secções e plataformas do NYT contrariando a tradição de conteúdos criados e consumidos por e para homens. Até porque, afirmou a jornalista americana na mesma entrevista, hoje em dia há uma evidência inabalável que tem a ver com o reconhecimento de um poder de consumo global que vale biliões de dólares, depositado nas mulheres.

Voltando ao registo desta cronologia⁴⁹, ela justifica-se no âmbito deste trabalho, pela relevância que as questões relativas ao Feminismo e Igualdade de Género têm tido na comunicação social, atualmente. É inequívoca a importância que o tema tem na atualidade nacional e internacional. As notícias escolhidas não são completamente exaustivas sobre a matéria, mas proporcionam uma visão geral de como esta se encontra na ordem do dia e encabeça os destaques dados por estes meios de comunicação online, mas que se repercutem pelos outros meios de comunicação de massas dentro e fora dos grupos editoriais escolhidos.

O período temporal registado terá em conta as notícias publicadas desde março de 2017, em função da data de registo da CNL e por circunstância do acaso o mês em que se comemora a “Mulher”, até dezembro de 2017. Considerando as datas formais associadas a este trabalho em

⁴⁹ Consultar Anexo 1 com o registo cronológico das notícias

concreto, dez meses foram tidos como um período temporal aceitável para o levantamento e posterior análise destes conteúdos.

Nas notícias assinaladas são nomeados os temas (dentro das secções), um breve resumo da notícia e as datas em função das identificações editoriais publicadas assim como as respetivas páginas oficiais (com os URL respetivos) a que dizem respeito.

Nesta recolha, que se pretende o mais objetiva possível, não foram considerados artigos de opinião sobre a matéria em questão.

Foram assinaladas cerca de oitenta notícias cuja escolha temática teve como premissa principal a transversalidade dos temas representativos. A matéria em bruto estava registada, mas na impossibilidade de realizar o levantamento de todas as notícias existiu o cuidado na escolha, de forma a que esta nomeação fosse diferenciada e que registasse notícias nacionais e internacionais. Assinale-se por exemplo o assédio e desigualdades em contexto empresarial, os diversos momentos em que foram alterados determinados padrões legais, os factos associados à ausência de mulheres em cargos de poder, os destaques dados aos temas da mutilação genital feminina e da identidade de género e a importância que o mundo da moda e da publicidade tem dado à luta pela igualdade de género. Destaque também para os paradigmas que se vão alterando na área do desporto com mais mulheres a participar em desportos tradicionalmente masculinos, a participar pela primeira vez em determinadas provas desportivas e a receber prémios com o mesmo valor. A própria alteração da linguagem teve em diversos momentos do ano destaque nas notícias. Veja-se o caso da ferramenta do *google* que só assumia o pronome pessoal no masculino na tradução, a alteração da *MTV* que apresentou o primeiro prémio que não separa os nomeados pelo género ou até mesmo a alteração da saudação oficial aos utentes do Metro em Londres de "*Ladies and Gentleman*" para uma saudação neutra. O papel da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género foi assinalado na comunicação social em diversos momentos nomeadamente pela posição que tomou em dois casos que foram referência em 2017: Os cadernos de atividades da Porto Editora para meninas e meninos e o mediático acórdão sobre violência doméstica do Tribunal da Relação do Porto. A partir de outubro os casos de assédio e violação no entretenimento, na política e no mundo empresarial tiveram destaques quase diários com a revista Time a nomear esse facto como personalidade do ano 2017.

IV.2. Inquérito dirigido às cronistas

Colocando novamente a questão central deste trabalho relativamente à pertinência e eficácia da plataforma Capazes.pt na comunicação com a sociedade civil, sobre os temas do feminismo, da igualdade de género e da defesa dos direitos das mulheres procurou-se com este inquérito dirigido às/aos cronistas entender de que forma as motivações ou as temáticas escolhidas por estes podem ser o reflexo dos temas da atualidade referentes às matérias já nomeadas e que a sociedade civil recebe e entende como pertinente debater.

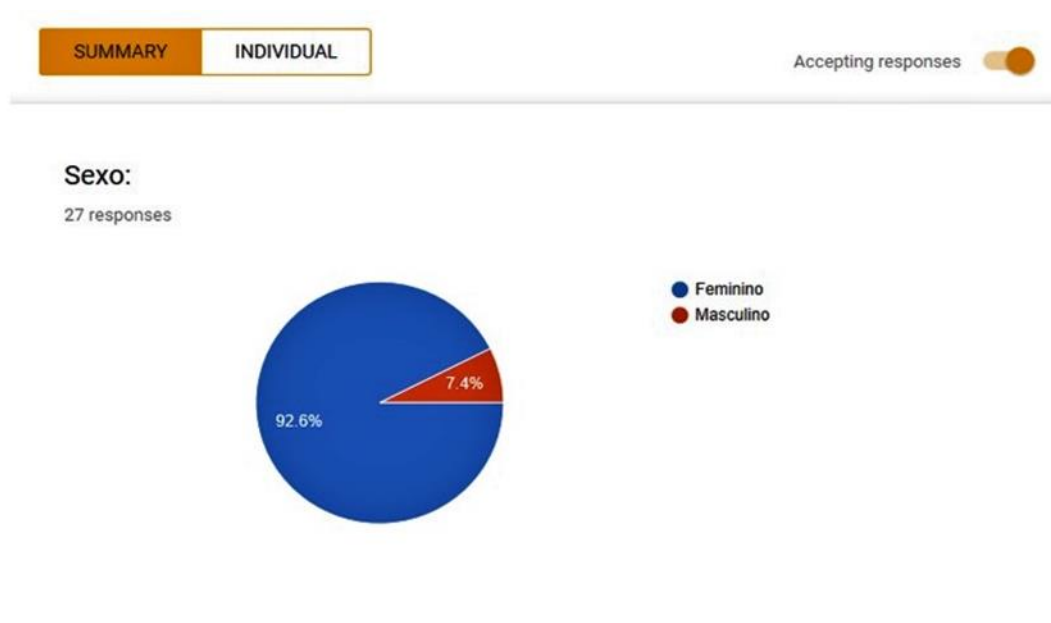
Esta pesquisa sob a forma de questionário (com perguntas fechadas e abertas) foi realizada através da ferramenta *docs.google.com/forms* a quarenta e sete contactos facultados pela direção da Capazes, estando naturalmente a amostra dependente da informação disponibilizada pela associação. Dos contactos efetuados, responderam vinte e sete cronistas, vinte e cinco femininas e dois cronistas masculinos. Note-se conforme Haro et al. (2016) que nos inquéritos auto preenchidos a taxa de resposta é baixa pois apenas respondem os indivíduos mais motivados ou interessados. Aos contactos disponibilizados foi enviado um email com o seguinte texto asseverando o anonimato e a importância da participação:

“Como cronista da CAPAZES, a sua colaboração neste trabalho, cujo tema se prende com a pertinência e eficácia desta plataforma na comunicação com a sociedade civil, sobre o Feminismo, a Igualdade de Género, e a Defesa dos Direitos das Mulheres, será um contributo imprescindível para a assertividade das conclusões finais. Para esse efeito peço apenas que preencha o questionário disponível neste link

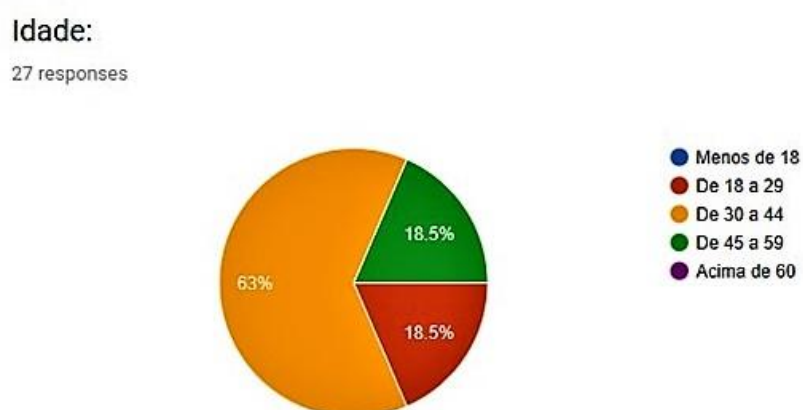
<https://goo.gl/forms/9W0UE952Ski4xJeu2>

Trata-se de um questionário muito simples, direto e anónimo. Conto com a sua participação!”

Das respostas obtidas procurou-se apresentar algumas propostas de reflexão tendo sido uma opção comentar os números na sua correspondência em termos absolutos, de leitura mais clara, também disponíveis na ferramenta do google ao invés da sua apresentação sob a forma de percentagem tal como estão nas figuras que se seguem.



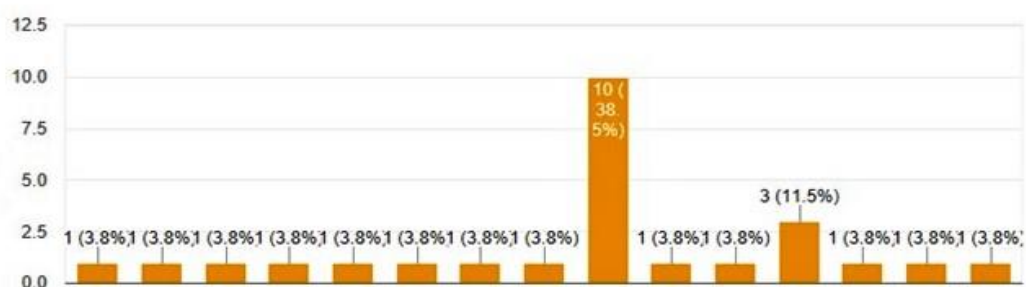
Relativamente à análise do inquérito dirigido às e aos cronistas foram enviados um total de quarenta e sete contactos (quarenta e quatro mulheres e três homens) e obtidas vinte e sete respostas. Sabemos que estão em maioria as mulheres cronistas, mas refira-se também o facto dos três contactos masculinos a quem foi enviado este questionário terem respondido dois desses elementos.



Quanto à idade dos inquiridos registou-se um total de dezassete indivíduos com idades compreendidas entre os 30 e os 44 anos, e os restantes dez divididos equitativamente entre as faixas dos 45 aos 59 e dos 18 aos 29 anos de idade.

Em que local vive atualmente

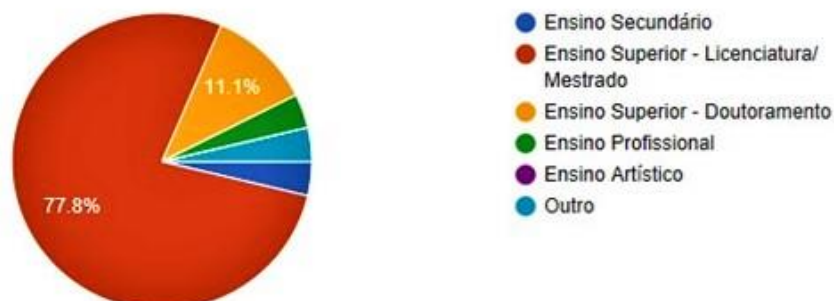
26 respostas



À questão colocada sobre o local de residência, constata-se que só responderam vinte e seis dos inquiridos. Dez cronistas vivem atualmente em Lisboa, quatro no Porto, e os restantes doze que responderam estão distribuídos por diversas zonas do país a saber: Amadora, Barcelos, Braga, Coimbra, Estoril, Faro, Figueira da Foz, Norte, Oliveira de Azeméis, Sesimbra. Houve ainda uma resposta que assinalou dois locais (no caso, Porto e Coimbra) onde habita atualmente. Apenas um(a) cronista vive fora do país, em Inglaterra. O facto de os inquiridos habitarem em diversas zonas do país torna a amostra mais representativa pois poderíamos facilmente pensar que as/os cronistas estariam localizadas(os) nas duas maiores áreas urbanas do país, respetivamente Lisboa e Porto.

Qual o seu nível de escolaridade

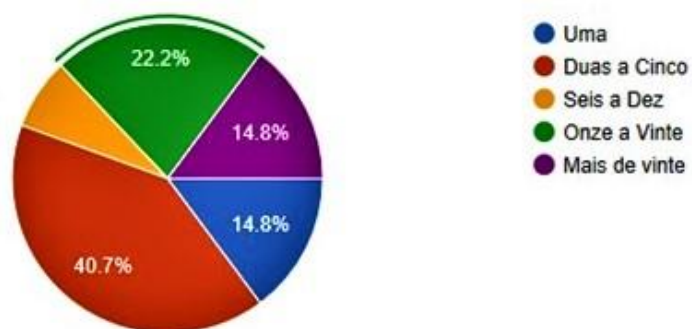
27 responses



Relativamente ao nível de escolaridade dos indivíduos regista-se em maioria um total de vinte e um cronistas com habilitações ao nível do ensino superior (Licenciatura ou Mestrado), três com doutoramento, um(a) com o ensino profissional, um(a) com ensino secundário e ainda um(a) cronista sem especificar o seu nível de ensino.

Quantas crónicas já escreveu para as CAPAZES?

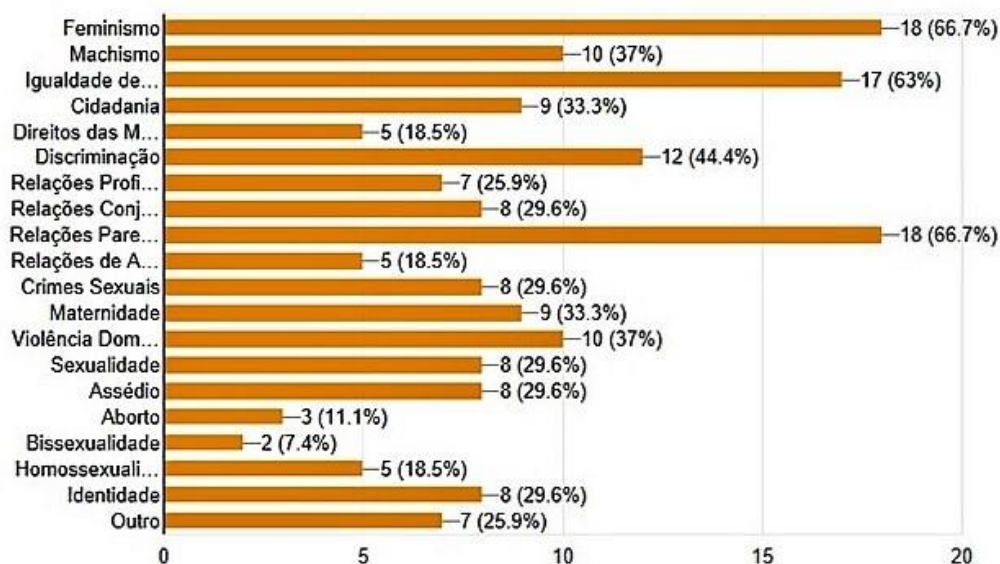
27 responses



Quanto ao número de crónicas escritas, onze dos inquiridos situa-se no intervalo entre duas a cinco crónicas, seguindo-se seis cronistas a assinalarem entre onze a vinte. Com mais de vinte crónicas escritas estão presentes neste questionário quatro cronistas, assim como apenas com uma crónica escrita. Os dois restantes inquiridos, registaram ter escrito entre seis a dez crónicas.

Nas crônicas que escreveu abordou temas como: (assinalar mais do que uma resposta, se necessário)

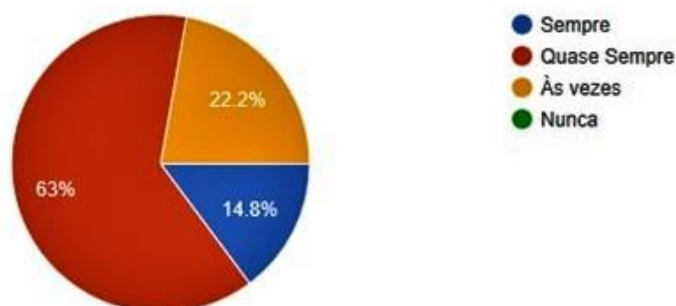
27 responses



Pretendeu-se com esta questão aferir quais os temas que são mais vezes escolhidos pelas/pelos cronistas da Capazes enquanto matéria de interesse para a sua participação na publicação diária das crônicas. Verifica-se que os temas do feminismo e das relações parentais foram os temas mais abordados, seguindo-se a igualdade de género como o tema eleito em segundo lugar. Logo de seguida está o tema da discriminação com o registo de doze cronistas a escolherem este tema para as crônicas que já publicaram. Violência doméstica e machismo foram duas temáticas consideradas relevantes para dez cronistas. Segue-se na ordem de preferência os temas da cidadania e da maternidade com nove cronistas a assinalarem estes dois temas. As relações conjugais, os crimes sexuais, a sexualidade, o assédio e a identidade foram abordados por oito das/dos cronistas inquiridas(os). As relações profissionais e outros temas que não foram contemplados nesta listagem constituíram matéria de interesse para sete cronistas. Os direitos das mulheres, a homossexualidade, as relações de amizade, foram abordados por cinco dos inquiridos, seguindo-se o tema do aborto a ser destacado, pelo menos por três dos indivíduos. A Bissexualidade foi o tema menos referenciado por estes vinte e sete cronistas.

Tem por hábito ler as outras crónicas publicadas pelas CAPAZES?

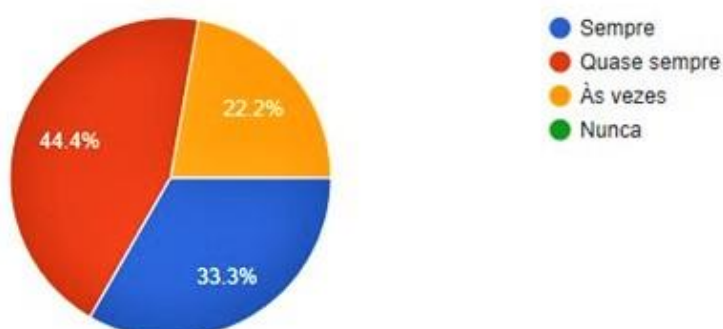
27 responses



Relativamente à relação que os/as cronistas têm entre si podemos aferir que os indivíduos inquiridos têm por hábito ler as crónicas dos outros colaboradores quando estas são publicadas, embora a maioria, num total de dezassete tenha respondido quase sempre e apenas quatro sempre. Ainda, não há nenhuma ou nenhum cronista que nunca o tenha feito deliberadamente.

Quando escreve uma crónica retrata sempre casos reais?

27 responses

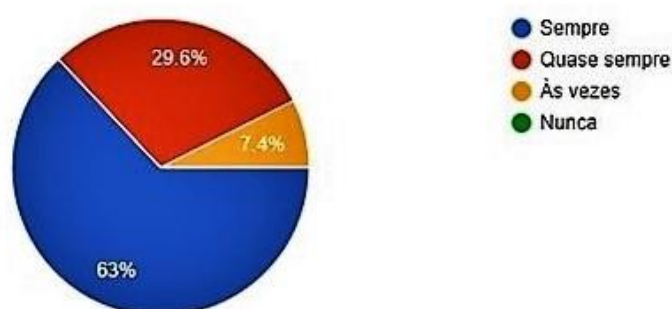


Para a amostra de cronistas considerada, a escrita de crónicas para a Capazes retrata quase sempre casos reais, para um total de doze cronistas e sempre, para um total de nove cronistas. O retrato de casos reais é considerado algumas vezes para seis dos/das cronistas. Dos

inquiridos, ninguém respondeu negativamente ao facto de retratarem casos reais nas suas crónicas.

Quando escreve uma crónica inspira-se em casos reais?

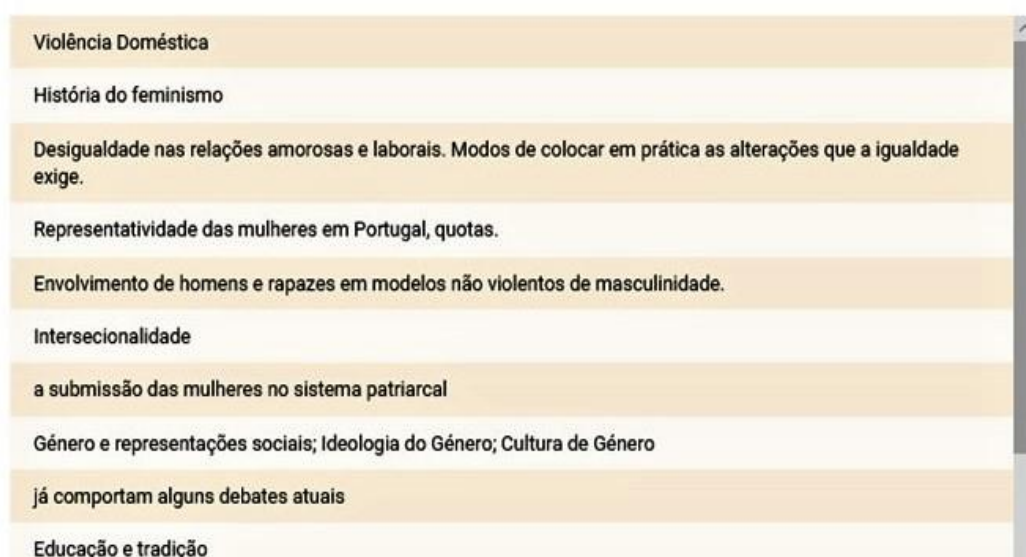
27 responses



Esta pergunta complementa a anterior. Efetivamente verifica-se que a grande maioria das crónicas são sempre inspiradas em casos reais, num total de 17 respostas e quase sempre, num total de oito respostas afirmativas. Apenas dois dos inquiridos responderam que às vezes se inspiram em casos reais e uma vez mais não há cronista que não tenha utilizado qualquer referência a casos reais na escrita das suas crónicas.

Para trazer a debate público mais questões sobre o feminismo que temas acha que deviam estar mais presentes na plataforma CAPAZES ?

15 responses



Direitos das Crianças e adolescentes

Feminismo; violência doméstica; abuso sexual de crianças e violação; discriminação das mulheres no trabalho

Acho que a plataforma tem vindo cada vez mais a ter um papel (in)formativo e assim deve continuar. Acho que é importante continuarmos a olhar para o feminismo de uma maneira interseccional e continuarmos a ter uma voz diversa mas inclusiva. Deste modo, é importante que continuemos a falar de raça, classe social, deficiências, etc.

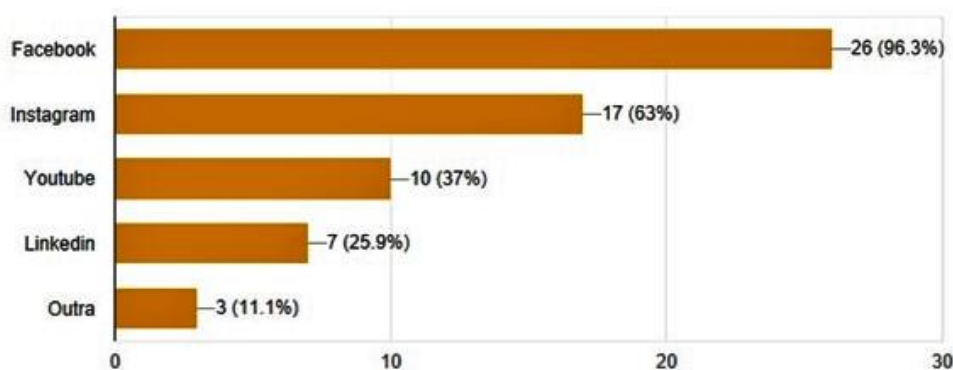
lado emocional; mulheres vs mulheres

Alienação parental

Nesta pergunta os inquiridos foram convidados a sugerir os temas que deveriam ter maior destaque na plataforma capazes.pt, de forma a existir e promover mais debate público sobre o feminismo. Dos 27 inquiridos apenas 15 quiseram formalizar sugestões de temas em concreto.

Que redes sociais utiliza? (excluindo a utilização por razões profissionais)

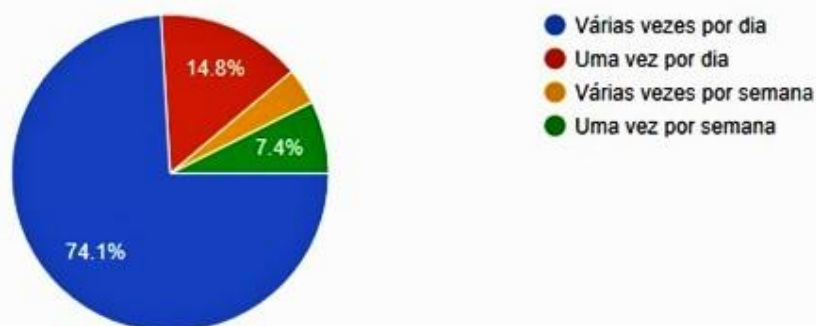
27 responses



Estando as crónicas presentes divulgadas na plataforma, mas também nas redes sociais, as próximas questões centraram-se na importância que as redes têm para as/os cronistas, excluindo naturalmente a sua presença por motivos profissionais. Percebe-se pelos dados que só uma/um cronista não tem conta aberta no *Facebook*, sendo esta a rede com mais seguidores seguida do *Instagram* e do *Youtube*.

Em média, com que frequência utiliza a rede social Facebook?)

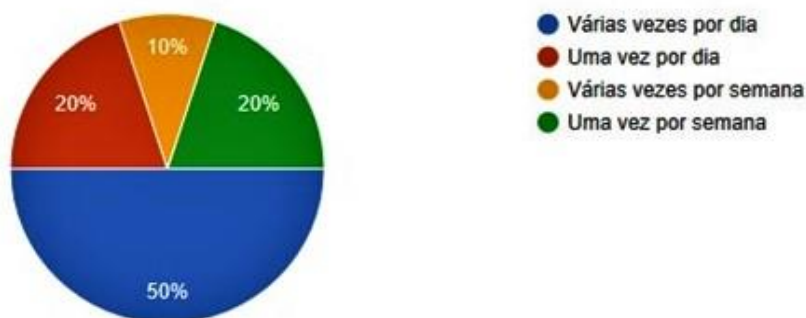
27 responses



Relativamente ao número de vezes que a rede social *Facebook* é utilizada pelos cronistas, percebemos que vinte dos vinte e sete inquiridos assumem que a utilizam várias vezes por dia. Apenas quatro afirmam utilizar uma vez por dia, dois dos inquiridos consultam-na uma vez uma vez por semana e apenas um dos inquiridos consulta esta rede várias vezes por semana.

Em média, com que frequência utiliza a rede social Instagram?

20 responses

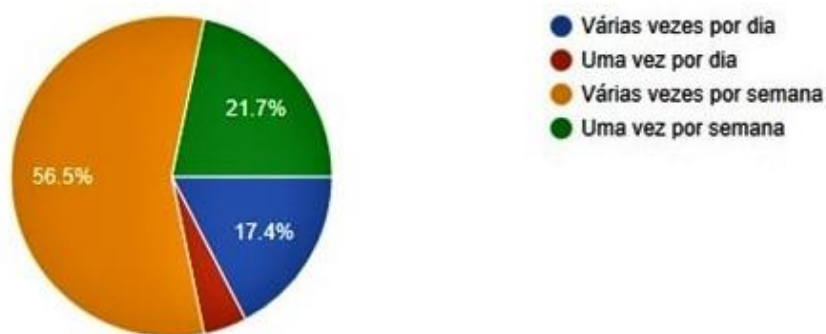


A rede social *Instagram* só é utilizada por vinte dos indivíduos inquiridos. Metade das respostas referem-se a uma utilização diária com acesso várias vezes por dia. As restantes

respostas dividem-se entre uma vez por dia, uma vez por semana, com quatro respostas cada e ainda dois elementos a utilizar a rede Instagram várias vezes por semana.

Em média, com que frequência utiliza a rede social Youtube?

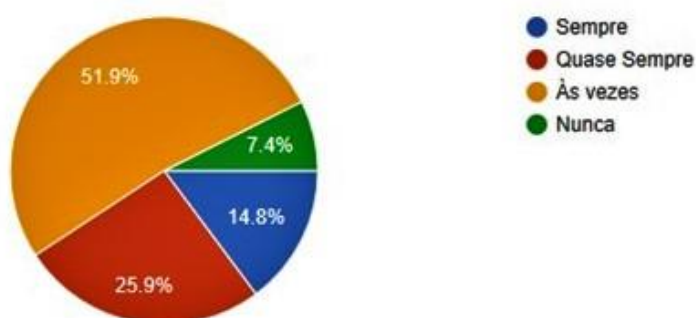
23 responses



Só 23 das/dos cronistas consideram utilizar a rede Youtube. Dos que responderam à pergunta, treze utiliza várias vezes por semana, cinco uma vez por semana e quatro várias vezes ao dia. Só apenas uma/um dos cronistas utiliza uma vez por dia.

Quando uma crónica sua é publicada nas redes sociais, comenta as referências que lhe são feitas, sejam elas positivas ou negativas?

27 responses

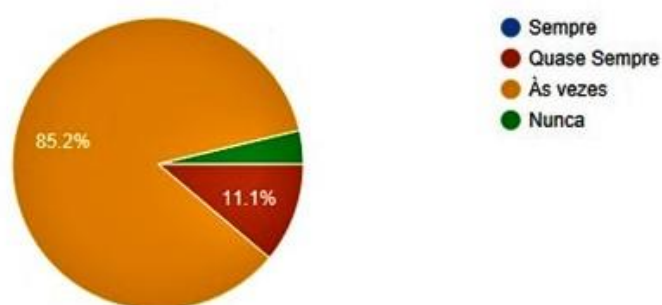


Relativamente a esta questão que pretende aferir sobre a interatividade gerada aquando da publicação das crónicas nas redes sociais, todos as/os cronistas inquiridos responderam.

Catorze afirmaram comentar as referências às vezes, sete afirmaram fazê-lo quase sempre, quatro responderam sempre e apenas duas/dois assumiram nunca o fazer.

Quando uma crónica de uma/um cronista CAPAZ é publicada nas redes sociais, comenta esta publicação?

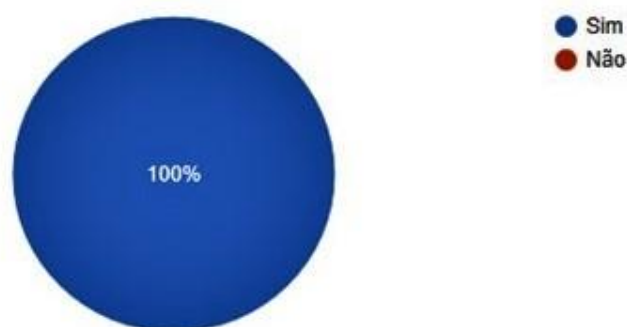
27 responses



Sobre os comentários realizados às crónicas de outras(os) cronistas do total das vinte e sete respostas, vinte e três responderam que às vezes o fazem. Apenas três dos inquiridos respondeu quase sempre e um respondeu nunca comentar as publicações. Do total das respostas não houve ninguém que assumisse emitir comentários sempre que uma crónica da Capaz é publicada.

Considera a publicação das Crónicas uma forma de ativismo social?

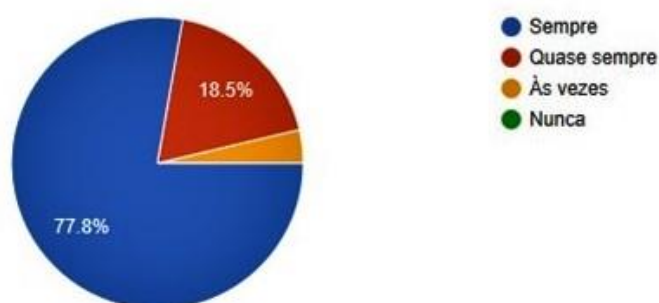
27 responses



À pergunta direta considera a publicação das crónicas uma forma de ativismo social a respostas das/dos cronistas foi unânime.

Quando escreve uma crónica procura fazê-lo tendo em mente a necessidade de melhorar a informação da sociedade civil sobre os temas do feminismo

27 responses



A última questão refere-se aos motivos subjacentes à escrita de crónicas para uma plataforma como a Capazes e responderam o total dos inquiridos. Vinte e um cronistas consideram ter sempre em mente a necessidade de melhorar a informação da sociedade civil sobre a temática do feminismo, cinco fazem-no quase sempre e apenas um dos inquiridos escreve tendo em mente às vezes a necessidade de melhorar a informação sobre esta temática.

Dos resultados obtidos podemos concluir que todos os cronistas sem exceção consideram a publicação das crónicas uma forma de ativismo social, acreditando a maior parte que está a dar um contributo para melhorar a informação da sociedade civil sobre os temas do feminismo. A maioria são mulheres, com idades compreendidas entre os 30 e os 44 anos de idade e habilitações académicas ao nível do ensino superior. Embora a maior parte resida em Lisboa, encontram-se cronistas a residir em várias zonas do país.

Quanto ao número de crónicas escritas, a maioria escreveu até à data entre duas a cinco crónicas estando o patamar seguinte entre as onze e as vinte crónicas o que demonstra o nível elevado de motivação destes cronistas na escrita sobre o feminismo/feminismos.

A maior parte dos temas escolhidos referem-se ao feminismo e às relações parentais. Os textos são quase sempre retratos da vida real ou casos reais que serviram de inspiração que podemos relacionar com a necessidade que estes cronistas têm de enviar alertas, de chamar a

atenção para este ou aquele momento ou caso particular de que foram testemunhas utilizando a plataforma para essa participação ativa na política e social.

Relativamente à relação com as redes sociais, a maioria dos cronistas está presente no Facebook, frequentando a rede várias vezes por dia, elegendo o Instagram como a segunda rede social mais utilizada. Interagem comentando às vezes as referências publicadas às suas crónicas, sejam estas expressas de forma negativa ou positiva, assim como comentam, às vezes, os textos publicados por outras cronistas.

Registe-se que cronistas se entendem neste trabalho como o fio condutor da plataforma porquanto as crónicas são publicadas diariamente, sem qualquer contrapartida remuneratória e sem exceção desde o dia 11 de novembro de 2014, data em que foram publicadas as duas primeiras crónicas fidelizando o público que consulta esta plataforma e as redes sociais que lhe estão associadas.

O facto destas crónicas abordarem temas transversais ao feminismo/feminismos não só fomentam e abrem a discussão pública, gerando uma interatividade característica da comunicação online e do espaço ocupado atualmente pelas redes sociais (como já referido anteriormente) como muitas vezes fornecem pistas sobre matéria da atualidade pois muitas destas crónicas surgem como resposta a acontecimentos ou factos do momento presente. Verificamos que em relação à projeção feita pelas e pelos cronistas inquiridos sobre os temas que deveriam estar mais presentes na plataforma há um leque aberto de sugestões: a violência doméstica, a importância da ideologia de género, história do feminismo, direitos das crianças, envolvimento de rapazes e homens em modelos não violentos de masculinidade, a importância da interseccionalidade como representação de uma voz diversa mas inclusiva, salientando-se também o papel formativo e informativo da plataforma.

Os textos sob a forma de crónicas são o combustível que diariamente alimenta a plataforma capazes.pt e é desta multiplicidade de abordagens que a plataforma promove a sua causa maior.

IV.3. Análise de conteúdo às entrevistas

Da secção de entrevistas em formato de vídeo patente na plataforma foram tidas em conta para esta análise de conteúdo aquelas que são referenciadas como “Entrevistas Capazes”, num total de quarenta e seis e que foram realizadas entre dezembro de 2014 e maio de 2016. Nos depoimentos destas mulheres e (alguns) homens à partida tão díspares entre si, pelas suas referências, convicções políticas, percursos profissionais, foram encontradas semelhanças, mas também diferenças, onde nem sempre o senso comum estaria à espera de encontrar.

Após o visionamento e posterior avaliação das entrevistas, procurou-se encontrar um ponto de abordagem que as caracterizasse e que através do qual fosse possível refletir sobre a posição destas mulheres e homens sobre o feminismo. Uma vez mais com algum condicionalismo pelo facto de as entrevistas estarem a ser realizadas pelas “Capazes”, ou seja, constituírem uma escolha prévia da responsabilidade da plataforma. Tal como as crónicas são avaliadas pela direção da associação antes de serem publicadas, também estas entrevistas têm esta mediação das “Capazes”, ainda assim realizadas (no caso destas quarenta e seis entrevistas pela Rita Ferro Rodrigues e pela Iva Domingues) de modo a intervir ou a dirigir o menos possível as entrevistadas e os entrevistados. Por outro lado, as crónicas publicadas e analisadas no ponto anterior, resultam de uma iniciativa espontânea por parte dos seus autores sem qualquer tipo de encomenda ou pedido, no caso destas entrevistas elas permitem, pela sua diversidade, avaliar uma série de retratos que compõem a sociedade portuguesa por mulheres e homens que não se escusaram a falar sobre igualdade, feminismo, género e que tocam em pontos fundamentais e representativos do que é a multiplicidade dos femininos nos dias de hoje.

Sistematizando esta avaliação de conteúdos, procurou-se selecionar uma amostra de entrevistadas e entrevistados, em primeiro lugar que fossem minimamente representativos de áreas diferenciadas da sociedade portuguesa com diferentes ocupações profissionais e de diversos quadrantes políticos e em segundo lugar, que dentro dessa diversidade fosse diferenciada a idade e como consequência a experiência pessoal do antes e depois da democracia. E é nesse aspeto em particular que a análise de conteúdo é efetuada, encontrando-se um determinado padrão da experiência vivida do antes e depois deste momento da história do século XX. Destas quarenta e seis pessoas entrevistadas, foram selecionados dois grupos com oito entrevistadas(os) cada. Considera-se pertinente referir que, salvo uma ou outra exceção, as entrevistas são realizadas a figuras públicas, com maior ou menor visibilidade mediática, motivo

pelo qual anexamos também a informação sobre o número de visualizações contabilizadas no *Youtube* ⁵⁰

Designou-se o primeiro grupo como o da Geração antes da Democracia⁵¹ e um segundo grupo como o da Geração após a Democracia. Verifiquemos que conteúdos são abordados, que referências, que prioridades existem em cada um dos grupos com o objetivo de refletir sobre um padrão existente baseado neste arquivo recente, mas certamente muito importante para memória futura. Quantas entrevistas executadas desta forma sistemática existirão neste período de tempo, registadas em formato de vídeo, sobre o tema do feminismo?

No primeiro grupo verificamos testemunhos como o de Assunção Esteves, primeira presidente da Assembleia da República, que salienta um aspeto importante da história: o facto da democracia portuguesa ter como génese uma revolução e não uma transição, o que obrigou a uma aprendizagem de igualdade muito rápida. *“A revolução em Portugal revelou-se de uma só vez. Obrigou-nos a aprender depressa e a tomarmos de uma só vez a cultura da igualdade”* (AE). Para esta mulher que considera que todas as Mulheres são Marias Capazes, há uma exigência de amor nas mulheres que não lhes permite a indiferença e isso é sempre uma carga que tem um peso muito particular. *“A não indiferença é o mais belo estado de alma que um ser humano pode chegar.”* (AE), uma afirmação de uma mulher que se sente num estado de avaliação permanente ao nível da sua capacidade, da sua excelência, uma cultura que explica como proveniente do estatuto menor, de subalternidade que as mulheres tiveram durante séculos.

A jornalista e escritora Maria Elisa, que tem no seu curriculum, entre muitas outras valências profissionais, a assessoria de imprensa a Maria de Lourdes Pintassilgo, declara: *“Nunca me ocorreu não ser feminista.”* (ME) E se a seguir a 1974 estava na moda o feminismo e ser-se feminista, muito rapidamente a palavra ganhou uma carga negativa sendo até mesmo associada ao conceito de histeria. O sentimento generalizado era o de que *“o feminismo já não fazia falta a partir do momento em que a revolução de Abril legislara na igualdade de direitos, o que não é real.”* (ME) Maria Elisa destaca também na entrevista dada à Capazes, que hoje o feminismo está novamente na moda lançado também por uma cultura pop (nomeia o exemplo da Beyoncé),

⁵⁰ Informação completa em tabela – Anexo 2

⁵¹ Grupo Geração antes da Democracia: Ana Vidigal, Assunção Esteves, Leonor Beleza, Manuel Luís Goucha, Maria Elisa, Simone de Oliveira, Teresa Morais e Teresa Ricou

“...mas tudo bem... se ajudaram a trazer o feminismo para a atualidade, ótimo, só temos que lhes agradecer. Porque voltou a ser normal tornar-se a dizer ‘sou feminista’ e isso é uma grande alegria.” (ME)

Para Teresa Ricou, Maria de Lourdes Pintassilgo é a sua referência de “Maria Capaz”, num mundo onde as mulheres foram obscurantizadas durante anos. O seu espírito aventureiro levou-a a fugir de um país que não lhe reconhecia o talento e a liberdade para exercer uma profissão num mundo de homens – ser mulher palhaço. Mas a democracia trouxe-a de volta e deu-lhe ânimo para construir um projeto de uma vida que considera ser um projeto de igualdade, O Chapitô⁵².

Na entrevista dada a Iva Domingues, Manuel Luís Goucha, apresentador e presença diária em programas de grande audiência de televisão, assume a sua orientação sexual de forma discreta e tendo consciência que o meio profissional onde se encontra, no caso a televisão, é menos discriminatório do que outros: *“as pessoas têm que ser verdadeiras e não podem ser marginalizadas ou postas à parte por serem verdadeiras”*(MLG), Manuel Luís considera-se um homem absolutamente feminista, defensor da igualdade de género com a consciência plena que ela ainda não foi alcançada, nomeadamente na política e nos cargos de topo das empresas, apesar do “25 de Abril” ter trazido muitas conquistas. Na sua entrevista destaca ainda o longo caminho que há a percorrer para a comunidade LGBTI pois é o caminho do derrube do preconceito. *“Neste coletivo é importante que se respeite a individualidade de cada ser”*. (MLG) Uma vez mais se verifica nesta entrevista a referência a Maria de Lourdes Pintassilgo. Manuel Luís Goucha assume que foi um fervoroso apoiante à data da sua candidatura à Presidência, mas declara que o país não estava e ainda hoje talvez não esteja preparado para ter uma mulher como Presidente da República.

Teresa Morais diz abertamente: *“Sou feminista, embora haja muita gente que acha que já não faz sentido ou com uma noção do feminismo radical e ultrapassada...”*. (TM) A deputada do Partido Social Democrata que à data da entrevista era Secretária de Estado dos Assuntos Parlamentares e da Igualdade não tem dúvidas que o indicador de paridade nas empresas é muito mais negativo do que na política, em particular nas empresas privadas e cotadas. Para esta jurista, a cultura empresarial portuguesa é profundamente indiferente às questões de igualdade

⁵² Chapitô, escola de artes circenses

de género. *“A percepção que esta cultura empresarial tem é que não há necessidade de ter intervenção nesta área porque é um caminho que se irá fazer naturalmente.”*(TM) Mas há essa necessidade, na opinião de Teresa Morais, pois essa situação não faz justiça ao que é hoje a sociedade portuguesa: as mulheres são a maioria da população, são a sua parte mais qualificada com habilitação académica superior e fizeram um investimento de décadas na sua educação que não está a ter o devido retorno relativamente às suas capacidades, ao seu mérito. *“E curiosamente só se fala de mérito quando se fala de mulheres.”* (TM) Uma defensora das quotas, Teresa Morais desafia os empresários portugueses afirmando categoricamente na entrevista: *“Se os empresários não estão de acordo com a intervenção do estado provem-no informando-se. Valorizem o critério da diversidade e leiam os relatórios que demonstram que as equipas mistas são mais rentáveis para as empresas. Está-se a desperdiçar talento e energia criativa.”* (TM)

Ana Vidigal destaca na conversa que tem com Rita Ferro Rodrigues, o facto bizarro de ter dado uma vez uma entrevista à imprensa sobre um período de trabalho em particular e que a única coisa que as pessoas memorizaram foi a sua opção por não ter filhos, pressão que nunca lhe foi exercida em ambiente familiar. Acrescenta que esta situação revela muito da mentalidade e nada tem a ver com posicionamentos políticos, assim como, só a falta de informação é que pode assustar as pessoas em relação ao feminismo. *“Nos anos sessenta e setenta houve a necessidade de ter algumas posições radicais sofre o feminismo e hoje as pessoas ainda se assustam ao ouvir essa palavra.”* (AV) Segundo a pintora, hoje o que se pretende é a integração por isso homens e mulheres estão em pé de igualdade, ou pleno menos é um objetivo a atingir. *“No nosso país a mulher está muito defendida na lei, mas a lei não é aplicada conforme devia.”* (AV)

Simone de Oliveira, foi insultada em locais públicos e esteve para ser presa em 1969 por cantar as palavras de José Carlos de Ary dos Santos, *“quem faz um filho fá-lo por gosto”*. Frontal e impetuosa no seu discurso aos 77 anos (à data da entrevista) atribui à religião católica alguma responsabilidade dos preconceitos que ainda hoje subsistem no país. Fala da discriminação de classes na doença e no trabalho: *“eu tenho o tempo e a idade que me permite dizer coisas que as pessoas não podem dizer porque ou ficam sem emprego ou não têm ordenado e eu com esta idade posso permitir-me falar por aqueles que não podem falar e se eu puder falar por aqueles que não podem falar, falarei até ao fim dos meus dias.”* (SO).

Leonor Beleza é feminista e de direita. Quando se formou em Direito, não podia ser diplomata nem juíza e essa situação foi modificada com o 25 de Abril e com a Constituição, no entanto, recorda que no Irão, a juíza Shirin Ebadi⁵³ em 1979 deixou de poder exercer magistratura depois da revolução iraniana. Um exemplo singular de como duas realidades diferentes, na mesma década (70), tiveram posições opostas o que demonstra que há movimentos num sentido e há movimentos no outro e como tal nada é dado como garantido e definitivo. Na entrevista refere ainda que só na década de 90 é que a igualdade de género foi considerada uma questão de direitos humanos na ONU. E hoje, a nível mundial não é fácil discutir essas questões e encontrar uma base relativamente comum. *“Praticar (o pensamento feminista) é uma coisa diferente. Mas eu acho que transporto comigo uma maneira de olhar as coisas e de observar a realidade e de tentar que ela se transforme, que é permanente não é uma coisa que se possa pôr de lado.”* Na sua experiência de trabalho na Comissão da Condição Feminina (colaborando também com Maria de Lourdes Pintassilgo) vista à luz da experiência dos dias de hoje, aprendeu que há uma mudança de mentalidade que não é tão célere como uma alteração legislativa e que é absolutamente necessário continuar a trabalhar para que as mentalidades se alterem. A primeira mulher a ser designada no feminino, enquanto secretária de estado escusou-se à pergunta de Rita Ferro Rodrigues sobre a vertente ideológica do feminismo estar associado à esquerda ou à direita e da dificuldade em “trazer” para a plataforma, depoimentos de mulheres de direita como se o feminismo não fosse uma causa comum a todas as mulheres. *“Seja qual for a forma como a mulher olha para as coisas, o que quero é vê-las a exercer o poder! Seja nas empresas, nas fundações, nos governos (...) eu acredito profundamente que a sociedade se transforma por essa via”* Refere o movimento “Lean In”⁵⁴ no sentido em que as mulheres devem “chegar-se à frente”. Agora já não é o direito ao voto e o controlo de fertilidade que estão em causa. Para Leonor Beleza, é mesmo a partilha do poder nas empresas, nas instituições, na política.

⁵³ Shirin Ebadi recebeu em 2003 o Prémio Nobel da Paz

⁵⁴ Lean In é uma organização sem fins lucrativos fundada pela diretora de operações do Facebook, Sheryl Sandberg com o objetivo de lutar contra o estereótipo de género e criar mais oportunidades às mulheres

Colocadas as principais questões que preocupam este primeiro grupo da geração antes da democracia, concentremo-nos agora nas entrevistas do segundo grupo considerado como o da geração após a Democracia.⁵⁵

Ana Rocha, atriz e realizadora sente que é difícil ser mulher num mundo ainda muito masculino como o do cinema. A vulnerabilidade que lhe trouxe a exposição mediática levou a repensar a carreira de atriz e a passar para trás das câmaras. *“Sou uma mulher de causas e acima de tudo sou pela justiça. (...) pela justiça e pela liberdade”*. Ela própria vítima de *bullying* na adolescência declara que *“é preciso fazer falar, é preciso fazer campanhas, sensibilizar as pessoas.”* Uma das suas principais premissas é educar os filhos na justiça e na liberdade, não deixar nunca ninguém dizer *“não vais ser capaz”*.

A ‘Maria Capaz’ é o single do primeiro disco de Capicua que nasceu de um jogo de palavras, brincando *“...com a ideia que é preciso ser maria-rapaz para fazer rap e eu digo que não é preciso ser ‘maria-rapaz’ mas antes ser ‘maria capaz’, de ter coragem e a outra é a de mudar o significado de MC, de mestre de cerimónias/rapper para Maria Capaz”*.(C) Em adolescente foi sempre muito interessada nos temas do feminismo procurando ter um olhar crítico sobre aquilo que a rodeava colocando-se sempre numa postura *underground* que se coaduna com o *Hip Hop*. Para a Capicua, o realismo e a crítica não são posturas que se aceitem nas mulheres *“as mulheres têm que ser cor-de-rosa, agradáveis (...) e isso vê-se quando se abre por exemplo as revistas femininas (...) há um conjunto de parâmetros sobre a mulher que devemos aspirar e que é muito exigente.”* (C) Acredita que o problema das mulheres é cultural, está no sistema de patriarcado e por isso é que é tão difícil de mudar. Já não se questiona. *“Nós não socializamos as mulheres para conquistarem espaço público”* (C)

Jessica Athayde teve uma anorexia nervosa e viveu durante vários anos uma batalha com o seu próprio corpo. E esse testemunho, sobre esse facto da sua vida pessoal é dado na entrevista à plataforma Capazes. A atriz nunca deixou de trabalhar e procurou lidar com a situação até ao momento em que assumiu o seu corpo com todas as suas imperfeições num desfile da Moda Lisboa. O momento teve alguma repercussão mediática, com muitas críticas e trouxe à comunicação social o tema. Jessica Athayde assumiu o debate denunciando uma determinada

⁵⁵ Grupo Geração após a Democracia: Ana Rocha, Blaya, Capicua, Cláudia Semedo, Daniel Carvalho, Isabel Moreira, Jessica Athayde, Raquel Prates

ditadura de imagem imposta que cultiva as inseguranças, as desordens alimentares e a escravidão da imagem.

A deputada do Partido Socialista, Isabel Moreira cresceu com convicções de esquerda numa família de “direita” o que lhe trouxe um crescimento doloroso e um percurso interno com o receio permanente da rejeição, do desamor dos que a rodeiam. Considera que Deus é o conceito mais totalitário que consegue encontrar e por isso acredita que o mundo seria melhor sem religiões, reforçando que a religião teve um papel muito brando no “esmagamento das mulheres”. A questão da luta LGBT *“é das lutas mais belas que se pode ter na vida porque tem a ver com o lutarmos para que o Estado diferencie os seus cidadãos em função dos seus comportamentos e não em função daquilo que eles são”*. (IM) A deputada exemplifica como não existe género no feminismo e no sexismo: *“Nos debates da Assembleia se há uma votação sobre um dia universal sobre a luta contra a violência sobre as mulheres, toda a gente está de acordo, todos votam a favor. Contudo se há um projeto-lei que realmente dá poder às mulheres são as mulheres muitas vezes ‘que se atiram às outras mulheres’”* (IM), referindo-se à discussão sobre a procriação médica assistida. A existência da plataforma Capazes trouxe-lhe momentos extraordinários pois *“não teria recebido a partir das crónicas que escrevi, emails e emails secretos de mulheres com histórias de dor escondidas, ao longo de vinte anos”* (IM)

Raquel Prates, que tem um conceito de beleza profundamente imperfeito, destaca a beleza que encontra nas mulheres na forma de trato, na forma como encaram os problemas, *“na preocupação com tudo o que nos rodeia, essa é a nossa essência”*. (RP) Outro dos tabus que refere como presente nos dias de hoje e pelo qual recebeu comentários desagradáveis, mesmo entre mulheres, tem a ver com o desejo de ser mãe e de ainda não ter sido naturalmente possível ter filhos. *“Está instituído que temos que ser mães naquela idade, avós naquela idade e na verdade a realidade é tão diferente”* (RP). Refere também que há muitas mulheres que se tornam obcecadas por serem mães, mas não se fala no assunto, trata-se de um assunto tabu, como se pelo facto de as mulheres não terem filhos deixassem de ser mulheres. *“As mulheres que não são mães são tão mulheres como as outras!”* (RP)

Num mundo de rappers homens, Blaya sente-se empoderada e usa o seu corpo provocatoriamente. Mas só o facto de ser bailarina (dos *Buraka Som Sistema*) não era motivo suficiente para estar no palco. *“Prefiro passar a minha informação do que só dançar. Deixa as pessoas mais comunicativas, mais dinâmicas e isso faz com que o teu estilo de vida mude um*

bocadinho.” (B) Blaya explica que já “rima” há 14, 15 anos, mas só agora é que estão a aparecer rappers femininos. *“Há muitos anos atrás era muito complicado... Além de que a maior parte do pessoal do RAP eram rapazes... Havia raparigas, mas não era a mesma coisa que agora.”* (B) Blaya vivia num meio pequeno, no Alentejo num espaço onde para ela não havia liberdade de expressão ou imaginação por isso partiu fazendo-se “à vida” para conseguir evoluir.

O primeiro homem a ser entrevistado nas “Entrevistas Capazes” foi Daniel Carvalho. Nasceu há 25 anos e deram-lhe o nome de Cecília. Com apenas dezoito anos sentou-se à frente de uma médica e pediu ajuda. “Eu olhava-me ao espelho e não gostava daquilo que via”. (DC) Daniel afirma no seu testemunho que embora sofresse muito, não partilhava essa angústia com ninguém e procurava na vida noturna alguma evasão que era sempre discriminatória porque era uma menina com comportamentos de rapaz. Ainda assim, conta que as mulheres foram sempre mais compreensivas. “Eu, não era eu. Eu queria ser homem.” (DC) Foi desta forma que decidiu ir à consulta do Hospital Júlio de Matos e à data da entrevista já era seguido por uma psicóloga/sexóloga e por um endocrinologista. Fez tratamentos hormonais durante quatro anos, submeteu-se a uma mastectomia e sabe que vai fazer tratamentos para o resto da sua vida. *“Mas eu vou até ao fim, porque é mesmo o que eu quero.”* (DC) Daniel sabe que não pode ter filhos, mas a mulher com quem partilha a vida e que lhe tem dado força tem três filhas que ele ama como se fossem suas. Daniel fala com grande clareza de todos os pensamentos que lhe ocorreram antes de dar o passo em frente: *“Eu sou discriminado porque sou uma mulher que gosta de mulheres, mas também vou ser discriminado se mudar de sexo. Então vou ser discriminado, mas vou ser feliz (...) sentia-me um homem que gosta de mulheres, mas para a sociedade era uma mulher que gostava de mulheres (...) hoje em dia sinto-me livre, posso andar com a minha mulher ao lado sem ninguém olhar para mim”.* (DC) Daniel faz um apelo na entrevista: *“Apoiem-nos. Nós não deixamos de ser a mesma pessoa. Só mudamos fisicamente.”* (DC).

Cláudia Semedo considera que ser feminista é uma opção, que encara como um dever e que infelizmente é uma necessidade. “O papel que sucessivamente é negado às mulheres, não faz sentido” (CS) Confessa que tem muitas amigas da sua geração que vivem com situações de machismo em casa, com a enorme dificuldade de tentar conciliar a profissão e o trabalho de casa, não questionando sequer porque é que tem que ser assim. *“Há uma não consciência”* (CS) Sobre as questões do racismo, Cláudia Semedo sente que ainda há muita discriminação e embora não

a tenha sentido diretamente sabe que é “chamada” menos vezes para prestar provas em castings. Não sente o retorno do empenho, da dedicação, do profissionalismo com que prepara sempre o trabalho. Cláudia Semedo afirma que muitas vezes na ficção, nos argumentos das séries e novelas, há um perpetuar de quadros que já não fazem sentido e há muitas atrizes que os interpretam, mas que na verdade não se sentem bem a interpretá-los. À data da entrevista, estava a preparar um monólogo escrito a várias mãos para ser encenado por várias pessoas, sobre a condição da mulher.

Podemos destacar vários aspetos a partir desta amostra de entrevistas patentes na plataforma, onde seguramente encontramos muitos outros depoimentos não menos importantes. Percebemos na síntese destas entrevistas que o padrão de exigência da mulher atual é elevadíssimo: as mulheres têm que conciliar uma carreira profissional com a vida privada e familiar o que obriga a gerar uma determinada expectativa da mulher que não é real, criando alguns mitos e inseguranças, nomeadamente em relação ao corpo que têm como consequência patologias associadas à ansiedade e à frustração por não atingir um modelo ideal. Por outro lado, o preconceito sobre as mulheres que optam por não ter filhos está ainda bem presente na sociedade portuguesa segundo os testemunhos das duas gerações.

As questões LGBTI são uma preocupação comum da geração mais nova, mas também da geração mais velha, sensível a esta temática, que sabem que não faz sentido falar de igualdade de género e de feminismo sem as incluir.

A música, a dança associada a movimentos culturais protagonizados pelo masculino como o caso do *Hip Hop*, tem vindo a ser alterada integrando cada vez mais mulheres. Embora ainda existam segmentos profissionais onde, estranhamente, o masculino ainda prevalece, como é o caso do cinema. Aliás, a ficção portuguesa de grande consumo como as novelas e as séries ainda reproduz modelos estereotipados da sociedade.

Apesar de terem sido salvaguardados os direitos fundamentais das mulheres com a Constituição de 1976, quarenta anos depois ainda existem grandes resistências na alteração das mentalidades. É necessário que as mulheres partilhem mais o poder nas empresas, nas instituições, na política, que “se cheguem à frente”, até porque nada é dado como garantido. E sobre essa realidade fala apenas a geração que viveu antes da democracia. Não obstante o

feminismo hoje estar na moda não significa que as conquistas não possam regredir. A História tem dado provas disso mesmo.

Também neste primeiro grupo, há uma referência e uma deferência que é constante a Maria de Lourdes Pintasilgo, o que já não se verifica na outra geração.

Há uma menção particular às gerações anteriores que é merecedora de destaque: às mães, aos pais e aos avós como as “Marias Capazes” inspiradoras das suas vidas e que persiste nas duas gerações. Demonstra a importância social que a família possui na passagem de valores.

A alusão à palavra belo, no sentido em que provoca uma emoção, uma determinada estética, foi nomeada por várias mulheres dos dois grupos. A utilização desse vocábulo parece ser particularmente feminina. Uma nota subjetiva, mas que não deixa de ser interessante destacar.

Ainda, para registo, relativamente ao número de visualizações de cada entrevista (destes dois grupos) no canal *Youtube* da plataforma Capazes, existe uma grande disparidade entre a entrevista mais vista, no caso a da atriz Jessica Athayde com 87.511 visualizações comparativamente à entrevista menos visualizada, a saber a de Teresa Ricou com 3 419 visualizações.⁵⁶

⁵⁶ Tabela com informação pormenorizada no Anexo 2

CONCLUSÃO

“Capazes de tudo. Capazes de muito mais”

(capazes.pt)

“Kristin Sollee (2015) identifies six constitutive elements of fourth wave feminism: it is queer; sex-positive; trans inclusive; anti-misandrist; body positive; and, finally, it is digitally driven.”

(Taylor, 2016, p.205)

Foram muitos os movimentos que proliferaram e influenciaram a discussão sobre o feminismo, resultantes da intersecção e interligação de temas como sexualidade, género, classe social, etnicidade, etnocentrismo, combinando diferentes perspetivas e somando múltiplos contributos que marcam certamente a atual discussão dos “feminismos” que a plataforma capazes.pt assume por inteiro *“como espaço nobre da afirmação da mulher e de discussão dos femininos, reflexo da condição feminina a nível global”*. O Feminismo só se define em função de duas vertentes: Da história do feminismo e da produção teórica feminista que produz a sua própria reflexão crítica. Ou seja, através de feminismos.

Em Portugal, verificou-se que foi historicamente determinante para a invisibilidade das mulheres e da luta dos seus direitos, as cerca de quatro décadas que foram vividas em ditadura. O feminismo reveste-se desta característica muito própria, influenciado pelo hiato que se seguiu ao momento marcado pela luta e esforços das mulheres contemporâneas do pré e pós I República. Padeceu desta perda de memória histórica só voltando a recuperar o processo sistemático de luta pelos direitos das mulheres, depois do 25 de Abril. Com a Democracia, o Estado acaba por assumir esse vazio deixado em suspenso durante todos esses anos onde coexistiram muitas gerações perdidas num trajeto impedido de seguir o seu curso natural (se assim lhe podemos chamar) tal como sonhado por uma determinada elite de mulheres contemporâneas da República.

A partir desta viragem política, asseguram-se na generalidade os direitos das mulheres como parte dos direitos gerais implementando-se políticas públicas de igualdade numa estratégia que se tem efetivado até aos dias de hoje. Recorde-se que, grosso modo, o tempo

passado em ditadura é o mesmo tempo já passado em liberdade e, no entretanto, houve espaço para grandes alterações na sociedade portuguesa que nesta passagem para a Democracia feita a partir de uma revolução e não de uma transição, citando Assunção Esteves na entrevista que dá à Capazes⁵⁷, “obrigou-nos a aprender depressa e a tomar de uma só vez a cultura da igualdade.”

O feminismo institucionalizou-se, através de estratégias e ações de que são exemplo os Planos para a Igualdade, retirando algum espaço às iniciativas e manifestações da sociedade civil que no caso eram relativamente diminutas dada a proibição que existia sobre a constituição de Organizações Não Governamentais, durante o Estado Novo. Contudo, são de referir os esforços e o papel de alguns movimentos como é o caso do Movimento de Libertação das Mulheres (MLM) que teve impacto político na construção do novo quadro legal dos direitos das mulheres nas décadas de 70 e 80.

A atividade académica, a criação de centros de estudos e de investigação associados às Universidades vieram dar um contributo fundamental no correr dos anos, persistindo ainda assim um feminismo tácito, não assumido, conforme Manuela Tavares o defendeu na sua tese: “Apesar da consciência da igualdade de direitos ter crescido e do processo de afirmação das mulheres se ter acentuado em algumas áreas, nem sempre essa consciência se traduz num posicionamento feminista assumido” (Tavares, 2008, p.74).

A realidade de hoje é francamente diferente. Assiste-se a uma pluralidade de iniciativas, movimentos, projetos com ou sem fins comerciais que têm em comum o empoderamento feminino e estarem alojados no espaço global da internet. Foram vários os exemplos citados neste trabalho: a revista feminina “Delas.pt”, a organização “Corações com Coroa” os podcasts dirigidos exclusivamente à matéria do feminino como as “*Chicas Poderosas*”, “*Podcasto*” e “*Do género*”, coexistindo com os movimentos internacionais “*Heforshe*”, “*Mee Too*”, “*Time’s up*”, “*Lean In*” também já referidos ou até outros, que entretanto foram surgindo como é o caso da revista digital feminina “*Freeda*”, a revista italiana que se destina às “mulheres millenials” e que foi considerada como o caso mediático de 2017.⁵⁸

⁵⁷ Entrevista Capazes patente na plataforma capazes.pt em <https://youtu.be/UkdKDzD12mY>

⁵⁸ <http://www.freedamedia.com/>

A imprensa generalista online passou a dar espaço aos temas do feminismo, onde habitualmente não tinham nem lugar nem protagonismo, ou onde eram mesmo mal-amados. Não passaram muitos anos sobre as redações maioritariamente masculinas onde os conteúdos sobre mulheres eram votados aos suplementos temáticos. Maria Isabel Barreno, em declarações feitas ao Jornal Público em 2006, responsabilizava a imprensa pela imagem que o feminismo tinha na década de oitenta: “... a má imagem do feminismo foi muito construída pela imprensa, há mulheres que têm medo de se dizerem feministas porque temem a marginalização.”⁵⁹ Hoje, o feminismo tem destaque de capas e justifica a existência de editores ou editoras de género.

A plataforma Capazes.pt legitima a sua **eficácia e pertinência** na comunicação com a sociedade civil, sobre o Feminismo, a Igualdade de Género e Defesa dos Direitos das Mulheres como um espaço protagonizado a várias vozes que contribuem para o debate público onde os temas do feminismo se tornaram mais acessíveis e também mais disseminados do que nunca. Por ser online e interativa com as redes sociais integra-se facilmente nas práticas quotidianas dos seus utilizadores. Desse fenómeno falou a australiana Anthea Taylor, especialista em estudos sobre o feminismo, no seu livro “Celebrity and The Feminist Blockbuster”, “Now women stumble across feminism while they’re on Tumblr or Facebook, reading about everything from politics to pop culture, and have the ability to learn more in just a few clicks.” (Taylor, 2016, p.282)

Um canal informal que beneficia os propósitos dos que estão mais ausentes da esfera institucional, gerando episódios virais, respostas mais emotivas, geralmente com um grande reforço na rede e na mobilização gerada que no caso da Capazes, podem ser resumidos em “Capazes de tudo. Capazes de muito mais.” Uma assinatura assumida pelas figuras públicas que fundaram a plataforma, Rita Ferro Rodrigues e Iva Domingues, elas próprias constituindo-se como “Digital Influencers” numa relação de engajamento com a audiência a quem se dirigem e com quem interagem. Verifica-se que a Capazes tem uma vertente cada vez mais ativista estando relativamente colocadas de parte (ou talvez em estado de hibernação?) todas as variáveis temáticas que a plataforma inicialmente abordou nos dois primeiros anos de vida. No entanto, também não podemos assumir que existe um desinvestimento da Capazes, pois é mantida uma relação fiel e duradoura (desde o início do lançamento da plataforma) com a sociedade civil

⁵⁹ Artigo de São José Almeida, “As feministas de um país oficialmente sem feminismo” Jornal Público de 26 de janeiro de 2006

através das crónicas que são publicadas todos os dias e às vezes até mais do que uma vez por dia. As/os cronistas consideram a publicação das crónicas uma forma de ativismo social, contribuindo para melhorar a informação da sociedade civil sobre os temas do feminismo. Por outro lado, a Capazes manifestou-se sempre em situações pontuais mais mediáticas pela sua gravidade, assumindo uma posição, empreendendo e catalisando esforços com o objetivo de sensibilizar, lutar ou reverter questões associadas aos direitos das mulheres, à igualdade de género, ao feminismo.

Embora as gerações mais jovens estejam mais distantes dos estereótipos de género, verifica-se nas entrevistas divulgadas na plataforma que ainda existem discriminações nos lugares de topo das empresas, na política, no desporto, nas áreas culturais como na música, no cinema, na televisão onde os casos de assédio sexual ainda são silenciados. São a geração pós democracia sem os preconceitos e os julgamentos negativos associados ao feminismo, sem posturas conservadoras ligadas ao *Backlash*, mas onde se encontra ainda a pressão social para ter filhos, a desigualdade no trabalho doméstico ou outros da esfera do privado, onde é expectável um modelo de uma “supermulher” que tem que obrigatoriamente conciliar uma carreira profissional com a vida privada e familiar.

Se de facto as mulheres são a maioria da população, se são a sua parte mais qualificada com habilitação académica superior, se têm feito um investimento na educação que não está a ter o devido retorno (segundo dados da Comissão Para a Cidadania e Igualdade de Género⁶⁰, as mulheres são maioritárias nas conclusões em todos os níveis de formação do ensino superior), porque é que não estão representadas em cargos de topo das empresas? Apesar de terem sido salvaguardados os direitos fundamentais das mulheres com a Constituição de 1976, quarenta anos depois ainda existem grandes resistências na alteração das mentalidades.

Parece que ainda não há consensos sobre se estamos ou não a viver atualmente a quarta vaga do feminismo. Um movimento onde é reivindicada a liberdade do corpo, a recusa dos padrões de beleza pré-estabelecidos, a inclusão do transgénero, a recusa na misandria, uma corrente inclusiva de todos os géneros, de todos os sexos, de todas as identidades guiada pela

⁶⁰ boletim estatístico de 2017 da Comissão Para a Cidadania e Igualdade de Género

geração que vive na era digital, mas que ainda não tem plena representatividade em todos os sectores.⁶¹

⁶¹ Ver referência ao artigo de delas.pt em <https://www.delas.pt/delasexplica-quantas-vagas-tem-o-feminismo/>

Bibliografia

Adichie, Chimamanda Ngozi (2015) *Todos devemos ser feministas*. 1ª edição, tradução de Simão Sampaio, Publicações Dom Quixote, Lisboa.

Barreno, Maria Isabel, Horta, Maria Teresa e Costa, Maria Velho da (2010) *Novas Cartas Portuguesas - Edição anotada*, organização de Ana Luísa Amaral, Dom Quixote, Lisboa.

Beauvoir, Simone de (1972), *Le Deuxième Sexe* (2 vols.) Gallimard, Paris.

Butler, Judith (2006) *Gender Trouble*, Taylor&Francis LTD.

Castells, Manuel (2007) *A galáxia da Internet*. 2.ª ed., Fundação Calouste Gulbenkian Lisboa.

Eco, Umberto. (1984) *Como se faz uma tese em ciências humanas*. 3ª edição, Tradução de Ana Falcão Bastos e Luís Leitão, col. Biblioteca de Textos Universitários, Editorial Presença, Lisboa.

Haro, Fernando Ampudia, Serafim, Joana, Cobra, Jorge, Faria, Liliana, Roque, Maria Isabel, Ramos, Miguel, Carvalho, Paula & Costa, Raquel (2016) *Investigação em Ciências Sociais*, Factor - Edições de Ciências Sociais, Forenses e de Educação.

Macedo, Ana Gabriela e Amaral, Ana Luísa (orgs.) (2005) *Dicionário da Crítica Feminista*. Coleção Dicionários. Edições Afrontamento. Porto

Marques, Vasco (2017) *Redes Sociais 360 – Como comunicar online*, Conjuntura Actual Editora, julho, Lisboa.

Nogueira, Conceição (2001) *Um novo olhar sobre as relações sociais de género – Feminismo e Perspetivas Críticas na Psicologia Social*. Edição Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Pimentel, Irene Flunser (2001) *História das Organizações Femininas do Estado Novo*, Temas e Debates, Lisboa.

Ribeiro, Anabela Mota (2017) *No mundo ideal dizemos sim à diferença*. Revista XXI, Ter Opinião, nº 8, pp 98-105

Silva, Regina Tavares da Silva (2017) *Falemos de Paridade em vez de Quotas*, Revista XXI, Ter Opinião, nº 8, pp 86-90

Silva, Regina Tavares (1982) *Feminismo em Portugal na voz de mulheres escritoras do início do século XX*. Coleção Cadernos da Condição Feminina, edição da Comissão da Condição Feminina, Lisboa.

Acedidas na web:

Aeschimann, Eric. *Théorie du genre: Judith Butler répond à ses detracteurs*, entrevista publicada no Le Nouvel Observateur em 15/12/2013, atualizada em 15/01/2014. Acedido em:

<http://bibliobs.nouvelobs.com/essais/20131213.OBS9493/theorie-du-genre-judith-butler-repond-a-ses-detracteurs.html>

Almeida, Vanessa (2015) *Vozes Feministas da clandestinidade comunista (1940-1974)* Trabalho de projeto de Mestrado em Antropologia, Área de Especialização em Direitos Humanos e Movimentos Sociais, Universidade Nova de Lisboa. Acedido em <http://hdl.handle.net/10362/18492>

Aránzazu, Hernández (2007) *Cuerpo a Cuerpo com Braidotti Y Butler* in revista Riff-raff, 34, 2007, (p. 91-99). Acedido em: <https://pt.scribd.com/document/116320354/Cuerpo-a-cuerpo-con-Braidotti-y-Butler>

Bernardino, Carla (2018) *#delasexplica: Quantas vagas tem o feminismo?* In *delas.pt* de 9/01/2018. Acedido em: <https://www.delas.pt/delasexplica-quantas-vagas-tem-o-feminismo/>

Braidotti, Rosi (2000) *Sujetos nómades, Corporización y diferencia sexual en la teoría feminista contemporânea*, Editorial PAIDÓS, Buenos Aires. Acedido em: <https://pt.scribd.com/document/326329088/Braidotti-Rosi-Sujetos-Nomades-pdf>

Câncio, Fernanda (2018) *Mal Amadas Belles de Jour* in Diário de Notícias de 15/01/2018. Acedido em: <https://www.dn.pt/opiniaio/opiniaio-dn/fernanda-cancio/interior/mal-amadas-belles-de-jour-9048112.html>

Cardoso, Joana Amaral (2018) *As histórias de assédio nunca mais vão deixar de ser ouvidas* in Jornal Público de 22/01/2018. Acedido em: <https://www.publico.pt/2018/01/22/culturaipilon/entrevista/a-primeira-editora-de-genero-do-new-york-times-acha-que-com-o-movimento-metoo-nao-ha-fadiga-1800161>

Esteves, João, *Da Esperança à Deceção: A ilusão do sufrágio feminino na revolução republicana portuguesa de 1910*. História Constitucional (Nº 15), (p. 471-507). Acedido em: <http://www.historiaconstitucional.com/index.php/historiaconstitucional/article/view/410/369>

Faludi, Susan (1993) *Backlash, The Undeclared War Against American Women*, Vintage Publishing. Acedido em: <http://www.susanfaludi.com/backlash-chapter.html>

Gauntlett, David (2008) *Media, Gender and Identity Books*, Routledge, 2nd edition. Acedido em <http://davidgauntlett.com/portfolio/media-gender-and-identity/>

Guerreiro, António (2015) *Desfazer o género e outras subversões*, in jornal Público online de 29.05.2015. Acedido em <https://www.publico.pt/2015/05/29/culturaipilon/noticia/desfazer-o-genero-e-outras-subversoes-1696991>

Hobson, Janell (2017) *Currents: Feminist Key Concepts and Controversies – Celebrity Feminism: More than a Gateway* in *Signs: Journal of women in Culture and Society*, jun., Vol. 42, Issue 4, (p. 999-1007).

Lauretis, Teresa (1987) *The technology of gender, Technologies of gender*, Indiana University Press, (p. 1-30).

Lilburn, Sandra, Magarey, Susan & Sheridan, Susan (2000) *Celebrity Feminism as Synthesis: Germaine Greer, The Female Eunuch and the Australian print media*, Continuum: Journal of Media & Cultural Studies, 14:3, (p. 335-348). Acedido em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/713657725>

Pintassilgo, Maria de Lourdes (1981) *Feminismo – Palavra velha?* Reflexão Cristã, Lisboa: CRS, nº 26, (p.11-16).

Pinto, Paula Cosme (2016) *As Chicas Poderosas querem fazer uma revolução em Portugal*, in jornal Expresso online de 4.10.2016. Acedido em:

http://expresso.sapo.pt/blogues/bloguet_lifestyle/Avidadesaltosaltos/2016-10-04-As-Chicas-Poderosas-querem-fazer-uma-revolucao-em-Portugal

Pinto, Paula Cosme (2017) “Queimem a bruxa”, grita-se no Brasil em 2017, in jornal Expresso online de 8.11.2017. Acedido em:

http://expresso.sapo.pt/blogues/bloguet_lifestyle/Avidadesaltosaltos/2017-11-08-Queimem-a-bruxa-grita-se-no-Brasil-em-2017

Simões, José Alberto e Ricardo Campos (2016) *Juventude, movimentos sociais e redes digitais de protesto em época de crise*, comun. mídia consumo, São Paulo, v. 13, n. 38, (p. 130-150), set./dez. 2016 doi 10.18568/1983-7070.1339130-150

Soares, Manuela Goucha (2017) Carolina votou em 1911. Foi a primeira e a República mudou a lei para impedir o voto feminino in Jornal Expresso online de 8/03/2017. Acedido em em:<http://expresso.sapo.pt/sociedade/2017-03-08-Carolina-votou-em-1911.-Foi-a-primeira-e-a-Republica-mudou-a-lei-para-impedir-o-voto-feminino>

Taylor, Anthea (2016) *Celebrity and the Feminist Blockbuster*, Palgrave Macmillan, London doi 10.1057/978-1-137-37334-2

Tavares, Manuela (2008), *Feminismos em Portugal (1947-2007)*, Doutoramento em Estudos sobre as Mulheres, Especialidade em História das Mulheres e do Género, Universidade Aberta. Acedido em <http://hdl.handle.net/10400.2/1346>

Rowland, Robyn e Klein, Renate. (1997) *Radical Feminism: History, Politics, Action*. In *Radically Speaking: Feminism Reclaimed*. North Melbourne, Victoria: Spinifex Press, (p. 9-17).

Senkevics, Adriano (2012) O conceito de género por Judith Butler: a questão da performatividade in *Blogue Ensaios de Género*. Acedido em: <https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/05/01/o-conceito-de-genero-por-judith-butler-a-questao-da-performatividade/>

Plataformas Online:

Capazes, conteúdos disponíveis em: <http://www.capazes.pt/>

Sítio Oficial da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género – Presidência do Conselho de Ministros, conteúdos disponíveis em: <http://www.cig.gov.pt/>

Sítio Oficial do Centro Interdisciplinar de Estudos de Género, ISCSP – ULISBOA, conteúdo disponível em: <http://www.cieg.iscsp.ulisboa.pt/>

Sítio Oficial da empresa Marktest, conteúdos disponíveis em: <http://www.marktest.com>

Sítio Oficial da UMAR-União de Mulheres Alternativa e Resposta, conteúdo disponível em: <http://umarfeminismos.org/>

Sítio oficial da Associação Corações com Coroa, conteúdos disponíveis em www.coracoescomcoroa.org

Sítio Oficial da revista feminina Delas, conteúdo disponível em: <https://www.delas.pt/>

Sítio Oficial do Diário da República, 1.ª série — N.º 147 — 1 de agosto de 2017, disponível em: <https://dre.pt/>

Sítio Oficial do MDM – Movimento Democrático de Mulheres, conteúdo disponível em <http://www.mdm.org.pt/wp/o-movimento-democratico-de-mulheres/historia/>

Sítio Oficial do Obercom – Investigação e Saber em Comunicação, relatório Obercom Dezembro de 2016, Notícias, “Fake News” e a Participação Online, disponível em: <https://obercom.pt/>

Sítio Oficial da Pacífica (graphic design studio), conteúdo disponível em: <http://thisispacifica.com/>

Sítio Oficial da fundação Cuidar o Futuro, conteúdo disponível em: www.arquivopintassilgo.pt

Sítio Oficial do Código Penal, artigo consultado: 170.º, Importunação Sexual, conteúdo disponível em www.codigopenal.pt

Sítio Oficial da página do Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, conteúdo disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/feminismo>

Sítio Oficial da Porto Editora, conteúdos disponíveis em: <https://www.portoeditora.pt/>

Filmografia:

Suffragette (2015). Real. Sarah Gavron. Perf: Carey Mulligan, Anne Marie Duff, Helena Bonham Carter, Meryl Streep

Pintassilgo (2013) Documentário para a RTP2 sobre a vida de Maria de Lourdes Pintassilgo Real. Graça Castanheira, Produção Pop Filmes 2010

ANEXO I - Cronologia de Notícias

Datas: de março a dezembro de 2017

Consulta nos sítios oficiais dos seguintes órgãos de comunicação social online:

TSF.pt; Público Online; Notícias Magazine(DN); DN.pt; Delas.pt; O Observador

Cronologia:

observador.pt – 1 de março de 2017

Secção – Sociedade

<http://observador.pt/2017/03/01/tesla-colaboradora-denuncia-casos-de-assedio-e-desigualdade-de-genero/>

Tesla. Colaboradora denuncia casos de assédio e desigualdade de género

AJ Vandermeijden, engenheira da empresa Tesla, denunciou ao jornal britânico The Guardian o ambiente machista e sexista que sentiu na empresa. Em entrevista, a engenheira de 33 anos aborda temas como o assédio de que é vítima ou o tratamento desigual em relação a colaboradores do sexo masculino. As principais queixas, segundo Vandermeijden, são de “assédio generalizado” e **recaem na falta de igualdade entre homens e mulheres dentro da empresa: o salário pago aos homens é sempre mais alto que a remuneração das mulheres, mesmo que desempenhem tarefas iguais**, e os homens menos qualificados são sempre promovidos mesmo que as equipas contem com mulheres mais eficientes. E há ainda episódios de assédio dentro das fábricas, acrescenta, casos que não são isolados, garante. O cenário é transversal à generalidade das mulheres que trabalham na gigante automóvel, onde enfrentam o ambiente machista por medo de represálias na evolução da carreira.

tsf.pt – 2 de março de 2017

Secção – Sociedade

<https://www.tsf.pt/sociedade/interior/mulheres-devem-ganhar-menos-porque-sao-mais-fracas-e-menos-inteligentes-5701040.html>

"Mulheres devem ganhar menos porque são mais fracas e menos inteligentes"

A frase é do Eurodeputado Janusz Korwin-Mikke. Concorde com a desigualdade salarial e defende que as mulheres são inferiores aos homens. "As mulheres são mais fracas, mais pequenas e menos inteligentes" que os homens e por isso merecem ganhar menos". O polaco Janusz Korwin-Mikke voltou a deixar marca no Parlamento Europeu, esta quarta-feira, durante um debate sobre a desigualdade salarial entre os géneros na Europa. Não tardou uma resposta por parte da eurodeputada espanhola do PSOE, Iratxe García. "Sei que lhe dói e que o preocupa que hoje nós, mulheres, possamos representar cidadãos em condições igualitárias. Eu venho aqui defender as mulheres europeias de homens como o senhor". Outros eurodeputados pediram uma "sanção exemplar" para o polaco.

observador.pt – 3 de março de 2017

Secção - Política

<http://observador.pt/2017/03/03/psd-propoe-lista-negra-online-de-empresas-que-discriminam-mulheres/>

PSD propõe “lista negra” online de empresas que discriminam mulheres

Sociais-democratas querem que empresas que discriminam mulheres através do salário constem de uma "lista negra" colocada online. Propõem ainda alterações à lei para acabar com diferenças salariais.

observador.pt – 7 de março de 2017

Secção - sociedade

<http://observador.pt/2017/03/07/figuras-femininas-em-semaforos-de-melbourne/>

Austrália testa figuras femininas nos semáforos

Durante 12 meses, dez semáforos em Melbourne vão usar figuras femininas como sinalização para peões em vez dos tradicionais bonecos masculinos. É um teste à consciência social. Em defesa da igualdade de género, uma organização sem fins lucrativos de Melbourne, Austrália, decidiu fazer um teste: trocou as habituais figuras masculinas para peões em dez semáforos para por bonecos femininos. A medida entrou em vigor esta terça-feira e vai estar em testes nos próximos 12 meses. Os semáforos situam-se na interseção das ruas Swanston e Flinders, no centro da cidade de Melbourne, e são da responsabilidade do Comité de Melbourne, um grupo formado por mais de 120 grupos e empresas que lutam pela igualdade de género no estado de Vitória com esta iniciativa de "Equal Crossing" (Igualdade ao atravessar).

tsf.pt - 7 de março 2017

Secção – Sociedade

<https://www.tsf.pt/sociedade/interior/be-quer-igualdade-entre-homens-e-mulheres-no-prazo-para-voltarem-a-casar-5710843.html>

O BE entregou um projeto de lei no parlamento para igualar os prazos para homens e mulheres voltarem a casar.

Segundo o diploma, o BE pretende acabar com "mais esta discriminação que incide sobre as mulheres, propondo que, em matéria de prazo internupcial, as regras sejam iguais para homens e mulheres" [meio ano entre divórcio e casamento]. O "prazo internupcial", que para as mulheres é agora de 10 meses, "consiste no intervalo obrigatório definido por lei que deve mediar a dissolução de um casamento e a celebração de novo matrimónio".

tsf.pt - 7 de março 2017

Secção – Desporto

<https://www.tsf.pt/desporto/interior/secretaria-geral-da-fifa-quer-mulheres-em-50-dos-cargos-dirigentes-5709626.html>

Secretária-geral da FIFA quer mulheres em 50% dos cargos dirigentes

A senegalesa Fatma Samoura, a primeira secretária-geral da FIFA, disse esta terça-feira que gostaria de ver até 2019 metade dos cargos dirigentes exercidos por mulheres. "Ao nível dos quadros da FIFA, já temos mais mulheres que homens [61 por cento], mas quando subimos na hierarquia, ao nível dos quadros superiores, somos 42 por cento de mulheres. O ideal seria que no termo do mandato de [Gianni] Infantino em 2019, pudessem existir 50 por cento de mulheres em lugares de responsabilidade", disse, em entrevista à agência AFP, na véspera do Dia Internacional da Mulher.

tsf.pt – 7 de março de 2017

Secção – Internacional

<https://www.tsf.pt/internacional/interior/estes-sao-crimes-que-impedem-as-mulheres-de-terem-vidas-sexuais-realizadas-5708502.html>

"Estes são crimes que impedem as mulheres de terem vidas sexuais realizadas"

Mónica Ferro é a nova diretora em Genebra do Fundo das NU para a População. No centro da agenda, tem as questões da igualdade de género, como a mutilação genital feminina ou o casamento forçado. Em entrevista à TSF, Mónica Ferro deixa o alerta para a falta de financiamento e diz que a própria ONU tem que comunicar melhor as vantagens de promover os direitos das mulheres.

tsf.pt – 7 de março de 2017

Secção – Internacional

<https://www.tsf.pt/internacional/interior/vaticano-tera-novo-orgao-consultivo-so-composto-por-mulheres-5710978.html>

Mulheres no Vaticano

Vaticano terá novo órgão consultivo só composto por mulheres. O Vaticano, muitas vezes criticado pela sub-representação do sexo feminino, apresentou um novo órgão consultivo que será composto exclusivamente por mulheres, de várias nacionalidades e de confissões religiosas diferentes. O anúncio aconteceu na véspera do Dia Internacional da Mulher, assinalado esta quarta-feira 08 de março.

observador.pt – 8 de março de 2017

Secção – sociedade

<http://observador.pt/2017/03/08/islandia-vai-ser-primeiro-pais-a-exigir-prova-de-igualdade-salarial-as-empresas/>

Islândia vai exigir prova de igualdade salarial

A Islândia vai ser o primeiro país do mundo a obrigar os empregadores a provar que pagam o mesmo salário para trabalho igual, independentemente do género, etnia, sexualidade ou nacionalidade, anunciou esta quarta-feira o governo. O executivo afirmou que vai submeter a proposta de lei ao parlamento, ainda este mês, a requer que todos os empregadores com mais de 25 funcionários obtenham certificação a provar que pagam o mesmo salário por trabalho idêntico

tsf.pt – 26 de março de 2017

Secção – Sociedade

<https://www.tsf.pt/sociedade/interior/ugtcgtp-apanas-um-terco-dos-cargos-ocupados-por-mulheres-5751271.html>

Mulheres ocupam apenas um terço dos cargos sindicais

Tanto na União Geral de Trabalhadores como na Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses, os principais cargos estão entregues maioritariamente a homens. Este domingo, a UGT foi a votos e Carlos Silva foi reeleito secretário-geral da União Geral de Trabalhadores, assim como o restante secretariado nacional. No entanto, neste órgão composto por 68 elementos, apenas 29% são mulheres. A TSF confrontou a intersindical com estes dados. A presidente da Comissão de Mulheres da UGT acredita que daqui por quatro anos a paridade será atingida, resultado de um caminho que Lina Lopes garante estar a ser feito.

tsf.pt – 6 de abril de 2017

Secção – Sociedade

[https://www.tsf.pt/pesquisa.html?q=Mudar de sexo e nome no registo já não vai exigir relatório médico](https://www.tsf.pt/pesquisa.html?q=Mudar%20de%20sexo%20e%20nome%20no%20registo%20j%C3%A1%20n%C3%A3o%20vai%20exigir%20relat%C3%B3rio%20m%C3%A9dico)

Mudar de sexo e nome no registo já não vai exigir relatório médico

Governo aprova proposta de lei para novo regime de identidade de género que pretende acabar com discriminações das pessoas transexuais e transgénero. O Conselho de Ministros aprovou uma proposta de lei sobre a identidade de género que impede as operações em crianças com dois sexos e que facilita, muito, as mudanças de sexo e nome dos adultos no registo civil. À TSF, a secretária de Estado da Cidadania e da Igualdade de Género, Catarina Marcelino, explica que a parte mais importante nesta proposta é a autodeterminação no pedido de alteração do nome no registo, deixando de ser preciso um relatório médico de uma equipa especializada. Basta a vontade do próprio e o conservador.

tsf.pt – 11 de abril de 2017

Secção – Sociedade

<https://www.tsf.pt/sociedade/interior/em-3-meses-26-mulheres-recorreram-ao-centro-de-apoio-as-vitimas-de-violencia-s-6213999.html>

Centro de apoio às vítimas de violência sexual apoiou 26 mulheres em 3 meses

É o primeiro centro de risco para vítimas de violência sexual financiado pelo governo. Na maioria dos casos, os agressores são o parceiro íntimo da vítima ou outro familiar. O centro de risco recebe mulheres a partir dos 16 anos que sofreram crimes de violência sexual. Desde que entrou em funcionamento, no início do ano, já apoiou 26 pessoas, só na zona de Lisboa. A Associação de Mulheres Contra a Violência (AMCV), organização responsável pelo projeto, espera alargar o apoio a mais vítimas noutras zonas do país, brevemente.

Noticiasmagazine.pt – 25 de abril 2017

Secção - Moda

<https://www.noticiasmagazine.pt/2017/o-feminismo-na-moda/>

O feminismo está na moda

Fevereiro deste ano, Semana da Moda de Milão, temporada de inverno 2017/18: Chiuri volta a passar a mensagem de luta inspirando-se na roupa fabril das mulheres na Segunda Guerra Mundial, graciosas e lutadoras. Contudo, é Miuccia Prada quem arrasa na defesa da causa feminista ao recriar um dormitório de mulheres com camas e rostos femininos, os quais também estampou em algumas saias e *tops* da coleção. «A moda é sobre o dia-a-dia e esse quotidiano é o palco das nossas liberdades, quer na vida privada quer na pública», disse aos jornalistas a *designer*, que desde os anos 1960 se bate pela questão da igualdade de género. «Neste desfile decidimos olhar para o papel das mulheres na formação da sociedade moderna, a sua participação política, as conquistas sociais.»

dn.pt – 8 de maio de 2017

Secção - Artes

<https://www.dn.pt/artes/interior/inedito-emmawatsonvence-premio-de-melhor-atriz-e-ator-7585896.html>

Inédito. Emma Watson vence prémio de melhor atriz/ator

MTV apresentou o primeiro prémio que não separa os nomeados pelo género. Emma Watson ganhou este domingo o prémio de melhor atriz/ator da MTV TV & Movie Awards, o primeiro prémio que não faz distinção de géneros. A atriz venceu pela sua performance no filme *A Bela e o Monstro* e atribuiu a vitória ao que a personagem representa e elogiou a MTV. A atriz e ativista pelo feminismo e igualdade de género elogiou também a MTV por abolir a distinção de géneros para o prémio de melhor ator/atriz.

observador.pt – 2 de junho de 2017

Secção - Sociedade

<http://observador.pt/2017/06/02/trabalhadoras-portuguesas-tem-mais-habilitacoes-do-que-os-homens-mas-ganham-menos/>

Trabalhadoras portuguesas têm mais habilitações do que os homens, mas ganham menos

As trabalhadoras portuguesas têm habilitações superiores aos homens, mas ocupam sistematicamente níveis de qualificação mais baixos e têm um salário base médio inferior em 16,7%. O estudo integra o plano de ação daquela central sindical para os próximos quatro anos, a aprovar esta sexta-feira, em Lisboa, durante a 7.ª Conferência Nacional da Comissão para a Igualdade entre Mulheres e Homens

Delas.pt – 6 de junho de 2017

Secção - Moda

<https://www.delas.pt/cfda-homenageia/>

Os prémios CFDA prestam homenagem ao feminismo

CFDA Awards foram entregues esta segunda-feira, em Nova Iorque, e ao palco subiu o empoderamento feminino com o reconhecimento dado a três mulheres que se tornaram o rosto da Women's March. Gloria Steinem, ativista e autora de vários livros feministas, Cecile Richards presidente da associação norte-americana pelo planeamento familiar "Planned Parenthood" e a atriz, cantora e compositora Janelle Monáe, foram as três mulheres escolhidas para receberem o Board Directors' Tribute, um prémio de reconhecimento pelo seu envolvimento na marcha das mulheres que marcou o dia seguinte à tomada de posse de Donald Trump.

observador.pt – 9 de julho de 2017

Secção – Atualidade

<http://observador.pt/2017/07/09/mulheres-sao-obrigadas-a-esperar-mais-120-dias-do-que-homens-para-voltar-a-casar-e-inconstitucional-diz-pgr/>

Mulheres são obrigadas a esperar mais 120 dias do que homens para voltar a casar. É inconstitucional, diz PGR

Num parecer enviado à AR, Joana Marques Vidal diz que prazos internupciais diferentes para homens e mulheres violam o princípio da igualdade e são "forma de discriminação em função do sexo". A lei foi introduzida no Código Civil em 1967: em caso de viuvez ou divórcio, os homens devem esperar 180 dias para poderem voltar a contrair matrimónio — já as mulheres são obrigadas a cumprir um prazo internupcial de 300 dias, cerca de 10 meses. Este prazo só pode ser encurtado se a futura noiva "obtiver declaração judicial de que não está grávida ou tiver tido algum filho depois da dissolução, declaração de nulidade ou anulação do casamento anterior".

observador.pt – 13 de julho de 2017

Secção - Sociedade

<http://observador.pt/2017/07/13/ladies-and-gentlemen-vai-deixar-de-ser-a-saudacao-oficial-aos-utentes-do-metro-de-londres/>

"Ladies and gentlemen" vai deixar de ser a saudação oficial aos utentes do metro de Londres

É a frase que antecede os avisos de segurança, as informações sobre serviços interrompidos ou a direção dos comboios. Mas "ladies and gentlemen" não é uma saudação de género neutro e foi substituída. A famosa saudação "ladies and gentlemen" — "senhoras e senhores" — proferida sempre por uma voz calma e feminina no meio do caos do metropolitano de Londres, vai deixar de se ouvir. Os Transportes para Londres (TfL) anunciaram a decisão de substituir esta saudação por uma que não identifique qualquer género. "Hello, everyone" — será assim que os utentes irão passar a ser recebidos.

tsf.pt – 22 de julho de 2017

Secção – Desporto

<https://www.tsf.pt/desporto/interior/aconteca-o-que-acontecer-ja-vamos-fazer-historia-8656401.html>

"Aconteça o que acontecer, já vamos fazer história"

Inês Henriques é uma das cinco mulheres que participam na prova de marcha dos 50 Km. Uma entre as primeiras. Sexta-feira à noite, chegou o *mail* que deu guia de marcha à participação de mulheres na prova de 50 KM marcha, até aqui apenas reservada aos homens. A Federação Internacional de Atletismo (IAAF) alargou as marcas de qualificação de 4.06 horas para 4.30 horas, superando as expectativas da atleta portuguesa, que assim vai ser uma das cinco mulheres em prova nos mundiais de Londres, que começam em agosto.

tsf.pt – 25 de julho de 2017

Secção – Desporto

<https://www.tsf.pt/desporto/interior/ha-cada-vez-mais-mulheres-a-jogar-a-bola-8662074.html>

Há cada vez mais mulheres a jogar à bola

O número de praticantes de futebol feminino em Portugal teve um crescimento de 35,1 por cento, o maior da última década, segundo dados revelados pela Federação Portuguesa de Futebol. Na última época, que viu entrar na Liga principal de seniores o Sporting, campeão e vencedor da Taça de Portugal, e o Sporting de Braga, aumentou o número de praticantes federadas, que agora se situa em 4132 futebolistas. Em seniores, os números descem para 1054 jogadoras, enquanto nos escalões de formação estão inscritas 3078 futebolistas, de acordo com os dados revelados pela Federação Portuguesa de Futebol (FPF).

tsf.pt – 25 de julho de 2017

Secção – Cultura

<https://www.tsf.pt/cultura/arte/interior/cinema-de-mulheres-para-todos-no-mediterraneo-8798064.html>

Cinema de mulheres para todos, no Mediterrâneo

O Festival Olhares do Mediterrâneo, na sua quarta edição, está anunciado para a próxima quinta-feira, festival de cinema no feminino. Todas as margens do mar interior têm lugar nos Olhares do Mediterrâneo, mas onde as

mulheres, diz Antónia Pedroso de Lima, fazem parte da construção deste cinema, seja na realização, no argumento, na montagem ou em qualquer outro lugar, cinema com mulheres e não cinema para mulheres. Não é um festival só para mulheres, é um festival que parte do olhar das mulheres sobre este mundo que rodeia todo o Mediterrâneo.

tsf.pt – 25 de julho de 2017

Secção - Sociedade

<https://www.tsf.pt/sociedade/educacao/interior/62-milhoes-de-raparigas-no-mundo-sem-acesso-a-educacao-8661230.html>

62 milhões de raparigas no mundo sem acesso à Educação

"É negado o direito à educação a 62 milhões de raparigas", declarou a diretora da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), durante uma visita ao Chile. Pelo menos 62 milhões de raparigas no mundo não têm acesso à educação e dois terços dos analfabetos são mulheres, disse esta terça-feira Irina Bokova, durante uma conferência na Academia Diplomática do Chile, citada pelo site brasileiro G1. A diretora da UNESCO manifestou a sua preocupação pelas dificuldades encontradas pelas meninas para poderem ter acesso à Educação, que resultam, sublinhou, numa "das principais causas de exclusão social em muitas comunidades".

tsf.pt – 28 de julho de 2017

Secção – Internacional

<https://www.tsf.pt/internacional/interior/tunisia-aprova-lei-historica-contra-violencia-dirigida-as-mulheres-8669482.html>

Tunísia aprova lei histórica contra violência dirigida às mulheres

Nas ruas de Tunes, as tunisinas festejaram a aprovação de uma lei que procura prevenir e castigar "toda e qualquer violência contra as mulheres". Saíram à rua num dia assim, celebrando o crime e castigo que passa agora a vigorar na lei do país contra toda a violência dirigida às mulheres. O diploma foi aprovado por unanimidade e revoga o artigo 227 do código penal que permitia ao violador de uma menor, por exemplo, casar-se com a vítima para evitar a prisão. A partir de agora quem tiver relações sexuais com uma menor pode ser condenado de 16 a 20 anos de cadeia ou até mesmo a prisão perpétua, dependendo das características do crime.

tsf.pt – 31 de julho de 2017

Secção – Cultura

[https://www.tsf.pt/pesquisa.html?q=Cinema de Hollywood ainda é discriminatório contra minorias, mulheres e LGBT](https://www.tsf.pt/pesquisa.html?q=Cinema+de+Hollywood+ainda+é+discriminatório+contra+minorias,+mulheres+e+LGBT)

Cinema de Hollywood ainda é discriminatório contra minorias, mulheres e LGBT

Uma investigação da Escola de Comunicação e Jornalismo da University of Southern Califórnia sistematizou e analisou informação sobre identidade de equipas técnicas e características de personagens. A produção de cinema em Hollywood, nos Estados Unidos, ainda é discriminatória e tem pouca representatividade e diversidade étnica, social e de género, segundo um estudo hoje divulgado. A conclusão está expressa numa investigação da Escola de Comunicação e Jornalismo, da University of Southern Califórnia, que sistematizou e analisou informação sobre a identidade das equipas técnicas e as características das personagens dos 100 filmes mais lucrativos anualmente desde 2007. Os investigadores concluíram que, afinal, em Hollywood a exclusão de mulheres, de minorias, da comunidade LGBT e de personagens ou atores portadores de deficiência é a norma e não a exceção.

O estudo deixa várias recomendações, nomeadamente que os profissionais de topo -- atores, produtores, realizadores, técnicos -- exijam cláusulas de equidade nos seus contratos. "A diversidade não é uma coisa que simplesmente acontece. É algo sobre a qual é preciso refletir e ter como um objetivo a alcançar", disse Katherine Pieper, investigadora associada do estudo.

delas.pt – 21 de agosto de 2017

Secção - Beleza

<https://www.delas.pt/feminismo-na-nova-campanha-da-loreal/>

A L’Oreal juntou-se à Balmain numa colaboração que já está a dar muito que falar.

O resultado desta parceria são 12 bâtons com cores que vão desde os clássicos *nudes* aos irreverentes azuis e verdes. A campanha desta coleção de maquilhagem foi lançada hoje e o empoderamento feminino é a sua grande mensagem. Doze modelos de diferentes nacionalidades e tom de pele caminham de forma segura atrás de Olivier Rousteing, diretor criativo da Balmain. Em letras grandes lê-se “United, we are invincible” (“Unidas, somos invencíveis”), uma frase de empoderamento feminino, que torna a fotografia de Nico Bustos ainda mais forte.

tsf.pt – 23 de agosto de 2017

Secção – Sociedade

<https://www.tsf.pt/sociedade/educacao/interior/livros-de-criancas-da-porto-editora-uma-discriminacao-inaceitavel-8722341.html>

Livros de crianças da Porto Editora: "Uma discriminação inaceitável"

Azul ou cor-de-rosa. Ana Benavente gostava que o Ministério da Educação não ficasse em silêncio sobre os polémicos livros para meninos e meninas. A Comissão para a cidadania e para a igualdade de género está a analisar os polémicos manuais de atividades publicados pela Porto Editora. Estão à venda blocos de atividades para crianças dos 4 aos 6 anos e estão divididas por género. Há um livro para os meninos e outro para as meninas, um azul e o outro cor-de-rosa. Há até exercícios que parecem ser mais fáceis para as raparigas.

tsf.pt – 11 de setembro de 2017

Secção – Economia

<https://www.tsf.pt/lusa/interior/cristiano-ronaldo-em-campanha-da-uefa-pelo-fair-play-social-8762446.html>

Cristiano Ronaldo em campanha da UEFA pelo 'fair play' social

O português Cristiano Ronaldo participa numa campanha publicitária da UEFA que visa promover o 'fair-play' social e a igualdade e inclusão no futebol, hoje divulgada pelo organismo que rege o futebol europeu. A campanha, intitulada "#EqualGame", junta estrelas do futebol profissional, como Ronaldo, o argentino Lionel Messi, o francês Paul Pogba ou a norueguesa Ada Hegerberg a vários jogadores amadores na nova campanha de responsabilidade social, que procura "promover de forma positiva a inclusão, diversidade e acessibilidade no futebol", apontou a organização em comunicado. Através da '#EqualGame', a UEFA espera disponibilizar "uma plataforma" para que futebolistas, profissionais e amadores, possam "partilhar as suas histórias pessoais no futebol", sublinhando "a missão de garantir que o futebol seja aberto e acessível a todos, sendo respeitada a igualdade entre etnia, género, idade, orientação sexual, capacidades físicas e diferenças sociais".

tsf.pt – 11 de setembro de 2017

Secção – Economia

<https://www.tsf.pt/lusa/interior/milhares-de-mulheres-manifestam-se-no-peru-contraviolencia-de-genero-8702640.html>

Milhares de mulheres manifestam-se no Peru contra violência de género

Milhares de mulheres manifestaram-se, no sábado, nas ruas de Lima e das principais cidades do Peru contra a violência de género que, segundo dados oficiais, resultou já em 59 vítimas mortais desde o início do ano. A marcha realizada na capital percorreu várias avenidas do centro de Lima e terminou junto ao Palácio de Justiça, onde as ativistas protestaram contra a atuação dos juizes e procuradores atendendo aos 48.489 casos de violência doméstica, sexual e de género sinalizados no Peru desde o início do ano. A despenalização do aborto, a promulgação de uma lei de identidade de género e igualdade de direitos para as mulheres transexuais e o agravamento das penas para os assassinios de mulheres figuraram entre as principais reivindicações

Dn.pt – 17 de setembro de 2017

Secção - Nacional

<https://www.dn.pt/lusa/interior/galderias-voltam-a-marchar-no-porto-contrabanalizacao-da-violencia-de-genero-8776812.html>

"Galdérias" voltam a marchar no Porto contra banalização da violência de género

Cerca de cem pessoas manifestaram-se na noite de sábado, no Porto, em prol da igualdade de género e contra a violência e discriminação das mulheres, na quinta "Marcha das Galdérias", que se realiza na cidade desde 2011. Entre cinco mulheres e um homem entrevistados pela agência Lusa, a definição da palavra feminismo foi um dos temas que mais preocupação suscitou, por receios de que seja entendida "como o equivalente feminino do machismo", disse uma das organizadoras, Carolina Marcelo, sublinhando que o termo "não implica mais que a luta pela igualdade entre os sexos".

Dn.pt – 17 de setembro de 2017

Secção - Nacional

<https://www.dn.pt/lusa/interior/comissao-para-a-igualdade-de-genero-apresenta-queixa-contracorreio-da-manha-por-causa-de-video-8484239.html>

Comissão para a Igualdade de Género apresenta queixa contra Correio da Manhã por causa de vídeo

Em comunicado, a Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG) manifesta publicamente repúdio "pela gravidade dos comportamentos praticados e divulgados pelas redes sociais e pelo órgão de comunicação social Correio da Manhã, através de um vídeo em que é visível um alegado abuso sexual a uma rapariga".

tsf.pt – 26 de setembro de 2017

Secção - Sociedade

<https://www.tsf.pt/sociedade/educacao/interior/porto-editora-volta-a-colocar-a-venda-atividades-para-rapazes-e-raparigas-8799205.html>

Livros para meninos e meninas voltam às livrarias

A Porto Editora informou que vai pôr fim à suspensão da venda dos livros com atividades diferentes destinadas aos rapazes e às raparigas, recomendada pela Comissão para a Igualdade de Género. Os livros de atividades para rapazes e raparigas que a Porto Editora suspendeu na sequência de fortes críticas de discriminação estão novamente disponíveis para compra livre, anunciou a empresa. A editora decidiu "pôr fim à suspensão de venda", lê-se num comunicado emitido esta terça-feira, em que a empresa livreira diz ter ficado comprovada "a não existência de qualquer discriminação" nos blocos de atividades diferenciados para rapazes e raparigas, dos quatro aos seis anos.

tsf.pt – 3 de outubro de 2017

Secção – Economia

<https://www.tsf.pt/economia/interior/sao-as-mulheres-que-tem-de-querer-a-lideranca-das-empresas-5718123.html>

São as mulheres que "têm de querer" a liderança das empresas

A Presidente da Dielmar, entrevistada pela TSF e Dinheiro Vivo, diz que as mulheres têm de querer liderar. Sem se comprometer com um apoio ao sistema de quotas para mulheres nos Conselhos de Administração das empresas, a Presidente da Dielmar, Ana Paula Rafael, sustenta: "São as mulheres que têm de querer [liderar as empresas], essa é a primeira parte" da questão. "Quando as mulheres querem, criam à sua volta o ambiente em que a confiança e o espaço que ocupam também lhes trás a possibilidade de elas poderem ter - e concretizar - a ambição de liderança que têm", acrescenta.

tsf.pt – 3 de outubro de 2017

Secção – Economia

<https://www.tsf.pt/politica/interior/promulgada-lei-para-equilibrio-entre-mulheres-e-homens-em-orgaos-de-gestao-8648395.html>

Promulgada lei para equilíbrio entre mulheres e homens em órgãos de gestão

Lei obriga a uma representação equilibrada entre homens e mulheres nos órgãos de gestão das empresas do setor público e nas cotadas em bolsa, estabelecendo uma quota feminina de 33,3% até 2020. Numa nota publicada no 'site' da Presidência da República, Marcelo Rebelo de Sousa recorda que o novo regime legal, aprovado pelo parlamento em junho, "corresponde a medidas tomadas em vários outros países da União Europeia, com resultados significativos num maior equilíbrio de género nos órgãos de gestão de empresas". A nota sublinha que o novo quadro legal traduz uma "orientação há muito preconizada pelo Presidente da República, pelo que, apesar de se poder invocar poder haver uma excessiva intervenção e voluntarismo do Estado e de eventuais objeções de técnica jurídica quanto a remissões entre preceitos", decidiu promulgar o diploma do parlamento.

tsf.pt – 3 de outubro de 2017

Secção – Nacional

<https://www.tsf.pt/lusa/interior/governo-vai-aprovar-lei-para-promover-igualdade-salarial-entre-mulheres-e-homens-8818199.html>

Governo vai aprovar lei para promover igualdade salarial entre mulheres e homens

O secretário de Estado do Emprego, Miguel Cabrita, anunciou hoje no parlamento que o Governo vai aprovar até ao final do ano uma proposta de lei no âmbito da promoção da igualdade salarial entre mulheres e homens. Miguel

Cabrita esteve hoje à tarde no plenário da Assembleia República, onde foi apreciado o relatório de 2016 sobre a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres no trabalho, no emprego e na formação profissional. Nesse sentido, sustentou que é necessária "a existência de políticas públicas para pôr fim às diferenças ainda existentes em diferentes domínios", nomeadamente a promoção "da igualdade entre mulheres e homens no mercado de emprego para efetivar o princípio constitucional salário igual para trabalho igual e igual valor" e "para tornar mais equilibrada a representação dos sexos em cargo de decisão".

publico.pt – 7 de outubro de 2017

Secção - Cinema

<https://www.publico.pt/2017/10/07/culturaipsilon/noticia/harvey-weinstein-vai-receber-tratamento-depois-de-ter-sido-acusado-de-assedio-sexual-1788003>

Harvey Weinstein, o influente produtor de Hollywood apanhado num escândalo de assédio sexual

Harvey Weinstein, influente e consagrado produtor de Hollywood, anunciou que se iria retirar da sua empresa por tempo indeterminado para receber tratamento, depois de o New York Times ter publicado uma investigação onde dá conta que Weinstein foi acusado durante anos de assédio sexual contra várias mulheres. O jornal norte-americano diz que o produtor de 65 anos chegou a acordo com oito mulheres que alegaram terem sofrido assédio sexual e contacto físico sem consentimento. Todos estes acordos foram mantidos em sigilo e envolveram valores entre os 80 e os 150 mil dólares (entre pouco mais de 68 mil euros e quase 128 mil euros).

tsf.pt – 10 de outubro de 2017

Secção – Sociedade

<https://www.tsf.pt/sociedade/interior/engenharia-tambem-e-um-trabalho-de-mulheres-8830742.html>

Engenharia também é um trabalho de mulheres

"Engenheiras por um dia" é o nome de um projeto que chega esta terça-feira às escolas do ensino básico e secundário. Na véspera do Dia Internacional das Raparigas assinalado pelas Nações Unidas, o Governo lança um projeto-piloto em parceria com o Instituto Superior Técnico e três empresas: IBM, Siemens e Microsoft. "Engenheiras por um dia" faz parte do programa para uma maior igualdade de géneros nas profissões e nos salários. O objetivo é chamar mais raparigas para as áreas de ensino das engenharias e das tecnológicas.

tsf.pt – 10 de outubro de 2017

Secção – Nacional

<https://www.tsf.pt/lusa/interior/criadoras-portuguesas-dizem-que-premio-de-merito-e-alerta-para-igualdade-de-genero-8832763.html>

Criadoras portuguesas dizem que prémio de mérito é alerta para igualdade de género

A atribuição de um prémio de mérito, hoje, a cinco autoras da cultura portuguesa significa que ainda é preciso dar mais visibilidade às mulheres e alertar para a igualdade de género, disseram as premiadas à agência Lusa. A jornalista Diana Andringa, a soprano Elisabete Matos, a atriz Cristina Paiva, a pintora Paula Rego e a encenadora Mónica Calle foram hoje distinguidas pelo Governo com o prémio Maria Isabel Barreno - Mulheres Criadoras de Cultura. No final da cerimónia, realizada no Museu dos Coches, em Lisboa - à qual Paula Rego faltou por razões de

saúde -, a atriz Cristina Paiva, fundadora do projeto Andante, disse à Lusa que o prémio serve para colocar na agenda pública a discussão sobre o papel da mulher na sociedade.

publico.pt – 12 de outubro de 2017

Secção –Moda

<https://www.publico.pt/2017/10/12/culto/noticia/mmm-1788609>

Marca holandesa veste mulheres e despe homens.

Depois de ter sido acusada de machismo, a Suistudio criou uma nova campanha onde os homens são objetos. Depois de ter sido acusada de machismo, a marca holandesa decidiu fazer uma campanha em que são os homens os objetos sexuais e não as mulheres. Nas fotografias são elas que estão vestidas e eles despidos, mas em posições em que são, de facto, objetos decorativos em ambientes de luxo. A Suistudio, que pertence à Suitsupply, foi fundada em Amesterdão, no ano 2000, e está presente em 15 países. Na sua última campanha, as modelos apresentam a nova coleção e posam ao lado de homens nus. Tratados, como objetos, estes homens não têm cara, nome, nem história, tal como acontece muitas vezes com os elementos do sexo feminino neste tipo de anúncio

tsf.pt – 13 de outubro de 2017

Secção – Nacional

<https://www.tsf.pt/lusa/interior/o-papel-das-mulheres-nas-artes-em-debate-em-lisboa-durante-dois-dias-8840660.html>

O papel das mulheres nas artes em debate em Lisboa durante dois dias

Lídia Jorge, Maria Teresa Horta e Graça Morais vão ser homenageadas na Gulbenkian, em Lisboa, num encontro sobre as mulheres nas artes, que contará com uma conferência da escritora Joumana Haddad e um filme de Sally Potter. "Mulheres nas Artes: Percursos de Desobediência" é o tema do encontro, que decorre na segunda e terça-feira, na Fundação Calouste Gulbenkian, junta cerca de duas dezenas de artistas e que visa debater a afirmação das mulheres na literatura, na música, no cinema, nas artes visuais e nas artes de palco. "Qualquer forma de criação nasce da desobediência, isto é, da capacidade de questionar o que existe", é a frase de Inês Pedrosa e Patrícia Reis, comissárias de "Mulheres nas Artes: Percursos de Desobediência".

tsf.pt – 14 de outubro de 2017

Secção – Economia

<https://www.tsf.pt/lusa/interior/oe2018-governo-cria-relatorio-anual-de-orcamentos-com-impacto-de-genero-8842164.html>

OE2018: Governo cria relatório anual de orçamentos com impacto de género

O Governo vai apresentar ao parlamento, até ao final de 2018, uma proposta de lei que institui um relatório anual sobre a aplicação de orçamentos com impacto de género, segundo a proposta de lei do Orçamento do Estado. Estes relatórios irão constituir a base para a elaboração, até ao final de 2018, de um relatório geral pela Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, nos termos a fixar por despacho dos membros do Governo responsáveis pelas áreas das Finanças e da Cidadania e Igualdade, refere a proposta que já constava na versão preliminar do Orçamento do Estado.

observador.pt – 18 de outubro de 2017

Secção – Moda

<http://observador.pt/2017/10/29/moda-e-feminismo-o-que-e-feito-do-espartilho/>

Moda e feminismo. O que é feito do espartilho?

Cristina L. Duarte lançou o livro "Moda e Feminismos em Portugal. O género como espartilho". O Observador conversou com a socióloga sobre o papel da roupa na luta pelos direitos das mulheres. Para analisar aquele que foi o papel da moda na evolução da luta pela igualdade de género em Portugal, durante o século XX, a socióloga Cristina L. Duarte encontrou a metáfora perfeita: o espartilho. Pode ter caído em desuso, mas a autora do livro *Moda e feminismos em Portugal. O género como espartilho* não hesita em afirmar que a mesma lógica por detrás da peça que, durante séculos, limitou e moldou o corpo da mulher persiste na sociedade.

publico.pt – 20 de outubro de 2017

Secção – Cultura

<https://www.publico.pt/2017/10/20/culto/noticia/mmm-1789594>

Homens apoiam mulheres com a *hashtag* #HowIWillChange

Sexo masculino mostra solidariedade com as mulheres que partilharam a sua experiência de assédio e agressão sexual. Nos últimos dias e depois de Harvey Weinstein ter sido acusado de assédio sexual, a *hashtag* #MeToo tem sido partilhada por mulheres de todo o mundo. Estas experiências de assédio e agressão sexual têm sido divulgadas por mulheres que trabalham em diferentes áreas, da moda ao desporto. Depois desta *hashtag* se ter tornado viral, chegou a vez de os homens mostrarem-se solidários com declarações a que juntam a *hashtag* #HowIWillChange (como é que eu vou mudar, em português). Segundo a revista norte-americana Seventeen, esta solidariedade masculina é importante, para que os homens reflitam nos seus comportamentos e na forma de os mudar.

tsf.pt – 23 de outubro de 2017

Secção – Economia

<https://www.tsf.pt/lusa/interior/vinhos-em-destaque-no-folio-para-mostrar-como-as-mulheres-revolucionaram-o-setor-8865833.html>

Vinhos em destaque no Folio para mostrar como as mulheres revolucionaram o setor

A entrada das mulheres no mundo dos vinhos revolucionou o setor e fomentou o aumento do enoturismo, segundo a produtora Sofia Martins, oradora numa palestra do festival internacional de literatura Folio, em Óbidos, onde vinhos e livros se associaram. O papel da mulher, acrescentou, revelou-se ainda em "rótulos completamente impensáveis há cinco anos, muitos deles de casas de mulheres" que tomaram em mãos o desafio de "mostrar o que está por trás de uma garrafa, de um rótulo, de uma rolha". A "dedada do sexo feminino" sobretudo no aumento da atratividade do vinho nacional, revolucionou igualmente o mercado, onde o marketing é cada vez mais feito por mulheres, como foi sublinhado no Folio.

dnoticias.pt – 23 de outubro de 2017

Secção - Nacional

<https://www.dn.pt/lusa/interior/mulheres-juristas-lembram-que-tribunais-devem-promover-igualdade-entre-generos-8867006.html>

Mulheres Juristas lembram que Tribunais devem promover igualdade entre géneros

A Associação Portuguesa de Mulheres Juristas (APMJ) relembrou hoje que os Tribunais, como órgãos do Estado, devem garantir "os direitos e liberdades fundamentais" e promover "a igualdade entre homens e mulheres". "E os que impõem que os Tribunais, como órgãos do Estado, garantam os direitos e liberdades fundamentais e o respeito pelos princípios do Estado de Direito democrático, assim como promovam a igualdade entre homens e mulheres (...) bem como garantam o princípio da laicidade do Estado", recordou a APMJ em comunicado a propósito do acórdão do Tribunal da Relação do Porto, de 11 de outubro, onde o juiz relator faz censura moral a uma mulher de Felgueiras vítima de violência doméstica.

tsf.pt – 27 de outubro de 2017

Secção - Nacional

<https://www.tsf.pt/lusa/interior/peticao-contra-acordao-sobre-violencia-domestica-tem-mais-de-17000-assinaturas-8877555.html>

Petição contra acórdão sobre violência doméstica tem mais de 17.000 assinaturas

A petição pública que apela à tomada de posição do Conselho Superior de Magistratura e do Provedor de Justiça sobre a argumentação de um juiz da Relação do Porto num caso de violência doméstica já conta com 17.237 assinaturas. Na fundamentação do acórdão, a violência doméstica praticada contra a mulher é minimizada pelo facto de esta ter cometido adultério. Os signatários da petição, que pelas 16:15 de hoje, segundo a página da internet Petição Pública, já reunia 17.237 assinaturas, dizem-se "chocados com a argumentação" apresentada, manifestam repúdio, pedem ao CSM e ao Provedor de Justiça que tomem posição e apelam a uma "reflexão urgente e séria" sobre a necessidade de alterar o sistema de e/ou avaliação dos juízes, "para que casos como este sejam evitados no futuro".

dnoticias.pt – 27 de outubro de 2017

Secção - País

<http://www.dnoticias.pt/pais/mulheres-socialistas-defendem-que-acordao-em-caso-de-violencia-domestica-viola-constituicao-EA2255161#>

Mulheres Socialistas defendem que acórdão em caso de violência doméstica viola Constituição

As Mulheres Socialistas repudiaram hoje a fundamentação do acórdão da Relação do Porto num caso de violência doméstica, defendendo que viola a Constituição e vários tratados e convenções internacionais.

observador.pt – 27 de outubro de 2017

Secção –Desporto

<http://observador.pt/2017/10/27/golfe-uma-adolescente-venceu-um-torneio-e-nao-recebeu-o-trofeu-porque-e-rapariga/>

Golfe. Uma adolescente venceu um torneio e não recebeu o troféu porque... é rapariga

Emily Nash tem 16 anos, anda no secundário e nos tempos livres só faz uma coisa: **golfe**. A adolescente do Massachusetts venceu este fim-de-semana um torneio regional, com menos quatro tacadas do que o segundo classificado, conta o Worcester Telegram & Gazette.

Mas a verdade é que não recebeu o troféu. Nem sequer vai marcar presença no campeonato estatal, que era outro dos prémios em caso de vitória. E porquê? Porque de acordo com uma regra da Associação Atlética Interescolar do Massachusetts, as raparigas podem jogar enquanto parte de uma equipa – mas não individualmente.

observador.pt – 27 de outubro de 2017

Secção – Sociedade

<http://observador.pt/2017/10/27/may-quer-empresas-a-divulgar-diferencas-salariais-entre-homens-e-mulheres/>

May quer empresas a divulgar diferenças salariais entre homens e mulheres

Primeira-ministra britânica pede às empresas que divulguem as diferenças salariais entre homem e mulher, em nome de uma maior paridade. Medida será obrigatória para quem emprega mais de 250 pessoas.

A primeira-ministra britânica apelou a todas as empresas que publiquem informação sobre a diferença salarial entre homens e mulheres. Theresa May tem procurado promover a igualdade no local de trabalho e o seu governo já introduziu a exigência legal de todas as empresas com mais de 250 trabalhadores divulgarem publicamente os pagamentos de prémios de gestão por género até abril do próximo ano.

observador.pt – 27 de outubro de 2017

Secção – Sociedade

<http://observador.pt/2017/10/11/portugal-no-fundo-da-tabela-da-igualdade-de-genero-em-21o-na-europa-a-28/>

Portugal no fundo da tabela da igualdade de género, em 21º na Europa a 28

Portugal está no fundo da tabela no ranking dos países da Europa a 28 sobre igualdade de género, tendo subido uma posição e estando agora em 21.º, à frente da República Checa, Grécia, Croácia, Chipre, Luxemburgo, Roménia e Eslováquia.

O ranking é elaborado pelo Instituto Europeu para a Igualdade de Género (EIGE, na sigla em inglês), segundo o qual a União Europeia a 28 está a conseguir fazer progressos em matéria de igualdade de género, ainda que de forma lenta. Os dados do EIGE, relativos a 2015, mostram que a média europeia está agora nos 66,2 pontos em 100, quatro pontos acima do valor de há dez anos, com a Suécia em primeiro lugar, com 82,6 pontos, e a Grécia no fim, com 50 pontos

publico.pt – 29 de outubro de 2017

Secção – Cultura

<https://www.publico.pt/2017/10/18/culto/noticia/comissaria-europeia-ja-foi-vitima-de-violencia-sexual-e-juntase-ao-movimento-metoo-1789362>

Comissária europeia já foi vítima de violência sexual e junta-se ao movimento #MeToo

A comissária europeia para a igualdade de género, a checa Vera Jourová, revela que já foi vítima de violência sexual e apela a todas as mulheres que também já o foram que denunciem os seus casos, aderindo ao movimento #MeToo.

publico.pt – 29 de outubro de 2017

Secção - Mundo

<https://www.publico.pt/2017/10/29/mundo/noticia/arabia-saudita-autoriza-mulheres-a-assistir-a-jogos-em-tres-estadios-a-partir-de-2018-1790729>

Arábia Saudita autoriza mulheres a assistir a jogos em três estádios a partir de 2018

Segundo a Autoridade Geral do Desporto, numa mensagem na rede social Twitter, três estádios, em Riade, Jeddah (oeste) e Dammam (leste) começaram a ser preparados para receber famílias a partir do início de 2018. A decisão inédita é anunciada numa altura em que o reino do Golfo começou recentemente a aliviar as restrições às mulheres. Em setembro, o rei Salmane permitiu que as mulheres sauditas possam conduzir automóveis a partir de junho de 2018, uma decisão histórica naquele que é o último país do mundo que interdita a condução automóvel às mulheres. Poucos dias antes, centenas de mulheres sauditas já se tinham sentado pela primeira vez num estádio em Riade, por ocasião do feriado nacional, para assistir a concertos e fogos de artifício. Até então nunca tinham sido admitidas em estádios, no âmbito da aplicação da regra de separação de géneros em espaços públicos.

tsf.pt – 30 de outubro de 2017

Secção - Desporto

<https://www.tsf.pt/lusa/interior/maratona-do-porto-reunira-cerca-de-15000-atletas----organizacao-8883776.html>

Maratona do Porto reunirá cerca de 15.000 atletas – organização. Este é o primeiro ano em que os prémios de prova têm o mesmo valor para homens e mulheres

Os quenianos Lawrence Kimaiyo e Jackson Limo são os cabeças de cartaz da 14.^a Maratona do Porto, prova que decorre no domingo e reunirá cerca de 15.000 atletas, indicou hoje a organização. Este é o primeiro ano em que os prémios de prova têm o mesmo valor para homens e mulheres, algo elogiado por várias personalidades que marcaram presença na apresentação, nomeadamente pela atleta Jéssica Augusto, que não vai correr no domingo no Porto por estar na maratona de Nova Iorque. "É uma boa notícia por causa da igualdade de género. Vou correr em Nova Iorque não por recordes, mas para melhorar os meus tempos.

tsf.pt – 30 de outubro de 2017

Secção - Economia

<https://www.tsf.pt/lusa/interior/conselho-economico-e-social-com-nova-composicao-a-partir-de-hoje-8776857.html>

Conselho Económico e Social com nova composição a partir de hoje

A lei que estabelece a nova composição do Conselho Económico e Social (CES) entra hoje em vigor, alargando aquele órgão de consulta e de concertação social a representantes do setor social, pensionistas, jovens, comunidades portuguesas, entre outros. Outra novidade introduzida nesta sétima alteração à lei 108/91 é a

inclusão de "um representante das associações de mulheres representadas no conselho consultivo da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, coletivamente consideradas", de acordo com o texto da lei.

publico.pt – 30 de outubro de 2017

Secção – Cultura

<https://www.publico.pt/2017/10/30/culturaipsilon/noticia/efeito-weinstein-kevin-spacey-pede-desculpas-por-assedio-e-revela-homossexualidade-1790737>

Catalisador de denúncias de comportamento sexual indesejado chegou a Westminster ou ao Parlamento Europeu, e leva ao *coming out* de um ator de renome.

Três semanas depois do início do escândalo Weinstein, alimentado por duas investigações jornalísticas em que pela primeira vez atrizes de renome falaram na primeira pessoa sobre casos de assédio sexual de diferentes graus de gravidade alegadamente perpetrados por um homem que tinha poderio físico e profissional sobre elas, as réplicas do mesmo continuam a fazer-se sentir em vários sectores e países. Na semana passada o Parlamento Europeu aprovou uma resolução sobre a luta contra o assédio sexual e os abusos sexuais na União Europeia — que muitos vêm como tendo sido motivado pela adesão ao movimento *online* MeToo, destinado a partilhar testemunhos de assédio, por várias eurodeputadas, e por uma investigação do site *Politico*. Este fim-de-semana, duas denúncias de alegados comportamento sexuais inapropriados por parte de um deputado e de um ex-governante britânicos (do Partido Conservador) motivaram a primeira-ministra Theresa May a pedir a criação de um serviço independente que medeie o processo e indicou que podem ser criadas novas regras de conduta.

publico.pt – 30 de outubro de 2017

Secção – Cultura

<https://www.publico.pt/2017/10/30/culturaipsilon/noticia/maos-teimosas-e-intimidacao-cindy-sherman-filipa-cesar-e-suzanne-cotter-assinam-carta-aberta-contr-assedio-nas-artes->

“Mãos teimosas” e intimidação. Cindy Sherman, Filipa César e Suzanne Cotter em carta aberta contra assédio.

Mais de 150 artistas, curadoras ou responsáveis de museus e galerias subscrevem esta segunda-feira uma carta aberta em que prometem: “Não seremos mais silenciadas”. Na esteira de um Outubro de denúncias e relatos de abusos de poder de teor sexual, as autoras da carta são nomes como o da fotógrafa norte-americana Cindy Sherman ou da directora do Museu de Serralves Suzanne Cotter. E dizem: “Fomos apalpadadas, minadas, assediadas, infantilizadas, desprezadas, ameaçadas e intimidadas por aqueles que estão em posições de poder que controlam o acesso aos recursos e oportunidades”.

publico.pt – 31 de outubro de 2017

Secção – Sociedade

<https://www.publico.pt/2017/10/31/sociedade/noticia/acoresh-madeira-com-os-numeros-mais-elevados-de-violencia-domestica-1790870>

Delegação da Comissão dos Direitos das Mulheres e da Igualdade de Género do Parlamento Europeu está em Portugal para avaliar impacto da crise em sectores maioritariamente femininos, como o Turismo.

Os Açores e a Madeira são as regiões do país com mais crimes violência doméstica por mil habitantes, de acordo com os dados do Ministério da Administração Interna relativos a 2016. A região autónoma dos Açores registou 3,42 casos por mil habitantes, e a Madeira, que em 2015 tinha o valor mais elevado, 3,10 por mil habitantes. Estes números, observa ao PÚBLICO a eurodeputada Liliana Rodrigues, acompanham a realidade das restantes regiões ultraperiféricas da União Europeia, e estiveram também na base da visita a Portugal de uma delegação da Comissão dos Direitos das Mulheres e da Igualdade de Género do Parlamento Europeu.

Delas.pt – 31 de outubro de 2017

Secção - Atualidade

<https://www.delas.pt/conselheiras-das-comunidades-portuguesas-violencia-genero/>

Conselheiras das Comunidades Portuguesas contra a violência de género

Treze conselheiras das Comunidades Portuguesas publicaram, hoje, um comunicado a alertar para a violência contra as mulheres em todo o mundo, começando por repudiar o acórdão do juiz Neto de Moura num caso de violência doméstica. O documento, colocado hoje na internet, faz um retrato das violências contra as mulheres nos países onde as conselheiras vivem e começa por apontar que o Acórdão do Tribunal da Relação do Porto, de 11 de outubro de 2017, foi “redigido em termos machistas e discriminatórios”.

Delas.pt – 2 de novembro de 2017

Secção - Pessoas

<https://www.delas.pt/david-beckham-filhos-feminismo-respeito/>

David Beckham assume-se como feminista. Sim, o futebolista

Pai de quatro filhos, três deles rapazes, David Beckham assume-se como feminista e quer que os seus meninos também saibam respeitar e dar valor às mulheres. Estes são princípios que recebeu durante toda a vida por parte da família e que quer transmitir. “Eu gostaria de pensar em mim como feminista. E quero fazer o mesmo pelos meus filhos”, declarou o ex-futebolista inglês em entrevista à Irish Independent.

publico.pt – 2 de novembro de 2017

Secção – Reino Unido

<https://www.publico.pt/2017/11/02/mundo/noticia/fallon-foi-o-primeiro-a-cair-no-escandalo-que-envergonha-westminster-1791181>

Fallon foi o primeiro a cair no escândalo que envergonha Westminster

Começaram por ser rumores, depois vieram as acusações que rapidamente deram origem a nomes e, em poucos dias, um ministro teve de demitir-se e outros dirigentes do Partido Conservador estão sob pressão para lhe seguirem o exemplo. O Parlamento britânico foi engolido pelas réplicas do escândalo de abusos sexuais protagonizado pelo produtor norte-americano Harvey Weinstein, num caso que ameaça desestabilizar ainda mais o Governo de Theresa May.

Delas.pt – 3 de novembro de 2017

Secção – Atualidade

<https://www.delas.pt/mulheres-da-tecnologia-debatem-desequilibrios-de-genero/>

Mulheres da tecnologia debatem desequilíbrios de género, no Porto

Os “desequilíbrios de género no mercado de trabalho começam antes da formação nas universidades “, destacou Cláudia Morgado, uma das oradoras do TEDxPortoWomen, evento que se realiza este sábado, 4 de novembro, pela primeira vez no Porto e para debater temas como a igualdade. Quando há dois anos a antiga farmacêutica entrou na Redlight Software – empresa que cria soluções tecnológicas na área da saúde – era a única mulher a fazer parte da equipa a tempo inteiro, situação que atualmente já não se verifica, apesar de constatar que esta ainda é uma área frequentada maioritariamente por homens.

publico.pt – 3 de novembro de 2017

Secção – Sociedade

<https://www.publico.pt/2017/11/03/sociedade/noticia/em-portugal-o-assedio-continua-invisivel-1791205>

Em Portugal, o assédio sexual continua invisível

Enquanto num espaço de um mês, o mediático escândalo de Harvey Weinstein ajudou a expor centenas de casos de assédio sexual em diversas áreas – do cinema à moda, passando pela política –, por cá deram entrada apenas duas queixas de assédio sexual na Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego (CITE), do início do ano até julho. Em 2016 não houve uma única queixa e no ano anterior apenas uma. Apesar disso, um estudo referente ao ano de 2015 publicado pela mesma entidade, indica que 12,6% dos inquiridos já foi alvo de assédio sexual ao longo da sua vida profissional.

publico.pt – 3 de novembro de 2017

Secção – Atualidade

<https://www.publico.pt/2017/11/03/culturaipsilon/noticia/um-mes-de-caso-harvey-weinstein-1791196>

Um mês de escândalos de assédio sexual é o princípio de uma mudança cultural?

Outubro foi um mês de denúncias, e um mês negro em Hollywood. “Não acho que novembro vá ser mais bonito”, riposta ao PÚBLICO Alan Poul, produtor e realizador. Há um mês, o escândalo Harvey Weinstein era uma história sórdida de assédio e violência sexual que finalmente saía do território das conversas em surdina para um mundo que parecia mais preparado para o denunciar – e para acreditar nas suas alegadas vítimas. Hoje, quando o efeito Weinstein já é a demissão de um ministro britânico, de vários responsáveis em diferentes sectores e de milhões de mulheres (e homens) a dizer “Me Too”, esse mesmo mundo está preparado para mudar?

observador.pt – 7 de novembro de 2017

Secção - Nacional

<http://observador.pt/2017/11/07/ministro-de-gales-suspenso-por-assedio-sexual-foi-encontrado-morto-em-casa/>

Ministro de Gales suspenso por assédio sexual foi encontrado morto em casa

Carl Sargeant, até recentemente ministro do governo do País de Gales, foi encontrado morto esta terça-feira, em casa, dias depois de ser suspenso de funções acusado de assédio sexual. O político estava a ser investigado por “um conjunto de incidentes” envolvendo assédio a mulheres, que o acusaram de conduta imprópria. Carl Sargeant, que morreu aos 49 anos, tinha pedido uma investigação independente para “limpar o nome”.

tsf.pt – 8 de novembro de 2017

Secção - Nacional

<https://www.tsf.pt/sociedade/justica/interior/marcelo-quer-medidas-impedir-para-discriminacoes-inaceitaveis-sobre-mulheres-8902261.html>

Marcelo quer medidas para impedir "discriminações inaceitáveis" sobre mulheres

Presidente da República considera que são necessárias políticas públicas que levem à "igualdade de direitos entre a mulher e o homem". Ministra da Justiça diz que "há longo caminho a percorrer". Foram estas algumas das ideias expressas pelo chefe de Estado numa mensagem enviada à organização da conferência "A Reforma do Código Civil e a Igualdade de Género 1977-2017", promovida pela Associação Portuguesa de Mulheres Juristas (APMJ), e que foi lida pela presidente da Fundação Champalimaud, Leonor Beleza.

delas.pt – 8 de novembro de 2017

Secção - Atualidade

<https://www.delas.pt/efeito-trump-um-ano-de-casa-branca-um-ano-negro-para-as-mulheres/>

Efeito Trump: um ano de Casa Branca, um ano negro para as mulheres

8 de novembro de 2016. Há precisamente um ano, ninguém esperava que Donald Trump vencesse as eleições presidenciais norte-americanas e arredasse Hillary Clinton do mais poderoso cargo do mundo. Um ano volvido sobre essa noite que deixou o mundo boquiaberto, é tempo de analisar o legado que o empresário tem deixado sobretudo no que aos capítulos dos direitos e das mulheres diz respeito.

observador.pt – 13 de novembro de 2017

Secção - Mundo

<http://observador.pt/2017/11/13/metoo-marcha-em-hollywood-contra-o-assedio-sexual/>

#MeToo. Marcha em Hollywood contra o assédio sexual

Milhares de pessoas marcharam em Los Angeles, no passado domingo, em apoio às vítimas de assédio sexual. A campanha criada nas redes sociais, que tem a hashtag #MeToo como selo de identificação, serviu de inspiração a todos os que marcharam em Hollywood, ao longo da Sunset Boulevard. A marcha surge na sequência das muitas acusações de assédio sexual na indústria, uma bola de neve que tem vindo a ficar cada vez mais densa e que começou com a divulgação das primeiras notícias sobre a conduta inapropriada do produtor norte-americano Harvey Weinstein, entretanto acusado de assédio sexual por mais de 70 mulheres — incluindo mais de uma dezena de casos de alegada violação.

observador.pt – 15 de novembro de 2017

Secção - Cultura

observador.pt/2017/11/15/projeto-firsts-as-mulheres-lideres-que-estao-a-mudar-o-mundo-segundo-a-time/

Projeto "Firsts". As mulheres líderes que estão a mudar o mundo, segundo a Time

A revista norte-americana Time acaba de lançar um projeto sobre as mulheres que estão a mudar o mundo, "que testam os limites e estão a fazer deste planeta um lugar mais unido. Para isso, convidaram Luisa Dorr — uma fotógrafa brasileira de 22 anos — a fotografar 47 das mulheres mais influentes do mundo com recurso a um iPhone: "O nosso objetivo com o projeto 'Firsts' [em português, Primeiras] é que todas as mulheres e raparigas encontrem alguém cuja presença nos topos mais altos do sucesso lhes diga que é seguro subir. E que subam porque a vista é maravilhosa".

tsf.pt – 18 de novembro de 2017

Secção - Atualidade

<https://www.tsf.pt/sociedade/interior/casos-de-assedio-sexual-nos-eua-levantam-a-pergunta-e-por-que-nao-trump-8926468.html>

Casos de assédio sexual nos EUA levantam a pergunta: E por que não Trump?

Em tempos, Trump vangloriou-se: "Você pode fazer o que quiser", aludindo a beijar e apalpar mulheres que se encontravam desprevenidas, em situações de confiança. O então candidato presidencial, que fez a fanfarronada pública sobre apalpar as partes privadas das mulheres - mas negou que o tenha feito -, acabou eleito Presidente, meses antes de uma cascata de alegações de assédio sexual, que tem terminado com a carreira de homens poderosos em Hollywood, empresas, comunicação social e política.

tsf.pt – 23 de novembro de 2017

Secção - Nacional

<https://www.tsf.pt/lusa/interior/denuncias-de-assedio-sexual-apenas-no-comeco----diretora-da-onu-mulheres-8937675.html>

Denúncias de assédio sexual "apenas no começo" -- Diretora da ONU Mulheres

A diretora executiva da ONU Mulheres, Phumzile Mlambo-Ngcuka, considerou que a avalanche de denúncias de assédio sexual que atinge o mundo do cinema, da música ou televisão nos Estados Unidos está "apenas no começo". Em entrevista à agência de notícias francesa AFP, Phumzile Mlambo-Ngcuka afirmou que os comportamentos vão mudar depois de numerosas mulheres terem quebrado o silêncio para revelar as histórias ou expressar a sua vontade de ver o fim dos abusos. "Isto está a apenas a começar, penso que vamos ver muito mais mulheres a falar", sublinhou a responsável da ONU, acrescentando: "Elas querem exprimir-se cada vez mais".

observador.pt – 21 de novembro de 2017

Secção - Lifestyle

<http://observador.pt/2017/11/21/natalie-portman-garante-que-tem-100-historias-sobre-casos-de-assedio-sexual/>

Natalie Portman garante que tem “100 histórias” sobre casos de assédio sexual

Natalie Portman é a mais recente celebridade a juntar-se ao coro de vozes que, desde outubro, se tem insurgido contra os casos de assédio sexual em Hollywood. Esta segunda-feira, durante o Festival Vulture, em Los Angeles, a atriz disse já ter sido assediada ou discriminada em “quase todos os trabalhos” em que participou, apesar de não ter acontecido nada em concreto.

tsf.pt – 25 de novembro de 2017

Secção - Nacional

<https://www.tsf.pt/sociedade/interior/centenas-marcham-para-assinalar-dia-internacional-contra-a-violencia-domestica-8944167.html>

Centenas marcham em Lisboa contra a Violência Doméstica

Assinalando o Dia internacional contra a Violência Doméstica, a marcha começou com uma concentração no Largo do Intendente, em Lisboa, onde foram recordados **os nomes das 18 "caídas", as mulheres que morreram este ano em Portugal vítimas de violência** de companheiros ou ex-companheiros, e a forma como foram assassinadas.

observador.pt – 7 de dezembro de 2017

Secção – Nacional

<http://observador.pt/2017/12/07/mais-um-fotografo-de-moda-bruce-weber-acusado-de-assedio-sexual-por-dois-modelos/>

Mais um. Fotógrafo de moda Bruce Weber acusado de assédio sexual por dois modelos

Depois de Terry Richardson, outro grande nome da fotografia, Bruce Weber, de 71 anos, é envolvido num escândalo de assédio sexual. O fotógrafo, que trabalhou para a Vogue e contribuiu para marcas como a Calvin Klein e a Ralph Laurent, é acusado por dois modelos. Na semana passada, o modelo Jason Boyce acusava Bruce Weber de lhe ter tocado durante uma sessão fotográfica no seu estúdio, em 2014. Esta terça-feira, Mark Ricketson, que trabalhou para marcas como a Yves Saint Laurent e a Marc Jacobs, contou, num comunicado conjunto com Boyce, que Weber o assediou num contexto semelhante.

observador.pt – 8 de dezembro de 2017

Secção - Nacional

<http://observador.pt/especiais/a-lista-incompleta-dos-130-acusados-de-assedio-sexual-44-conhecidos-mais-36-nao-revelados-e-mais-50-desconhecidos/>

A lista (sempre incompleta) dos 237 acusados de assédio sexual. 51 conhecidos, 36 não revelados, e 150 desconhecidos

Há cerca de 400 pessoas a acusar outras 237 de assédio sexual: personalidades de Hollywood, políticos e gestores. O movimento #MeToo foi agora eleito Figura do Ano pela Time. Conheça todos os casos. (Este artigo foi originalmente publicado a 18 de novembro e republicado a 6 de dezembro na sequência da eleição do movimento #MeToo para figura do ano 2017 da Time)

observador.pt – 12 de dezembro de 2017

Secção - Nacional

<http://observador.pt/2017/12/12/assedio-empresas-norte-americanas-estao-a-optar-por-jantares-de-natal-sem-alcool/>

Assédio. Empresas norte-americanas estão a optar por jantares de Natal sem álcool

Harvey Weinstein foi o estreante. O fundador da Miramax e todo poderoso produtor foi o primeiro nome da onda de acusações de assédio sexual que atingiu Hollywood e se espalhou para o resto do mundo. Atores, realizadores, apresentadores, argumentistas, políticos: há um pouco de tudo na interminável lista de acusados. Com o impacto económico que um caso de assédio sexual implica em mente, as empresas norte-americanas estão a optar por organizar os típicos jantares de Natal sem bebidas alcoólicas.

Delas.pt – 13 de dezembro de 2017

Secção - Nacional

<https://www.delas.pt/esta-imagem-traduz-a-palavra-do-ano/>

Feminismo é a palavra do ano 2017

Esta é a palavra do ano de 2017 e a escolha foi feita pelo dicionário online norte-americano Merriem-Webster. Feminismo foi uma das palavras mais pesquisadas, tendo registado picos de procura no decorrer de factos da

atualidade como a marcha das mulheres, que teve lugar em janeiro, em Washington, nos Estados Unidos da América, e após a tomada de posse de Donald Trump como presidente.

dn.pt – 18 de dezembro de 2017

Secção - Sociedade

<https://www.dn.pt/sociedade/interior/ciencia-algoritmos-e-preconceitos-de-genero-8986662.html>

Ciência, algoritmos e preconceitos de género. Mulheres cientistas debatem oportunidades e caminhos do futuro em simpósio na Gulbenkian

Londa Schiebinger, professora e investigadora de história da ciência na Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, está habituada a fazer conferências e a dar entrevistas sobre o seu trabalho e foi isso que fez, há uns tempos, em Espanha. De regresso a casa, resolveu usar o Google Translate - "não falo espanhol", explica - para poder ler a entrevista que tinha dado a um órgão de comunicação social naquele país. "Fiquei chocada", recorda. Na tradução do texto para inglês, o pronome pessoal "ela" (she, em inglês) era automaticamente transformado em he (ele). "Dei-me conta de que o algoritmo para a tradução automática tem este enviesamento que assume a forma masculina por defeito

Tsf.pt – 18 de dezembro de 2017

Secção - Internacional

<https://www.tsf.pt/lusa/interior/embaixada-norte-americana-em-dili-retira-video-polemico-sobre-violencia-genero-8990062.html>

Embaixada norte-americana em Díli retira vídeo polémico sobre violência género

Inserido na campanha "16Days16Ways" (16 Dias, 16 Maneiras) - Eliminar Violência de Género em Timor-Leste, o vídeo mostra declarações de Duarte Bragança, diretor educativo municipal em Díli que diz que as raparigas estão proibidas de usar alguma roupa nas escolas para evitar violência de género. Numa nota divulgada na sexta-feira o Ministério da Educação e Cultura lamenta a polémica do vídeo "e esclarece que a mensagem do referido diretor é apenas uma opinião de carácter pessoal e não representa a posição deste ministério quanto ao assunto da violência de género".

Notícias Magazine – 18 de dezembro de 2017

Secção - Histórias

<https://www.noticiasmagazine.pt/2017/handmaids-tale/>

Handmaid's Tale: a série que assustou as mulheres americanas estreia hoje em Portugal

Mais de trinta anos depois do lançamento do livro de Margaret Atwood, «Handmaid's Tale» chegou à televisão. Com várias referências à presidência de Donald Trump, a história de uma sociedade futurista onde homens poderosos são legalmente autorizados a violar mulheres em nome do aumento da natalidade está a ser vista por algumas norte-americanas como um aviso do que pode acontecer quando o que julgavam impossível se torna normal. Ganhou este ano o Emmy de melhor série dramática.

observador.pt – 19 de dezembro de 2017

Secção - Nacional

<http://observador.pt/2017/12/19/facebook-apresenta-novas-ferramentas-para-prevenir-assedio-sexual/>

Facebook apresenta novas ferramentas para prevenir assédio sexual

O Facebook anunciou esta terça-feira novas ferramentas para prevenir o assédio naquela rede social, numa altura em que o tema é recorrente, sobretudo nos corredores de Hollywood. Com base nos comentários dos utilizadores do Facebook, bem como de organizações que representam grupos que experimentam desrespeitosamente o assédio, a rede social terá agora a capacidade de ajudar a prevenir contactos indesejados, como pedidos de amizade e mensagens, tendo em conta alguém previamente bloqueado que volte a contactar através de uma nova conta ou de outra conta que controle.

observador.pt – 20 de dezembro de 2017

Secção - Nacional

<http://observador.pt/2017/12/20/microsoft-abandona-politica-de-mediacao-forcada-em-casos-de-assedio-sexual/>

Microsoft abandona política de ‘mediação forçada’ em casos de assédio sexual

O presidente da Microsoft, Brad Smith, anunciou na terça-feira que este gigante tecnológico decidiu acabar com a “mediação forçada” nos casos internos de assédio sexual, uma prática amplamente seguida nas empresas dos EUA. A “mediação forçada” obriga a vítima e o assediador a chegar a um acordo interno, mantendo o caso dentro de portas e longe dos tribunais e da opinião pública. Os senadores Lindsey Graham, republicano, e Kirsten Gillibrand, democrata, apresentaram no início do mês um projeto de lei que proibia a “mediação forçada”, por considerarem que protege o assediador, que continua a trabalhar na empresa, na maior parte dos casos.

tsf.pt – 21 de dezembro de 2017

Secção - Nacional

<https://www.tsf.pt/lusa/interior/parlamento-aprova-avaliacao-de-impacto-na-igualdade-de-genero-das-decisoes-publicas-9002294.html>

Parlamento aprova avaliação de impacto na igualdade de género das decisões públicas

A Assembleia da República aprovou hoje um projeto de lei para que seja assegurada uma avaliação do impacto na igualdade de género das normas aprovadas pela administração pública e os órgãos de soberania.

delas.pt – 29 de dezembro de 2017

Secção – Atualidade

<https://www.delas.pt/metoo-o-acontecimento-de-2017-que-mudou-as-mulheres/>

#MeToo: o acontecimento de 2017 que mudou as mulheres

Afinal, estávamos ainda a dois meses daquela que seria uma das maiores – se não mesmo a maior – campanha viral do planeta, alicerçada nas denúncias de assédio sexual, ao abrigo da palavra de ordem #MeToo. Uma corrente que poderia libertar metade das mulheres do mundo e que lhes daria a possibilidade de ver a justiça ser feita sobre quem abusou delas. Um movimento que não só é o acontecimento do ano de 2017, como promete continuar a ser central em 2018.

ANEXO 2

Entrevistas CAPAZES	Profissão (2018)	Idade (2018)	link da entrevista no youtube da plataforma	Data da entrevista	Número de visualizações em 25/02/2018
Ana Rocha	realizadora, atriz	39	https://youtu.be/O0hRwtVDq9c	05/03/2015	8 825
Ana Vidigal	pintora	57	https://youtu.be/L52RfQyCbkw	01/01/2015	6 128
Assunção Esteves	jurista	61	https://youtu.be/UkdKDzD12mY	19/02/2015	8 633
Blaya	bailarina, cantora	30	https://youtu.be/QdUXrPBfs44	02/07/2015	79.501
Capicua	cantora	36		24/12/2014	24.094
Cláudia Semedo	apresentadora, atriz, locutora, jornalista	35	https://youtu.be/F_EseyJy5-Q	18/06/2015	6 807
Daniel Carvalho		25	https://youtu.be/a3IGSUN_4_g	14/05/2017	7 680
Isabel Moreira	deputada	42	https://youtu.be/AuD7_S_8SVs	12/03/2015	12.152
Jessica Athayde	atriz	32	https://youtu.be/8DOO9XHa-_I	08/07/2015	87.511
Leonor Beleza	presidente Fundação	69	https://youtu.be/sJzKHVbS1QA	23/09/2015	4 801
Manuel Luís Goucha	apresentador	63	https://youtu.be/lekjdWHnAck	04/01/2016	79.422
Maria Elisa	jornalista /escritora	68	https://youtu.be/iA66rfNGV7U	27/08/2015	9 584
Raquel Prates	artista plástica, apresentadora, galerista	42	https://youtu.be/QgdTRyz89w8	03/09/2015	10.859
Simone de Oliveira	atriz, cantora	80	https://youtu.be/rREDolQ30Cc	04/11/2015	24.076
Teresa Morais	deputada	58	https://youtu.be/Yr0cFoiUoyA	30/04/2015	4 381
Teresa Ricou	Direção do Chapitô (escola, companhia de teatro)	71	https://youtu.be/LvwoZqlrFxc	28/05/2015	3 419

Grupo 1 – geração antes da Democracia assinalado a amarelo

Grupo 2 – geração após a Democracia assinalado a azul

ANEXO 3

